

A
COLONIZAÇÃO ALEMÃ
NO
VALE DO MUCURI

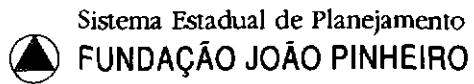
Contrato firmado entre a República Federal da Alemanha, através do Ministério das Relações Exteriores, e a Fundação João Pinheiro em julho de 1991, para a realização da pesquisa da "Imigração alemã no Vale do Mucuri".



Fundação João Pinheiro. Centro de
Estudos Históricos e Culturais.
A Colonização Alemã no Vale
do Mucuri. - Belo Horizonte, 1993.
162 p.

CDU 325.14(430:815.1 - O Vale

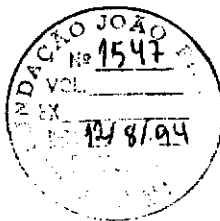
MT
325.14(430:815.1-Vale do Mucuri)
C7191



Centro de Estudos Históricos e Culturais

**A
COLONIZAÇÃO ALEMÃ
NO
VALE DO MUCURI**

Belo Horizonte
Junho de 1993



Coleção **MINEIRIANA**

A Coleção Mineiriana tem por objetivo organizar e editar obras consideradas básicas para a memória e cultura de Minas Gerais. É composta pelas séries Clássicos, Obras de Referência, Estudos e Ensaios, Municípios e Regiões.

F.J.P. - BIBLIOTECA



60001547

NAO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Sistema Estadual de Planejamento
Alameda das Acácias, 70
São Luís/ Pampulha
31.275-150 - Belo Horizonte
Caixa Postal 2210 CEP 30.160-040
Telefone (031)443-7733 - Telex (031)1302FJPI
FAX (031)441-1509

CONSELHO EDITORIAL

Affonso Ávila
Affonso Romano de Santana
Aluísio Pimenta
Amílcar Vianna Martins Filho
Ângela Gutierrez
Ângelo Oswaldo
Antônio Octávio Cintra
Bernardo Novais da Mata Machado
Celina Albano
Ciro Siqueira
Clélio Campolina Diniz
Douglas Cole Libby
Edgar de Godoi da Mata Machado
Fábio Lucas
Fábio Wanderley Reis
Fernando Correa Dias
Francisco Iglésias
Gerson de Britto Mello Boson
Guy de Almeida
Hélio Gravatá
Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz
Isaías Golgher
Jarbas Medeiros
João Antônio de Paula
José Aparecido de Oliveira
José Bento Teixeira de Salles
José Ernesto Ballstaedt
José Israel Vargas
José Monteiro de Castro
José Murilo de Carvalho
Júlio Barbosa
Lucília de Almeida Neves Delgado
Luís Aureliano Gama de Andrade
Maria Antonieta Antunes Cunha
Maria Efigênia Lage de Resende
Miguel Augusto Gonçalves de Souza
Norma de Góis Monteiro
Octávio Soares Dulci
Orlando M. Carvalho
Paulo de Tarso Flecha de Lima
Paulo Roberto Haddad
Paulo de Tarso Almeida Paiva
Pio Soares Canêdo
Roberto Borges Martins
Roberto Lúcio Rocha Brant
Rui Mourão
Vera Alice Cardoso
Vivaldi Moreira
Walter Moreira Salles

EQUIPE TÉCNICA

SUPERVISÃO

Bernardo Novais da Mata Machado

COORDENAÇÃO

Jussara França

IDEALIZAÇÃO

Alda Freire Soares de Sá

ELABORAÇÃO

Ellen Fensterseifer Woortmann (Consultora)

Jussara França

Myriam Mousinho Furtado Gomes (Consultora)

PESQUISA

Alda Freire Soares de Sá

Ellen Fensterseifer Woortmann

Jussara França

Maria Amélia Torres Cordeiro

Myriam Mousinho Furtado Gomes

Roseli Raquel Aguiar Freire dos Santos

FOTOGRAFIA

Cristiano Quintino

CONCEPÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA

Márcia Britto

COPIDESQUE
Afonso Celso Gomes
Alda Freire Soares de Sá
Jussara França

NORMALIZAÇÃO
Helena Schirm

DESENHO
Francisco Baptista Teixeira

APOIO ADMINISTRATIVO
Beatriz Campos Guimarães
José Ronaldo dos Santos
Mauro de Oliveira Pessoa

TRANSCRIÇÃO
Maria Aparecida Rezende Fonseca
Marina Procópio de Oliveira

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Amilcar Fernandes

FOTOLITO
Imprensa Oficial

IMPRESSÃO
Rona

AGRADECIMENTOS

Jornalista Augusto Pereira - Teófilo Otoni
Dr. Avantino Jorge Magalhães (FENORD) - Teófilo Otoni
Sr. Arnaud Froede - São Jacinto - Teófilo Otoni
Sr. Arthur Lankammer - Francisco Sá, Teófilo Otoni
Sra. Adelaide Roedel Mendes - Teófilo Otoni
Sr. Carlos Ziemer - Teófilo Otoni
Dr. Cid Ferreira Lopes - Belo Horizonte
Pastor Conrad Faustino de Nascimento - Teófilo Otoni
Dra. Dalva Neumann Keim (FENORD) - Teófilo Otoni
Sr. David Wittich - Alto São Jacinto, Teófilo Otoni
Sra. Edelweiss Roedel Dutra - Belo Horizonte
Sra. Elfrida Zimmer - Teófilo Otoni
Sra. Emília Schaper Pimenta - Belo Horizonte
Sra. Gerda Hollerbach Froede - São Jacinto, Teófilo Otoni (APJ)
Padre Giovanni
Sr. Guilherme Neumann - São Jacinto - Teófilo Otoni
Sra. Hilda Haueisen Freire - Teófilo Otoni
Sra. Hildegard Ruppín - Francisco Sá, Teófilo Otoni
Sra. Ingeborg Starich - Cedro, Teófilo Otoni
Prof. Ivan Renner - Teófilo Otoni
Sr. Júlio Almeida Haueisen - Teófilo Otoni
Sra. Júlia Haueisen Freire - Teófilo Otoni
Prof. Libório Zimmer - Teófilo Otoni
Dr. Luiz Soares Leal - Teófilo Otoni
Sr. Marcos Soares Junqueira - Belo Horizonte
Sr. Mardônio Gonçalves Cotta - Teófilo Otoni
Sra. Maria Clélia Haueisen - Teófilo Otoni
Sra. Maria José Haueisen Freire - Belo Horizonte
Sra. Maria Isabel Caetano Ziemer - Teófilo Otoni
Dr. Mauro Roedel Mendes (FENORD) - Teófilo Otoni
Sra. Milca Sônia Rohn - Teófilo Otoni
Dr. Noé Rodrigues - Teófilo Otoni
Pastor Orlando Schmidt - Teófilo Otoni
Dr. Paulo Rocha Brant - Belo Horizonte
Sr. Pedro Ursine Kretli - Belo Horizonte
Sr. Rubem Somerlate Tornich - Teófilo Otoni
Sra. Rosa Rothe - Teófilo Otoni
Sr. Ricardo Ruppín - Teófilo Otoni
Sr. Roberto Nogueira (Pró-Informática) - Belo Horizonte
Dra. Regina Molina - Teófilo Otoni
Dra. Sandra Rodarte (BDMG) - Belo Horizonte
Pastor Walter Schlupp - Teófilo Otoni
Sra. Wilma Roedel Schlupp - Teófilo Otoni

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Dr. Nelson de Figueiredo

membro de Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais - Belo Horizonte, pela abertura do acervo de documentos escritos e iconográficos.

APRESENTAÇÃO



com satisfação que entregamos ao público o primeiro número da série "Estudos e Ensaios" da **Coleção Mineiriana**, iniciativa da Fundação João Pinheiro (FJP), através do seu Centro de Estudos Históricos e Culturais (CEHC). Esta série dedica-se à publicação de trabalhos inéditos, avaliados como contribuição original ao conhecimento da história e da cultura mineira. A Coleção inclui ainda outras três séries: "Mineiriana/Clássicos", dedicada à reedição de obras raras, consideradas fundamentais para a historiografia; "Mineiriana/Obras de Referência", que engloba Dicionários Históricos, Inventários de Fontes, Biografias, Cronologias, Relatos de História Oral e outros documentos; e a série "Mineiriana/Municípios e Regiões".

A relevância deste trabalho - Colonização Alemã no Vale do Mucuri - reside em sua originalidade. Existem poucos estudos referentes ao processo de imigração e colonização em Minas Gerais e este é, certamente, uma contribuição significativa. Revela-se particularmente importante por tratar de uma região pouco conhecida - o nordeste mineiro.

A realização da pesquisa, feita na Fundação João Pinheiro, foi possível graças a um convênio firmado com o Governo da República Federal Alemã, através de sua Embaixada no Brasil.

A Fundação João Pinheiro espera que a este lançamento sigam-se outros, tão ou mais expressivos.

Bernardo Mata Machado
Diretor do CEHC

SUMÁRIO

v
CONSELHO EDITORIAL

vii
EQUIPE TÉCNICA

xi
APRESENTAÇÃO

1
INTRODUÇÃO

9
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

15
CONFIGURAÇÃO DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XIX

19
POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL E EM MINAS GERAIS

25
A PARTICIPAÇÃO DE TEÓFILO BENEDITO OTONI NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO EM MINAS GERAIS

33
A SITUAÇÃO DO INDÍGENA NO VALE DO MUCURI

SUMÁRIO

43

CRISE EUROPEIA E IMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX

51

CARACTERIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO MUCURI EM SUA PRIMEIRA FASE

73

CRESCIMENTO E URBANIZAÇÃO DE TEÓFILO OTONI NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

83

CARACTERIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO MUCURI EM SUA SEGUNDA FASE

101

REFLEXOS DA SEGUNDA GUERRA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DOS ALEMÃES

109

DESESTABILIZAÇÃO ECONÔMICA NOS ANOS 30 E 40 E SUA REPERCUSSÃO NA COLÔNIA ALEMÃ

125

SURGIMENTO DE NOVOS PÓLOS REGIONAIS E DECLÍNIO DE TEÓFILO OTONI

147

CONCLUSÕES

155

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



INTRODUÇÃO



pesquisa referente à Colonização Alemã no Vale do Mucuri baseou-se num levantamento de informações que abrangem o período de 1856, ano da chegada dos primeiros imigrantes, até os dias atuais.

O Vale do Mucuri ¹ está situado no Nordeste mineiro e Sul da Bahia. O rio Mucuri, que nasce com o nome de Mucuri do Sul, próximo à cidade de Malacacheta, recebe vários afluentes, sendo o mais importante o Todos os Santos, que banha a cidade de Teófilo Otoni, quando passa, então, a ser chamado apenas de Mucuri. Tem uma extensão de aproximadamente 300 quilômetros e desagua no Oceano Atlântico, próximo à cidade que leva o seu nome, no Estado da Bahia, distando a sua foz pouco da divisa dos estados da Bahia e do Espírito Santo.

No panorama geral da imigração ² norte-européia no Brasil, Teófilo Otoni recebeu os seus primeiros imigrantes num período situado entre os dois grandes fluxos migratórios, correspondentes a 1824, no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, e 1864, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Contrastando com estas duas regiões, onde houve entrada maciça de imigrantes, o número dos que se destinaram ao Mucuri pode ser considerado significativamente menor.

Para Teófilo Otoni ocorreram dois grandes movimentos imigratórios em dois momentos distintos - 1856 e 1922. Para caracteriza-los, utilizou-se, neste trabalho, o termo "leva", expressão já assimilada e incorporada ao vocabulário da região e também utilizada em algumas obras consultadas. Segundo o Novo Dicionário do Aurélio ³, o termo "leva" significa: "1. ato de levantar âncora para navegar; 2. alistamento de tropa, recrutamento. O "ato de levantar âncora" está associado à idéia da partida, enquanto o "recrutamento" está associado à política imigracionista que, através de propaganda atraiu um significativo número de pessoas. Estas duas idéias, entretanto, não esgotam o conteúdo do termo, uma vez que "leva" incorpora, ainda, uma noção de tempo. "Leva" significa, assim, um fluxo migratório ocorrido em resposta a uma política de imigração circunscrito a determinado período de tempo. É exatamente com esta conotação que ele é empregado na região e utilizado neste trabalho. A "primeira leva" compreende, assim, o fluxo imigratório ocorrido em 1856 e anos subseqüentes. A "segunda leva" corresponde ao fluxo ocorrido em 1922 e 1924.

Os imigrantes que se dirigiram para Teófilo Otoni permaneceram relativamente isolados das demais áreas de imigração do País, inclusive o Espírito Santo, geograficamente próximo.

A localização do Vale do Mucuri e o número relativamente menor de imigrantes que para lá se dirigiram parecem ter contribuído para dar-lhe uma conotação periférica em relação às demais áreas de colonização. Isto é percebido pela ausência de informações existentes sobre o tema, verificando-se uma certa

1 Nome de origem indígena, da nação dos Botocudos, refere-se a uma árvore encontrada na Mata Atlântica, que dá um fruto amarelado com forma de pêssego, de excelente aroma e sabor.

2 Parte do fenômeno migratório que discute o ponto de vista da entrada de grupos, famílias e pessoas para viver no país anfitrião.

3 FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 833

invisibilidade do Mucuri quanto ao processo de imigração geral no Brasil.

As numerosas publicações, mesmo as de boa qualidade, pouco se referem à colonização no Mucuri, e quando o fazem, é tão-somente "en passant".

É interessante observar que também no Mucuri a colonização sofreu, internamente, processo análogo de invisibilização, no que se refere à segunda "leva". Nas publicações e na memória local a ênfase toda está na primeira leva, ao passo que a segunda é pouco ou nada mencionada. Os próprios autores locais dão um tom épico aos acontecimentos dessa primeira fase da colonização, registrando o que a memória local associa como período heróico. Reteve-se, seletivamente, e detalhadamente, fatos, eventos e situações ocorridos desde a chegada dos pioneiros. Quanto a estes, inclusive, há registros cujos dados só foram completados recentemente, ao passo que da segunda leva, paradoxalmente, não restou mais do que uma simples relação de nomes, possivelmente incompleta.

Tendo em vista a inexistência de outras fontes, as entrevistas realizadas com imigrantes deste último período constituem-se em informações fundamentais para a reconstituição das experiências vividas neste processo.

Assim sendo, um dos pontos fundamentais desta investigação refere-se à uma contribuição para o resgate dessa memória, até então mantida apenas oralmente e restrita ao âmbito de algumas famílias.

Identifica-se, ainda, uma espécie de amnésia estrutural no que diz respeito às experiências passadas na Europa pelos imigrantes. Fenômeno comum também em outros grupos de imigração alemã.

A memória da imigração em Teófilo Otoni, em especial a da segunda "leva", está se perdendo no tempo, e o presente trabalho permite, sobretudo através do registro das narrativas, a composição de alguns fragmentos, resgatando-os da memória individual ou familiar, levando-os a fazer parte não só da memória dos descendentes de alemães habitantes da região mas, também, contribuindo com os estudiosos da colonização por migração.

Numa caracterização sumária, pois mais adiante este tema será retomado, a primeira "leva" de imigrantes foi composta, basicamente, por pessoas originárias de áreas rurais, aldeias ou, mesmo, pequenas cidades da Alemanha, Suíça, Holanda, Bélgica, França e região da Alsácia-Lorena. Tal como sua origem, sua instalação também foi diversificada. Aproximadamente, de acordo com as áreas de origem, os grupos foram sendo instalados em colônias às margens de rios: os alemães, em sua maioria, ao longo de São Benedito e São Jacinto; holandeses, franceses e belgas, nas margens do Urucú; e os suíços e alsacianos, ao longo do rio Santo Antônio.

A primeira "leva" de imigrantes do Mucuri, ao contrário dos imigrantes de outras áreas de colonização alemã, manteve-se aberta ao contato com outros imigrantes locais, independentemente da origem. Assim é que houve, no decorrer desse processo, um grande número de casamentos inter-étnicos com portugueses, italianos, chineses e outros.

A primeira "leva", assim como a segunda, experimentou o refluxo de pessoas insatisfeitas e desiludidas com a situação desfavorável encontrada. As dificuldades dos primeiros tempos foram inúmeras. A região era coberta por matas virgens, habitadas por indígenas. Os alemães desconheciam a flora, a fauna, o idioma e ressentiam-se do clima úmido e tropical. A distância dos centros urbanos,



Casa de imigrantes

a falta de recursos e a própria inadaptabilidade ao meio ambiente afugentaram muitos colonos, que abandonaram o Mucuri e se dirigiram para outras áreas de colonização, sobretudo o sul do País.

A segunda "leva" contrastou significativamente com a primeira quanto à composição. A maior parte do seu contingente era formado por saxões originários de áreas já em processo de urbanização e por pessoas vindas da cidade de Berlim; portanto, metropolitanas. Estes grupos, de forma indistinta, foram instalados nas colônias de Francisco Sá, Cedro e outras em "grotões", isto é, locais de difícil acesso, nas depressões das montanhas, e não muito favoráveis à agricultura.

A tendência neste último grupo, dado o isolamento que se lhes foi imposto, foi de, ao menos na primeira geração, predominarem os casamentos intraétnicos, inclusive com endogamia de local. Nas gerações seguintes, os que se mantiveram na área rural, passaram a realizar casamentos também inter-étnicos com descendentes de italianos, portugueses e africanos. Este aspecto parece ter sido fundamental no processo de integração dos alemães no Mucuri, como se verá mais adiante.

Em várias situações, serão apresentadas óticas distintas para um mesmo fenômeno, encontrando, o leitor, alguma sobreposição. Ela, no entanto, é proposital e constitui a ênfase necessária e complementar a determinado tema. O texto está dividido em 15 seções; na seção 2 apresentam-se alguns tópicos da metodologia adotada.

Na seção 3, apresenta-se uma configuração da situação de Minas Gerais

do séc.XIX em seu contexto sócio-econômico, onde serão instalados os imigrantes.

Na seção 4, é discutida a política de imigração adotada pelos governos imperial, provincial e estadual no período republicano.

Na seção 5, é analisada a participação do político e empresário Teófilo Benedito Otoni no processo de colonização realizado por particulares.

Na seção 6, discute-se a situação dos indígenas da região do Vale do Mucuri e outros vales próximos em sua relação com os brancos antes, durante e após a chegada dos imigrantes.

Na seção 7, discute-se a situação da Europa no sec. XIX e os fatores que contribuíram para a emigração⁴, em geral, e para o Vale do Mucuri, em especial. Ademais, são analisados aspectos da lógica da emigração e da imigração sob a ótica dos projetos europeus e brasileiros.

Na seção 8, dentro de uma concepção historicamente orientada, conduz-se a discussão num sentido linear de caracterização e acompanhamento de alguns dos elementos e fatos que configuraram a imigração alemã. Enfatiza-se, principalmente, a primeira leva, sua chegada e atuação de seus descendentes na região. Nesta parte, há também uma abordagem mais econômica, onde constrói-se a mesma realidade a partir de dados quantitativos. Este panorama corresponde ao que, numa perspectivaêmica, ou seja, segundo a ótica do próprio grupo estudado, é percebido como o período de florescimento da imigração, de seus desdobramentos e da região.

Na seção 9, aborda-se o desenvolvimento da região nos primeiros anos do século XX, seu intercâmbio com o Rio de Janeiro, os melhoramentos na infra-estrutura urbana da cidade de Teófilo Otoni. Por outro lado, contextualiza-se a nova corrente migratória da década de 1920 - a "leva" de 1922/24 - no panorama da Alemanha do pós-guerra.

Na seção 10, enfoca-se a chegada dos imigrantes e a sua adaptação ao novo ambiente. Destacam-se: problemas com a língua, o clima, a alimentação, a saúde, o transporte, as atividades produtivas, as atividades lúdicas, os sistemas de solidariedade, os casamentos, a religião, a educação, dentre outras.

Na seção 11, trata-se dos reflexos da II Grande Guerra em Teófilo Otoni, das restrições ocorridas quanto ao uso da língua alemã, da consolidação do processo de integração da segunda "leva", do desmatamento como alternativa econômica, do início das políticas de qualificação profissional para o campo e do deslocamento do papel de polo regional de Teófilo Otoni para Governador Valadares.

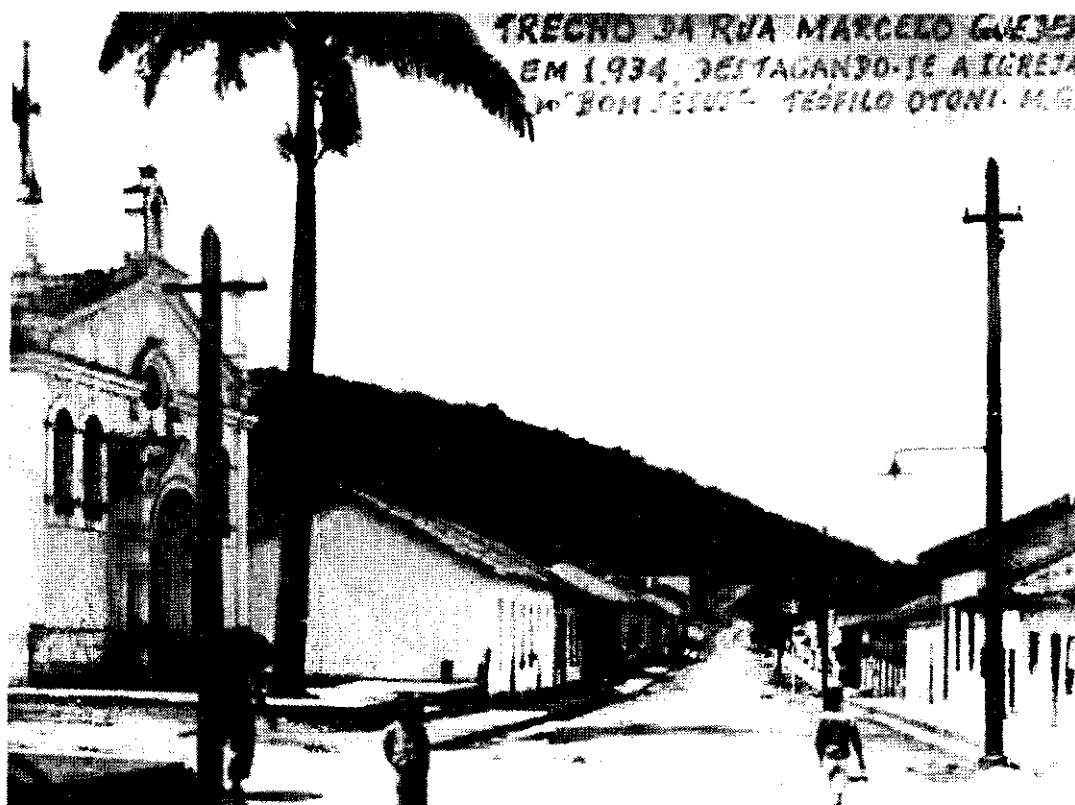
Na seção 12, são abordados problemas relativos à desestabilização econômica gerada pela crise do café entre os imigrantes, a busca de alternativas de sobrevivência, a caracterização econômica dos colonos, novos fluxos migratórios em direção a outras áreas de colonização alemã no Brasil e o retorno para a Alemanha.

Na seção 13, são analisados o declínio gradativo da região do Mucuri, especialmente do município de Teófilo Otoni, o inchaço populacional da cidade

4 Parte do fenômeno migratório que discute o ponto de vista da saída de grupos, famílias e pessoas de seu país de origem. No caso em pauta, países da Europa.

decorrente do êxodo de outras áreas decadentes, o crescimento desordenado da cidade, a falta de infra-estrutura básica, a ausência de atividades geradoras de emprego, a degradação do solo em consequência do desmatamento descomedido etc. Abordam-se, também, as opções encontradas pela população local, que se orientam, basicamente, em duas direções: uma interna, que busca um aperfeiçoamento das técnicas de produção objetivando à melhoria de vida da área rural; outra, externa, que abandona a região em busca de melhores perspectivas profissionais e de vida.

Finalmente, conclui-se o relatório com uma análise comparativa entre a colonização no Mucuri e outras áreas de imigração alemã no País, tais como o Vale dos Sinos e o Vale do Itajaí.





CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS



e acordo com Paul Ricoeur, o passado é o tempo das ações (e de sofrimentos) dos nossos semelhantes, e deve ser salvo do esquecimento, através do relato. Considera que a vida dos indivíduos, suas experiências narradas, demonstra um vínculo analógico entre tempo comunitário e tempo individual ⁵. Seguindo essa linha de interpretação, utilizou-se a narrativa na pesquisa de campo em Teófilo Otoni e adjacências como testemunho da colonização e influência alemã naquele território do Nordeste mineiro.

Apesar da proposta inicial sugerir a seleção exclusiva de algumas pessoas diretamente ligadas por laços de parentesco aos primeiros colonizadores, decidiu-se ampliar o número de depoimentos e, assim, além dos membros das famílias de descendência alemã, ouviram-se outros indivíduos da comunidade, de origens diversas.

Os entrevistados deixaram clara a analogia entre a estrutura do tempo histórico e do tempo individual, pois, apesar das diferenças entre os vários relatos, percebe-se uma semelhança entre identidade narrativa pessoal e identidade narrativa comunitária. Realmente, *“é no elemento da linguagem, conduzida por suas estruturas simbólicas, que seguimos a constituição progressiva da experiência cultural do tempo”*. ⁶

Os levantamentos realizados em campo e em documentos refletem, em larga medida, a perspectiva êmica. ⁷ Os depoimentos apresentam ênfase no século XIX e, em menor grau, até a década de 1950, o que corresponde ao período de instalação, crescimento e desenvolvimento do Vale do Mucuri, e ao processo de urbanização da cidade de Teófilo Otoni.

Em contrapartida, houve sérias dificuldades para obtenção de dados sobre as últimas três décadas. Elas são vistas, ainda dentro de uma perspectiva êmica, como o período que corresponde à decadência qualitativa da cidade sob dois aspectos: do ponto de vista da herança tradicional alemã e do processo de urbanização de Teófilo Otoni.

Associa-se à esse período de inchamento da cidade, a imagem de uma avalanche, resultante da invasão desordenada de migrantes nordestinos, da desestruturação dos serviços públicos, do aparecimento e desenvolvimento de favelas, do desemprego e da violência.

Considerando as circunstâncias da instalação das duas levas e o contraste entre a realidade de origem e a encontrada no Brasil, percebe-se que o impacto pode ter sido de magnitude semelhante para ambas. Pessoas rurais para uma selva sendo desbravada, e pessoas urbanas instaladas em “grotões” ⁸ isolados.

A partir dessa perspectiva, em vários momentos, a equipe assumiu, conscientemente, a possibilidade de fazer uma projeção, uma reconstrução da

5 RICOEUR, P. O tempo relatado. **Correio da UNESCO**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 5-9, jan. 1991

6 *ibid.*, p. 9.

7 Perspectiva em que se enfatiza a ótica dos agentes sociais, quer dizer, dos entrevistados.

8 Grotões - Pequenos vales em terrenos montanhosos, formados pela ação erosiva dos rios ou riachos, geralmente em depressões úmidas e sombrias.

realidade do século passado a partir da realidade vivida pelos entrevistados da "leva" de 1922/24.

Vale ressaltar que, mesmo considerando as circunstâncias e o pouco tempo de realização do trabalho de campo, a receptividade e a acolhida que o Projeto e seus integrantes tiveram foi extraordinária. Na raiz dessa receptividade está mais do que uma simples hospitalidade local.

O projeto veio ao encontro de um anseio da população teófilo-otonense - e não só dos descendentes dos imigrantes - no sentido de levantar e preservar a memória local. As atitudes das pessoas refletem, em larga medida, esta boa vontade, essa abertura e disponibilidade em colaborar: o corpo docente da FENORD, que se ofereceu para colaborar, indicando nomes e fontes de pesquisa; pastores, que dispuseram de seu tempo fornecendo informações e dados; profissionais liberais, que se ofereceram para dar entrevistas, dispensando, inclusive, clientes com hora marcada; pessoas que, em plena Sexta-Feira Santa, telefonaram para complementar dados anteriormente fornecidos.

O interesse chegou a ponto de ser oferecido, tanto na cidade quanto na área rural, acolhida à equipe, a fim de que as entrevistas pudessem ser prolongadas. Havia como que uma "sede de falar". Configura-se, inclusive, entre os habitantes, uma situação de ansiedade frente à possibilidade de a memória se perder e de os dados e documentos virem a ser destruídos. Da segunda leva, por exemplo, ainda existem algumas pessoas que, tendo chegado ao Brasil quando crianças, guardam todo um passado de forma muito viva. São pessoas ansiosas por levar às novas gerações suas experiências e as de seus pais, contribuindo, com suas lembranças, para a passagem de uma memória oral para uma memória escrita.

Possivelmente esse excepcional interesse esteja ligado à constituição de uma identidade contrastiva⁹, que busca o resgate do passado.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas três viagens a Teófilo Otoni: a primeira, de contatos com informantes-chave, tratou do levantamento preliminar de dados e da preparação para a pesquisa de campo; as duas seguintes, ocorridas em fases diferentes do projeto, tiveram a duração de dez dias cada uma. A primeira fase de entrevistas foi direcionada para pessoas de diferentes inserções na sociedade local, tanto urbana quanto rural, buscando cobrir um número representativo de informantes, bem como a consistência das informações. Nesta oportunidade, foram entrevistados, além de imigrantes e descendentes das duas levadas, pessoas representativas da sociedade local sem vínculo direto com o processo de migração alemã.

Na segunda visita a campo, foram realizadas entrevistas especialmente com imigrantes da segunda leva, visando a um aprofundamento das questões abordadas. A memória dos entrevistados permitiu a introdução de riqueza de detalhes dificilmente alcançados em outras fontes de informações não-orais.

Além destas entrevistas realizadas em Teófilo Otoni, foram entrevistados, ainda, alguns descendentes de alemães que nasceram e se criaram em Teófilo

9 Identidade contrastiva - Identidade construída a partir de contrastes e oposições.

Otoni, mas que atualmente residem em Belo Horizonte.

A tônica das entrevistas foi o resgate da memória dos imigrantes alemães. Neste sentido, o objetivo das entrevistas realizadas com não-alemães ou não-descendentes foi, tão-somente, uma contextualização do processo de colonização.

A discussão sobre o processo de construção da identidade dos imigrantes, questão importante nos estudos sobre imigração, não é parte central deste trabalho. Dada a sua importância para o estudo dos processos de imigração, no entanto, a sua análise poderia vir a ser um desdobramento deste projeto.

Foram utilizados diversos recursos metodológicos na pesquisa, tais como: entrevistas (60 horas de gravação); pesquisa em fontes primárias (jornais, revistas, relatórios, livros de época) e secundárias (Arquivo Público Mineiro, bibliotecas públicas e particulares); pesquisa, seleção e reprodução iconográfica (150 reproduções de fotos antigas em preto-e-branco) pesquisa, seleção e produção de 100 fotos em cores e em preto-e-branco de pessoas e situações do campo e da cidade e detalhes de Teófilo Otoni.

Apesar de estar bastante descaracterizado, o município ainda guarda, na sua arquitetura, algumas velhas construções dignas de serem registradas não apenas pelas linhas germânicas da construção mas, principalmente, pela sua importância histórica na comunidade local.

As diversas informações cotejadas - escritas, orais e iconográficas - permitirão alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, refazendo o tempo através da memória, não apenas repetindo o que foi feito mas utilizando-o para compreensão do agora.



Chalé estilo alemão situado no antigo bairro dos alemães.

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
MEMÓRIA TÉCNICA

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
MEMÓRIA TÉCNICA



CONFIGURAÇÃO DE
MINAS GERAIS NO
SÉCULO XIX



o decorrer dos anos 900, a província de Minas Gerais sofreu importantes transformações nos planos político, econômico e sócio-cultural.

Do ponto de vista político, o período foi extremamente fértil, com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil e posterior independência, bem como a formação dos partidos políticos Liberal e Conservador, que se revezaram no poder durante o Império.

Já nas primeiras décadas do século, algumas medidas decorrentes da transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, tais como a Carta Régia e o Alvará de 1808, liberando a atividade industrial, estimularam a diversificação econômica.

Em Minas, surgiram várias pequenas indústrias utilizando recursos e potencialidades locais. A existência de grande quantidade de minério de ferro favoreceu o aparecimento de forjas para a confecção de instrumentos para mineração, lavoura, utensílios domésticos e armas de pequeno porte. Em 1864, existiam 120 ferrarias em funcionamento. As indústrias têxteis também foram beneficiadas e, apesar de funcionarem em bases primitivas, construíram o alicerce do desenvolvimento do setor a partir de 1870, já que as novas fábricas não passavam da ampliação das pequenas manufaturas domésticas. Entre 1870 e 1880, existiam 29 fábricas de tecidos espalhadas pela Província de Minas Gerais. As incipientes indústrias beneficiaram-se da política de proteção aduaneira por parte do governo Imperial; da progressiva passagem do sistema de trabalho escravo para o trabalho livre; da ampliação do mercado consumidor, devido ao crescimento demográfico, da ausência de concorrência de produtos externos, por causa do isolamento geográfico decorrente da distância em relação aos principais portos (Rio de Janeiro e Santos); e da precariedade do sistema viário e de transportes.

A pecuária também constituiu atividade relevante, e seu desenvolvimento estimulou o aparecimento de diversas fabricas que produziam subprodutos, utilizando o couro e o leite, tais como arreios, queijos, requeijão, manteiga e outros.¹⁰

Mas o predomínio das atividades agrícolas não significou ausência da atividade mineradora. Na verdade, a crise deste setor deu-se a partir do esgotamento do ouro aluvional, mais acessível aos mineradores locais. Porém, o ouro existente nas serras continuava inexplorado, pois exigia recursos técnicos e investimentos mais elevados. Assim que o rompimento do pacto colonial franqueou a entrada do capital estrangeiro, este infiltrou-se em forma de investimento, privilegiando três setores: financeiro, transportes e mineração.

No período entre 1822 e 1892, havia 22 companhias estrangeiras em Minas Gerais, as inglesas predominando com 12 delas.

O setor de transportes também foi beneficiado por medidas adotadas por D. João VI, que contribuíram para a ocupação e o povoamento de áreas até então habitadas apenas por indígenas. Tais medidas consistiram na concessão de

10 FRANÇA, J. M. Itabira: um perfil de sua história. In BARROS, J. de, REIS, R. D. dos (Coord.) *No tempo do Mato Dentro*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1986. p. 11-22.

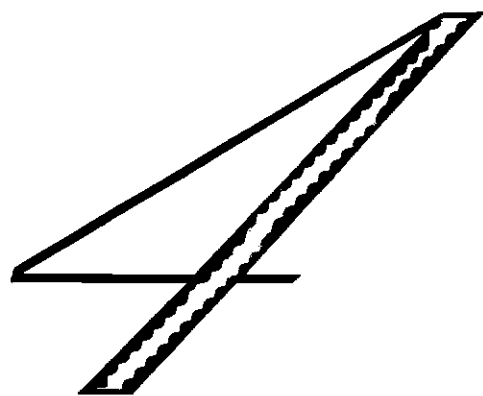
privilégios ¹¹ para a abertura de estradas ligando Minas Gerais ao Rio de Janeiro, visando ao abastecimento da cidade e de sesmarias ¹² ao longo das estradas, de modo a povoa-las e torna-las produtivas. Essa política estimulou a ocupação do Vale do Paraíba, da Zona da Mata Mineira, e do Vale do Mucuri, estas últimas constituídas, até então, em cinturão de mata como forma de evitar os descaminhos do ouro. Estas áreas adotaram a cultura do café como base econômica não só para abastecimento do Rio de Janeiro mas também para exportação, o que permitiu a integração de Minas, novamente, ao mercado externo.

Finalmente, a política econômica no período imperial contribuiu para o desenvolvimento de inúmeras iniciativas na província de Minas Gerais que, mesmo isoladas, geraram muitos ganhos internos. Dentre estes, destaca-se a ocupação de novas áreas, a partir de uma política de colonização por imigrantes, em projetos de participação conjunta do governo e da iniciativa privada. Esta última constituía-se numa incipiente classe empresarial cujo capital era fruto do florescente comércio da província com o Rio de Janeiro.



Terreiro de café.

- 11 Privilégio - Termo empregado no sentido de permissão especial, referindo-se a uma concessão para prestação de serviços, instituição bastante comum no período do Brasil-Império.
- 12 Sesmarias - Lote de terra cedido pelos reis de Portugal a pessoa que se dispusesse a cultivá-lo, durante o período colonial brasileiro.



POLÍTICA DE
IMIGRAÇÃO NO BRASIL
E EM MINAS GERAIS



Festa de casamento entre colonos.

Paralelamente à política de transportes implantada no Império, foi desenvolvida uma política de imigração no Brasil, iniciada logo após a ruptura dos laços de dependência com Portugal em 1822. Essa política migratória objetivava, principalmente, promover o branqueamento racial do País, garantir-lhe a segurança territorial e fortalecer a economia de mercado.

A proposta de branqueamento racial pretendia quebrar a hegemonia demográfica das populações de origem africana, através da introdução de contingentes populacionais europeus, tendo em vista que a população, constituída em sua maioria por escravos, não tinha "todas as virtudes sociais" necessárias a um "povo ideal", *"apto ao trabalho e à prosperidade"*.¹³

A preocupação com a segurança territorial visava sobretudo o Sul do País, em função da Guerra Cisplatina de 1811. De fato, em 1824, logo após a Independência do Brasil, foram introduzidos os primeiros colonos na região Sul. Estes foram instalados em áreas rurais, próximas a grandes núcleos urbanos, dedicando-se a produção de hortifrutigranjeiros, para abastecimento das populações urbanas.

Outro objetivo da política de imigração era contribuir para o fortalecimento do incipiente processo capitalista nacional. Como parte da nova raciona-

13 AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites - séc. XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 37.

lidade econômica desse sistema estaria a substituição da força-de-trabalho escrava pela mão-de-obra livre.

Os resultados do projeto de imigração foram diferenciados conforme as diversas regiões do País. Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, por exemplo, obtiveram um número significativo de imigrantes, com resultados mais satisfatórios. Já em Minas Gerais, a colonização foi relativamente modesta. Segundo dados da sinopse do recenseamento de 1890, do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, a população estrangeira residente em Minas naquele ano correspondia apenas a 1,4% do total da população, enquanto em São Paulo os imigrantes representavam 5,4% dos habitantes.

Alguns obstáculos dificultaram maior ousadia nos investimentos relativos ao projeto de imigração, verificando-se uma certa oscilação desta prática, com momentos de ruptura e retomada em todo período posterior ao final do Império. Tal fato deveu-se, principalmente, à falta de recursos financeiros do País. Mas outros obstáculos também contribuíram para restringir a imigração. O mercado consumidor limitado, decorrente do predomínio da economia exportadora não era atraente aos imigrantes que se dedicavam à economia de mercado interno. A estrutura fundiária baseada no latifúndio monocultor também foi prejudicial ao imigrante, em geral pequeno proprietário, pois o latifúndio ocupava as terras de melhor localização.

As oscilações da política de imigração fizeram-se presentes já nos últimos anos do Império, quando o decreto n 7 550, de 20 de dezembro de 1879, suspendeu a subvenção oficial à imigração. Esta subvenção só foi retomada mais tarde, sob o regime republicano, quando a iniciativa da imigração foi transferida para os governos estaduais pela lei n 126 A, de 21 de novembro de 1892.

Em Minas Gerais, durante a Primeira República (1889-1930), o governo tinha como meta utilizar o programa de imigração para colonizar regiões até então não integradas ao sistema estadual. Este programa estabelecia a construção de núcleos ao longo de ferrovias e rodovias, próximos aos centros urbanos, de modo a garantir o abastecimento e a fixação do colono ao solo.

Havia duas categorias de lotes coloniais: os urbanos, destinados ao povoamento das cidades, e os rurais, destinados à lavoura e ao abastecimento. Os primeiros foram concedidos, preferencialmente, a mestres de oficina e artífices, de modo a incrementar as pequenas indústrias e o comércio local. Já os rurais foram direcionados aos imigrantes que tivessem família e mostrassem aptidão para a lavoura.

Nessa época, foram estabelecidos diversos núcleos coloniais na capital mineira (Belo Horizonte), e municípios da Zona da Mata e do Sul de Minas. A região Norte do Estado quase não recebeu imigrantes dada a falta de infra-estrutura adequada exigida por lei. Esta infra-estrutura viária situava-se, basicamente, nas áreas produtoras de café.

Paralelamente à imigração promovida oficialmente, ocorreu a imigração espontânea, não-subsencionada, na qual o imigrante arcava com todas as despesas de viagem e instalação. Esta, contudo, foi menos expressiva que a oficial.

No decorrer da Primeira Grande Guerra, o processo migratório sofreu nova ruptura, mas logo a seguir foi retomado em função da crise vivida na Europa. No Brasil, por sua vez, a situação da Guerra favoreceu o incremento das atividades

econômicas, com o aparecimento de vários pequenos focos de indústrias em todo o País, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Estas áreas receberam maiores contingentes de imigrantes, a exemplo de poloneses e alemães do Volga no Paraná. Pequeno contingente dirigiu-se para a região Centro-Oeste do País tanto nesta época quanto no período posterior à Segunda Grande Guerra, mas esta última foi espontânea e não fez parte, portanto, de uma política oficial de imigração.

Também não fez parte de um programa oficial a imigração de espanhóis e portugueses, que se estabeleceram, sobretudo, em centros urbanos de maior porte.

No Sul do País, os imigrantes desenvolveram grande diversificação da produção agrícola e introduziram importante atividade agroindustrial, como fábricas de vinho branco (a partir de cepas alemãs), cerveja, calçados, tecidos etc., com introdução de novas técnicas de cultivo e fabricação, além da introdução de maquinário tanto para a agroindústria quanto para a metalurgia.

Em Minas Gerais, a estabilidade econômico-financeira nos primeiros anos do século XX permitiu a criação, em 1919, de oito núcleos coloniais, dentre eles o de Francisco Sá, em Teófilo Otoni.

A política de colonização em Minas iniciou-se com a Lei Imperial n 514, de 28 de outubro de 1848. Segundo Norma de Góes Monteiro:

*"(...) da colaboração do Governo Imperial e Provincial com particulares foram constituídas sociedades ou companhias de colonização para entrada de imigrantes e criação de núcleos coloniais, localizados, de preferência, às margens de ferrovias e estradas de rodagem em construção. Inicialmente, além da prestação de serviço nas obras, através do trabalho assalariado, tinha o colono direito ao acesso à terra, tornando-se pequeno proprietário. Propunha-se o governo a chegar a dois resultados: mão-de-obra disponível e povoamento de Minas, através da contribuição estrangeira".*¹⁴

Enquanto em Minas a política de imigração teve forte conteúdo de povoamento do solo como forma de desenvolver a agricultura, tornando os colonos proprietários das terras que cultivavam, São Paulo utilizou o imigrante como força-de-trabalho nas lavouras de café, mas as propriedades não eram deles.

Em Minas Gerais, no ano de 1856, duas companhias dirigidas por particulares, associadas ao governo provincial, foram responsáveis pela introdução de imigrantes na Zona da Mata e no Vale do Mucuri: a Companhia União e Indústria, de Juiz de Fora, e a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri. Ambas introduziram famílias de imigrantes, em sua maioria de origem germânica, para a construção de estradas naquelas regiões.

No Mucuri, antes mesmo da chegada dos imigrantes, em 1854, foi criada a colônia militar do Urucú, por decreto imperial, visando garantir a segurança dos

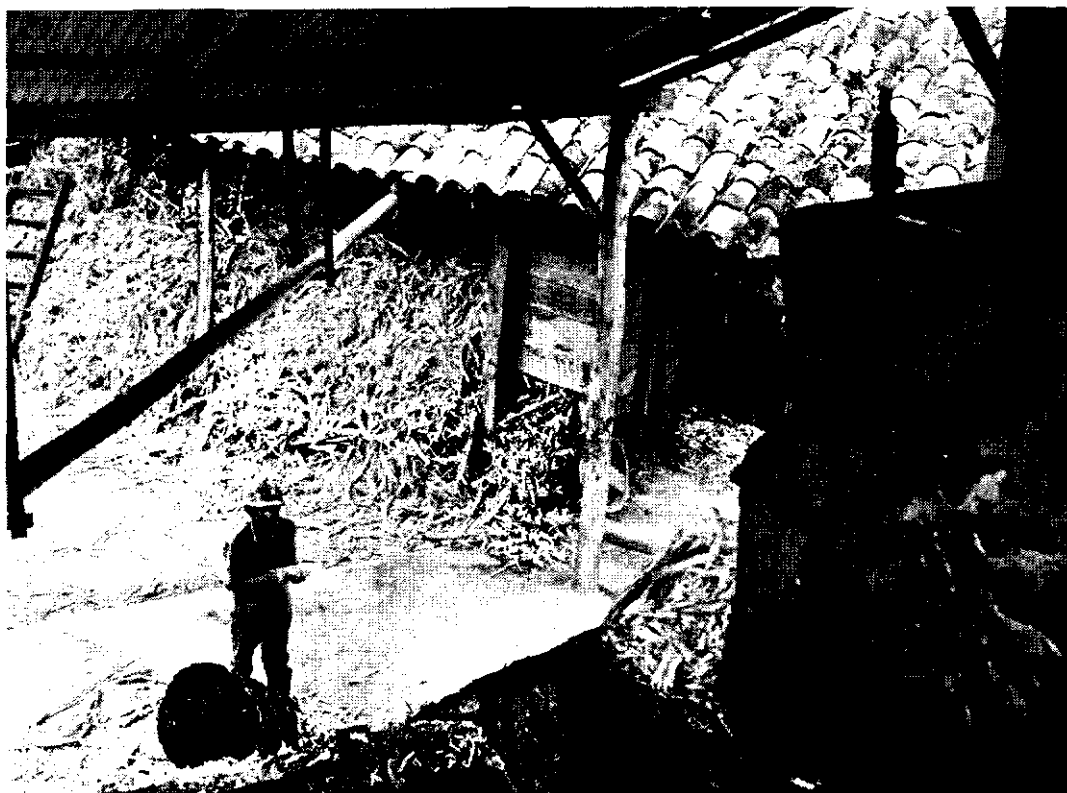
14 MONTEIRO, N. de G. *Imigração e Colonização em Minas Gerais 1889-1930*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.

viajantes que transitavam na estrada que ligava Filadélfia (atual Teófilo Otoni) a Santa Clara (atual Nanuque).

A partir da década de 1940, praticamente não existiu um programa de imigração por parte dos governos federal e estaduais. A única exceção relevante encontra-se no projeto de povoamento do Planalto Central, com a construção da nova capital federal, quando foram convidados agricultores japoneses para construir o cinturão agrícola de Brasília, ali chegando em 1956.

É interessante observar que a política de colonização no século XX abriu-se mais aos países asiáticos, como a China e o Japão, ao contrário do período imperial que dava preferência aos europeus.

É importante destacar que a prática de colonização por imigrantes, que concedeu privilégios ao estrangeiro, não foi acompanhada por uma política equivalente de assentamento de colonos nacionais. Um programa dessa natureza teria sido fundamental para a integração econômico-social da população livre do País, sobretudo após a extinção do trabalho escravo.



Alambique Arnould Froede

5

A PARTICIPAÇÃO DE
TEÓFILO BENEDITO
OTONI NO CONTEXTO
DA IMIGRAÇÃO EM
MINAS GERAIS



Teófilo Benedito Otoni

N

ascido no Serro, em 27 de novembro de 1807, Teófilo Benedito Otoni teve formação técnica na Marinha, ingressando na política em 1835, quando elegeu-se deputado pela Assembléia Provincial. Três anos mais tarde, já participava da Assembléia Geral e lutava pela manutenção de importantes conquistas liberais como, por exemplo, maior descentralização do poder.¹⁵

Ao longo do Segundo Reinado, ocorreram grandes disputas entre os dois maiores partidos políticos do País - o Liberal e o Conservador -, e Teófilo Otoni destacou-se como liberal. Em 1842, participou de uma revolução em Minas Gerais contra a dissolução da Câmara Liberal, e foi mantido como preso político por 18 meses.

Durante sua carreira política, empreendeu diversos estudos ferroviários e fluviais em Minas Gerais, com o intuito de integrar economicamente as diversas regiões da Província e ainda dar-lhe uma saída para o mar pois, para ele, a única maneira de garantir a soberania política do País era fazendo sua integração econômica com participação da livre iniciativa, da livre empresa e do trabalho livre.

15 FERREIRA, G. **Os bandeirantes modernos**. S.l.:s.n., 1934

Em suas propostas, encontram-se vários traços da racionalidade capitalista, tendo sido um homem de visão bastante progressista para a época. Empresário bem sucedido no comércio de tecidos, Teófilo Otoni conhecia bem o momento e as necessidades de sua terra. Sabia que Minas Gerais sofria grave problema de integração econômica e de transportes. O Vale do Jequitinhonha, região onde nasceu, poderia ter ligação com o mar, por um caminho que atravessasse a Bacia do Mucuri. Esta região fazia parte da Mata Atlântica e necessitava, em primeiro lugar, ser desbravada e povoada, para, então, integrar-se economicamente à Província.

Segundo o historiador José da Paz Lopes,

"A visão de Teófilo Otoni era a de um homem empreendedor. Político, homem de negócios, empresário, reuniu em Minas Gerais todo o espírito de Mauá¹⁶ e foi, no séc XIX, quem mais enxergou a nova Minas em toda sua pujança. Mais. Como sertanista e tropeiro, conheceu toda a sua área de influência palmo a palmo. Como revolucionário, teve a lucidez da necessidade da ousadia. E como empresário encarnou o espírito capitalista mineiro".¹⁷

Em 1847, Teófilo Otoni fundou a Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri, com capital aberto, contando com o apoio dos governos Imperial e Provincial.



Apólice da Companhia do Mucuri.

Pela resolução do governo Imperial, a Companhia do Mucuri recebia importantes concessões, a saber:

"1 - Monopólio da navegação a vapor do porto de São José do Porto Alegre (atual Mucuri) aos da Baía e do Rio de Janeiro;

2 - Monopólio da navegação a vapor e outros no rio Mucuri e afluentes;

3 - Direito de cobrar do governo o valor das obras realizadas, após quarenta anos, ou de continuar o privilégio por mais outros;

16 Mauá - Irineu Evangelista de Souza Mauá (1813-1889). Empresário, industrial e político brasileiro, constitui importante exemplo da incipiente classe empresarial brasileira no período Imperial. Político de formação liberal, Mauá foi pioneiro em vários empreendimentos nacionais nos setores de transporte (ferrovias, navegação fluvial); infra-estrutura urbana (iluminação, abastecimento de água e gás, construção de diques e canais); financeira (fundação de bancos no país e no exterior).

17 LOPES, J. P. Minas, o século XIX, Teófilo Otoni e o progresso econômico. *Revista do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 1981. p. 14.

- 4 - Concessão de dez léguas de testada por uma de fundo para estabelecimento da colonização;
- 5 - Permissão para abrir estradas do armazém superior da Campanhia (Filadélfia) para Minas Novas, Serro e Diamantina, com direito de cobrar pedágio;
- 6 - Isenção por oitenta anos dos impostos provinciais;
- 7 - Obrigação, por parte do governo, de não permitir a abertura de outras estradas que conduzissem às margens do rio Mucuri e da barra do rio Todos os Santos para cima;
- 8 - Construção de um quartel nas matas do Mucuri e obrigação de lá conservar trinta praças da Força Pública para proteger a Companhia contra os selvagens".¹⁸

De posse da resolução imperial e dos privilégios¹⁹, o primeiro trabalho empreendido pela companhia foi a desobstrução do rio Mucuri que, ao contrário do que se imaginava, não era navegável em toda sua extensão. A Companhia, que objetivava o comércio por via fluvial, foi obrigada a construir a estrada ligando Santa Clara, na divisa de Minas com a Bahia, ao ponto considerado estratégico para as suas operações, meio do caminho até a Vila de Minas Novas. Ali foi fundado o povoado de Filadélfia, atual Teófilo Otoni, como ponto central de suas atividades.

Ao penetrar na selva, em 1852, Teófilo Otoni tratou de conquistar a confiança dos índios que ali habitavam, dentre eles os Botocudos, dando-lhes comidas e ferramentas, sendo considerado um dos primeiros a adotar uma política de integração dos índios na província de Minas. Foi pioneiro, também, na adoção do trabalho livre em substituição ao escravo, através de uma política imigracionista, sobretudo de alemães que, além dos trabalhos de construção da estrada, seriam encarregados de povoar o Mucuri.

Outra medida adotada pela Companhia nos primeiros anos, foi atrair a população pobre dos vales dos rios Doce e Jequitinhonha, através da doação de terras para a lavoura e pecuária, visando suprir de alimentos os trabalhadores da empresa.

Em relatório aos acionistas da Companhia, Teófilo Otoni refere-se a este fato da seguinte forma:

"(...) 1851 eu escrevi uma circular a diversos fazendeiros que desejava atrair para o Mucury, oferecendo-lhes da parte da Companhia uma sesmaria de meia légua de terras se quizessem vir afazendar-se nas vizinhanças da estrada; e alguns se aproveitaram desta oferta, e estão estabelecidos no Mucury, em terras que a Companhia lhes fez doação".²⁰

18 CHAGAS, P. P. **Teófilo Otoni, ministro do povo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. p. 154-155.

19 Privilégio - termo empregado no sentido de permissão especial, referindo-se a uma concessão para prestação de serviços, instituição bastante comum no período do Brasil-império.

20 OTTONI, T. B. **Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury em 1 de outubro de 1858**. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve E. C., 1858.



Casa de Teófilo Benedito Otomi em Filadélfia.

Mesmo assim, as dificuldades de abastecimento da região naquele tempo eram imensas, e os próprios trabalhadores tinham que dar um tempo de sua jornada para o plantio de roças de subsistência, desmatando a densa floresta.

Os imigrantes chegaram, em 2 de junho de 1856, ao porto de Santa Clara. O maior grupo era constituído por alemães oriundos das regiões da Prússia e da Saxônia. Vieram também suíços, portugueses, italianos, belgas, holandeses, chineses e espanhóis, entre outros.

A medida que a estrada avançava, iam sendo construídos armazéns ao longo do caminho, bem como contratados ranchos próximos para servirem de estações de pouso e abastecimento aos trabalhadores e viajantes. O primeiro armazém ficava em São José do Porto Alegre (atual Mucuri), na foz do rio Mucuri, litoral da Bahia, onde havia também casa de hospedagem para colonos e passageiros. De lá até Santa Clara (atual Nanuque), a viagem se dava por navegação fluvial, e havia um armazém, um rancho para tropas, uma oficina para carros, uma tenda de ferreiro e acomodações para os empregados. Entre Santa Clara e Filadélfia, a viagem era feita por estrada de rodagem, e existiam outros armazéns, ranchos e acomodações. O percurso, após a conclusão da estrada, durava ao todo 12 dias, de São José do Porto Alegre até Filadélfia.

Segundo relata Frei Samuel Tetteroo,

"Em 1857 a estrada foi solenemente inaugurada com o chegarem os primeiros carros de quatro rodas, uns puchados por bestas outros por bots, condu-



Fazenda Santa Clara de propriedade de Julius Hauelsen.

zindo sem interrupção de Santa Clara a Philadelphia mercadorias importadas do Rio de Janeiro (...) A extensão total da estrada ficou com vinte e sete léguas²¹ e meta".²²

Minas Novas, Peçanha, Araçuaí, Capelinha etc., de modo a integrar os vales Jequitinhonha e Doce ao Vale do Mucuri.

Segundo relatório apresentado aos acionistas, em 1859, Teófilo Otoni refere-se ao aumento populacional na região decorrente do trabalho da Companhia. Diz ele:

"A Companhia já attrahiu para as matas adjacentes do NO e sobretudo do SO de Philadelphia uma população considerável. A Capelinha da Graça em 1853 era um curato da freguesia de Minas Novas, com cerca de 3.000 habitantes, e o anno passado foi elleuada a freguesia, com 12 000 habitantes (...) Orço em mats de 20 000 almas o movimento da população attrahida pellas estradas e commercio que a Companhia do Mucury levou aquellas paragens".²³

Todas as estradas regionais visavam a via principal construída pela navegação a vapor no rio Mucuri, que ligava o Norte de Minas ao mar, transportando trabalhadores e colonos, mantimentos e ferramentas.

Em 1859, começaram as dificuldades financeiras da Companhia. As solicitações de financiamentos não foram atendidas pelo governo, composto por

21 Léguas - medida equivalente a 6000 metros.

22 TETTEROO, S. *O município de Teófilo Otoni: notas históricas e chorographicas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1922. p. 16.

23 OTONI, T. B., op. cit. nota 19, p. 31.

maioria conservadora, e acabou por ser encampada no ano de 1860. Teófilo Otoni não teve alternativa, e foi obrigado a transferir para o governo da província, como pagamento de suas ações, parte das terras do Mucuri.

Dois anos após perder a Companhia de Comércio e Navegação, Teófilo Otoni voltou à vida política, no Rio de Janeiro, sendo nomeado senador, em 1864, para ocupar a vaga deixada pela morte de Diogo de Vasconcelos. Cinco anos depois, no dia 17 de outubro de 1869, faleceu, vítima de "intoxicação miasmática" adquirida no Mucuri, segundo diagnóstico médico.

Embora Teófilo Otoni não tenha conseguido levar a termo seu empreendimento, seu trabalho alargou a fronteira agrícola de Minas e possibilitou seu enriquecimento cultural com a presença de povoadores de diversas nacionalidades. O fracasso de sua iniciativa, em decorrência da insuficiência de capital, era inevitável num País dependente de recursos estrangeiros, carente de empresários e de empreendimentos de vulto, num momento onde o capitalismo ensaiava os primeiros passos. Mas sua importância reside no fato de ter sido a primeira tentativa de planejamento realizada na Província, associando interesses políticos e econômicos do governo e do empresariado.

Apesar de o povoamento do Mucuri ter se dado relativamente tarde, seu território despertou a atenção dos exploradores desde os primórdios da colonização do Brasil. Em 1550, já circulavam notícias a respeito da existência de uma "serra resplandecente", ou "Serra das Esmeraldas", naquela área. Inúmeras expedições passaram por lá, tentando verificar a veracidade das informações: a de Martim de Carvalho, a de Sebastião Fernandes Tourinho, a de Antônio Dias Adorno, a de Fernão Dias Paes Leme. Este último, conhecido como "O Caçador das Esmeraldas", encontrou uma mina de turmalinas e julgou ser esmeraldas, próxima à lagoa Vupabussu, ou lagoa da Água Preta, localizada no atual município de Itambacuri. Entretanto, estas explorações não provocaram o povoamento da região, em função da presença de indígenas.

A historiografia cita o Mestre de Campo João Guimarães como o habitante mais antigo daquela área, que estabeleceu fazenda no ano de 1752, na localidade de Pedra D'Água, às margens do Mucuri. O segundo mais antigo habitante seria o Sr. Antônio José Coelho, da fazenda do "Campo".²⁴

Posteriormente, durante o século XIX, outras expedições foram realizadas, tais como a de Teixeira Guedes e a do engenheiro Pedro Vítor Renault. Mas, apesar das expedições terem marcado a presença de pedras preciosas e semipreciosas na região, o povoamento só se deu a partir da ação particular de Teófilo Otoni, apoiado pelo Governo da Província, num momento em que interesses políticos e econômicos exigiam a abertura de novas fronteiras agrícolas.

Curiosamente, a exploração destas pedras só se deu mais tarde, e não se constituiu em atividade predominante entre os primeiros colonizadores do Mucuri.

Segundo um entrevistado, "os alemães ficaram em cima de um tesouro sem saber".

24 FERREIRA, G., op. cit. nota 15.



BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
MEMÓRIA TÉCNICA

A SITUAÇÃO INDÍGENA NO VALE DO MUCURI

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
MEMÓRIA TÉCNICA



Índio Botocudo.

A

o serem instalados no Vale do Mucuri, os imigrantes europeus entraram num palco de constantes conflitos entre brancos e representantes de dois grupos indígenas distintos: os Machacalis e os Botocudos.

Os Machacalis, definidos pelos portugueses como "índios mansos", habitavam o vale do rio Jequitinhonha, onde foram rapidamente aldeados e postos a serviço dos brancos como escravos ou soldados na luta contra os Botocudos.²⁵

Já os temidos Botocudos, aos quais se atribuía a antropofagia, são descritos²⁶ como vivendo nus, tendo boa compleição física, sendo que "perfuram as orelhas e os lábios inferiores, introduzindo no orifício um pedaço cilíndrico de pau, que vão substituindo por outros cada vez mais grossos de modo a adquirirem um aspecto estranho e repulsivo". Eram,

por isso, denominados pelos Machacalis de "epcoseck", isto é, grande-orelha. O físico ameaçador dos botocudos, se infundia medo e terror aos demais, não evitava que estes, por sua vez, temessem os "Krenton" que, na sua linguagem, significa português civilizado, mas também gente má.²⁷

Ao contrário dos dias de hoje, em que vivem sedentários em poucas aldeias, no século XIX, os Botocudos eram numerosos. Viviam em pequenos bandos, nômades, liderados por um chefe, no interior da Mata Atlântica, nos vales dos rios Doce, São Mateus e Mucuri, onde subsistiam da caça e da coleta. A disputa por territórios com bandos vizinhos, grupos indígenas distintos ou brancos e os ataques realizados contra núcleos urbanos asseguraram-lhes a fama de índios "violentos, traiçoeiros, implacáveis com seus inimigos", sendo considerados

25 RUBINGER, M. et al. **Índios Maxacali, resistência ou morte**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

26 WIED-NEUWIED, M. **Viagem pelo Brasil nos anos de 1815 a 1817**. São Paulo: Edusp, Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

MARCATO, J. A repressão contra os Botocudos em Minas Gerais. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 1, 1979.

27 EMMERICH, C., MONSERRAT, R. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos: notas bibliográficas. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 3, 1980

inimigos da Coroa Portuguesa, a ponto desta declarar-lhes “guerra justa”. A partir do ataque à recém-fundada Peçanha, no vale do Suaçuí, após 1760, os conflitos com eles se intensificaram, o que reteve o avanço das frentes brancas mineradoras e pastoris.

Em 1845, Barbosa D’Almeida, comandou um destacamento cuja incumbência era instalar uma colônia militar que protegesse o caminho do Mucuri ao mar, dos ataques indígenas. Esses ataques eram resposta à legislação em vigor, pautada no modelo joanino, que incentivava práticas dos brancos contra os indígenas, como as que são enumeradas por Teófilo Otoni em carta de 1858 ao intelectual Joaquim Manuel de Macedo, e que acirravam ainda mais os conflitos:

“- cães especialmente tretnados na caça ao Botocudo, alimentados com carne de indígenas assassinados;

- ‘bandeiras’ especialmente preparadas para matar uma aldeia, assassinando-se indiscriminadamente homens, mulheres, velhos e moços, reservando-se apenas as crianças para o tráfico e alguns homens para carregadores;

- índios recrutados como soldados estimulados a cometerem violências contra os Botocudos, dando prova de renegar suas origens;

- destacado líder da comarca de São Mateus, militar, como organizador de expedição contra indígenas do Espírito Santo, detentor da façanha de trazer como despojos trezentas orelhas de índios assassinados;

- comércio de crianças - 1 ‘kuruk’ valendo uma espingarda - e de cabeças de Botocudos mortos em combate - 16 delas foram vendidas a um francês, que disse tê-las comprado para o Museu de Paris em 1846;

- índios sob regime de trabalho escravo, espoltados de suas terras, doentes e mal alimentados;

- contaminação proposital de comunidades inteiras através de agentes patogênicos letais para o indígena - sarampo, por exemplo”.²⁸

Em 1847, segundo Emmerich e Monserrat²⁹, Teófilo Otoni empreende sua primeira expedição ao Mucuri e seus afluentes, tendo contactado vários grupos deles: os Pojichá, no rio Todos os Santos; os Giporock, no rio Urucú; os Porohum e Bakuês, perto da cachoeira de Santa Clara e no São Mateus. A entrada neste cenário de lutas desta família de liberais inaugurou uma nova proposta de relações brancos/indígenas na região, da qual decorreu quase uma década de relativa tranquilidade. Da constituição da Companhia do Mucuri aos princípios orientadores de sua instalação e atividades na área do mesmo nome, desenvolveu-se uma prática indigenista inédita, como mostra o Relatório de 1861 ao Presidente da Província do então Diretor dos Índios do Mucuri, Augusto Otoni, do qual transcrevemos alguns trechos:

28 MARCATO, S., op. cit. nota 26, p. 18.

29 EMMERICH, C., MONSERRAT, R., op. cit. nota 27.



Índias da região.

"Acettando o lugar de diretor dos índios deste distrito, para que fui nomeado em 1852 (...) eu nada mais fiz do que preservar constante nas instruções que como agente da companhia do Mucuri havia recebido.

V.Excia. conhece a transformação maravilhosa porque tem passado nestes últimos anos as cabidas³⁰, outrora indomáveis, dos índios do Mucuri.

Para um tal resultado muitas causas contribuíram.

A liberalidade e profusão com que os índios foram obsequitados nos seus primeiros encontros com o diretor da Companhia, e que continuaram nos seus primeiros tempos, sempre que os índios apareceram nas estações da companhia, tiveram sem dúvida um influxo feliz...

Comecet, da maneira a mais formal, reconhecendo a plena propriedade dos índios à posse da terra que ocupavam, e as adjacentes só foram apossadas pela companhia ou por particulares com licença e aquiescência das diversas tribos... e para resguardar-lhes o direito para o futuro, todas fiz registrar em Minas Novas na forma da lei(...)

(...) Em vez de dar como em princípio tudo que pediam, passou-se a comprar tudo o que eles traziam, tivesse ou não utilidade, contanto que lhes tivesse custado trabalho. Hoje já fazem comércio constante de couros de veado, canas, batatas e outros insignificantes objetos, além de se chegarem para

30 Grupo de pessoas.

trabalhar nas roças vizinhas.

Para dar-lhes o incentivo que os levasse a trabalhar e para guardar-lhes o direito, anunciei a todos os habitantes do distrito que ninguém podia trabalhar com os índios sem pagar-lhes de jornal uma pataca...

Outra providência escrupulosa e geralmente cumprida é a proibição de tomar aos índios os filhos para os conservar em mal disfarçada escravidão, ou para os remeter para longes terras, ora como mercadoria de comércio, ora como presente de festas que se costuma em outros lugares fazer aos potentados. Cuido poder asseverar a V.Excia. que, do meu distrito e durante minha direção ainda não saiu um indiozinho (curuca)(...)." ³¹

Como parte das preocupações do Governo Provincial em promover a segurança dos colonos, foi fundada a Colônia Militar do Urucú (atual Carlos Chagas), contemporânea à instalação de Filadélfia.

Com a chegada, em 1856, dos colonos europeus, episódios de roubos, ameaças e lutas ocasionais contra os Botocudos foram contornados, por uma política de constante apaziguamento e esforço de mútua aceitação por parte da direção da recém-aberta colônia. Contudo, tanto para os colonos quanto para os fazendeiros, que foram instalando cafezais ou fazendas de gado, os índios, especialmente os Botocudos, continuaram representando ameaça, perigo, imaginário este alimentado pela tradição de luta que sempre houve em toda região. É o que descreve o depoimento atribuído ao imigrante Baldow:

"Nessa época, as matas ainda estavam infestadas de índios, sempre hostis, pertencentes à tribo dos Botocudos. Em certa ocasião um bando deles atacou uma família de portugueses, residentes às margens do rio Barreado. Exigiram que se lhes desse um machado. Uma vez de posse dele, usaram-no para esfacelar a cabeça do jovem que o entregara, e em seguida, trucidaram o restante da família. Só uma moçoila de 16 anos, mesmo atingida por uma flecha, conseguiu fugir, aproveitando a confusão do momento... Por muitos anos as viagens pela estrada de Santa Clara a Filadélfia, só podiam ser feitas à noite (quando o indígena se recolhe)". ³²

A força da presença indígena na região, aliás, é evidente ainda hoje pela quantidade de palavras, em geral topônimos, que foram incorporadas ao vocabulário dos colonos alemães e seus descendentes: Nanuque, Itambacuri, Poté, Mucuri etc.

Numa situação secular de hostilidades recíprocas, não se poderia esperar que a trégua fosse mantida, em tão curto prazo, por iniciativa de tão poucos. O afastamento de Teófilo Otoni do empreendimento, por motivos de saúde, já em 1860, seguido de outros que comungavam de suas idéias pacifistas, fez com que recrudescessem as lutas. Nos depoimentos do Pastor Johannes Leonarhard Holler-

31 EMMERICH, C., MONSERRAT, R., op. cit. nota 27, p. 49-50.

32 ROTHE, M. et al. **100 anos de colonização alemã em Teófilo Otoni**. Ijuí: Correio Serrano, 1956. p. 54.

bach, por exemplo, são constantes as menções sobre o medo dos que tinham de viajar pelas matas durante o dia devido ao perigo de ataque, de nunca cruzá-las sem a companhia de tropeiros ou outros acompanhantes, e as estratégias e precauções que eram usadas pelos colonos para prevenirem-se contra algum assalto indígena.

O convívio entre os indígenas e os colonos era carregado de tensão, como ilustra o depoimento a seguir:

"Minha avó contava, que quando ela foi um dia buscar coiô³³ para os porcos e quando ela levantou o balato, estava super pesado. Quando ela olhou, tinha um índioztnho dentro do balato. Então era isso o peso. E ela saiu correndo e largou tudo pra traz (...) Minha avó contava de muitos amigos que foram mortos pelos índios, houve muito problema".³⁴

A partir deste novo quadro de conflitos, surgiram forças buscando o apaziguamento - os missionários -, que viam nos índios bandos a serem convertidos e aldeados. Não sem conflitos e mortes, a prática do aldeamento dos Machacalis e, em menor número, de Botocudos intensificou-se a ponto de, em 1888, se contar, no então distrito de Itambacuri, mais de mil indígenas aldeados. A outra força que surgiu neste período foi a da associação entre grandes fazendeiros e colonos com representantes do governo e militares da época. Estes buscavam com os índios a paz da submissão ou, então, da morte, visto que seu interesse era consolidar e expandir seus empreendimentos para, destarte, assegurar o abastecimento das cidades.

Em face desta nova conjugação de forças, os indígenas tomaram dois rumos distintos, tendo parte deles se submetido à civilização, descaracterizando-se culturalmente e tornando-se dependentes, semi-escravos dos fazendeiros, enquanto outros pequenos bandos, mormente de Botocudos, os denominados "irrecuperáveis", decididos a manter sua identidade tradicional, optaram por refugiar-se em lugares isolados de difícil acesso, na mata que circundava as montanhas. Nestes lugares, na medida do possível, mantinham sua forma de vida tradicional, enfrentando em sistema de guerrilha, os avanços dos brancos e atacando as roças de mantimentos dos colonos.

No início do século XX, dos Botocudos do Vale do Mucuri, sabe-se que foram motivo de um trabalho de atração e pacificação, que se estendeu por mais de duas décadas e que, ainda conforme Marcato³⁵, dele resulta que "em 1911 havia cerca de 100 Pojixá aldeados (...) a 12 léguas de Teófilo Otoni". Criaram-se vários outros aldeamentos, dentre eles se destacando o de Itambacuri que reunia cerca de 300 índios.

É deste período (1909) a publicação, em Hamburgo, na Alemanha, do "Woerterbuch der Botokudenschprache", do farmacêutico alemão Bruno Ru-

33 Coiô - Espécie de tubérculo, semelhante ao inhame, bastante comum na região.

34 Entrevista realizada com uma educadora, descendente de alemães da "primeira leva".

35 MARCATO, S., op. cit. nota 26.

dolph, estabelecido em Teófilo Otoni. De acordo com Emmerich e Monserrat ³⁶, este é o mais extenso dicionário sobre a língua dos Botocudos, cujos dados foram coletados entre diversas tribos, provavelmente dos grupos Naknenuk, que viviam nas matas do Mucuri. É uma obra que representa um outro tipo de contato, o científico, dos imigrantes alemães com os indígenas, constituindo-se, pelo seu bilinguismo, uma possibilidade de maior compreensão mútua.

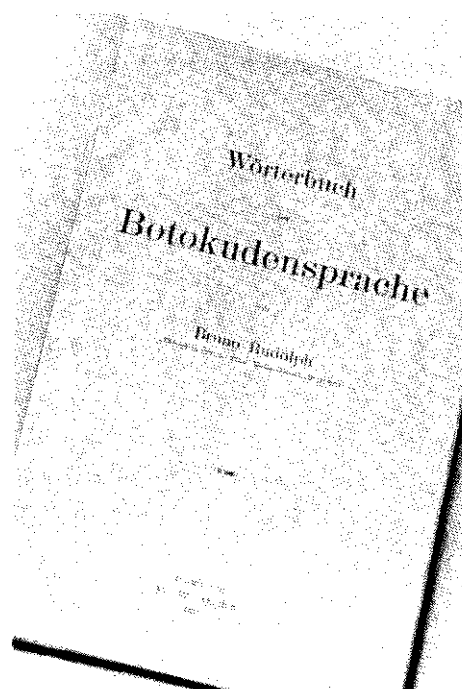
O relatório do inspetor do recém-criado Serviço de Proteção ao Índio (SPI) ³⁷ mostra que, em Teófilo Otoni, e não na capital Belo Horizonte, foi instalada a inspetoria da instituição, dada sua localização e a importância da questão indígena na área. Por outro lado, o aldeamento da quase totalidade dos grupos, principalmente dos Botocudos, representou, para os colonos já instalados e para os chegados em 1922 e 24, a certeza de um trabalho sem os sobressaltos das possibilidades de ataque, sem os temores de roubos etc.

Doenças, má administração dos aldeamentos, dilapidação do seu patrimônio e lutas contra os brancos, ou entre facções remanescentes de Machacalis e Botocudos, foram decisivas para a redução de sua população no decorrer das décadas seguintes.

Esta situação, em larga medida, foi também a responsável pela mudança no imaginário dos brancos (e, com eles, dos colonos alemães) acerca dos índios: de "temidos, traiçoeiros e perigosos" passam a ser pensados como "bêbados, ladrões e preguiçosos". A transformação do antigo SPI em Fundação Nacional do Índio (FUNAI) se não contribuiu para alterar esta situação substancialmente ao menos cuidou da recuperação de parte de suas terras, que estavam em mãos de fazendeiros e arrendatários.

Na região, atualmente, encontram-se ainda os últimos grupos indígenas do Estado de Minas Gerais. São os denominados Krenak, Xakriabá e Machacali que, aldeados e ocupados em atividades agrícolas, mantêm pouco contato com os descendentes dos colonos alemães. É interessante o depoimento do líder Ailton, da tribo krenak, do movimento indígena brasileiro:

"Aqui em Minas, por exemplo, a região do vale do rio Doce - toda ela - cerca de 60 ou 70 anos atrás era terra de índios. Faz pouco tempo o Vale não era



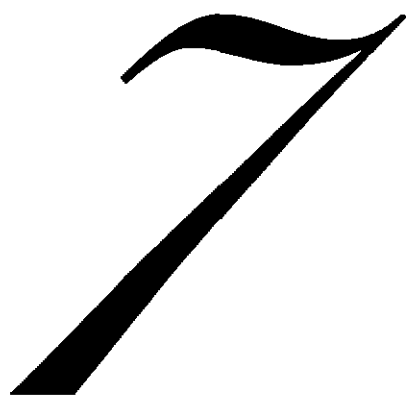
Dicionário Alemão Botocudo

36 EMMERICH, C., MONSERRAT, R., op. cit. nota 27.

37 PORTELA, A. *Relatório SPI*. [S. L.: s. n.], 1911.

*ainda Minas Gerais. Era um território onde nossas tribos tinham terra, sítios para caçar, pescar, para tirar embira, fazer as esteiras, os balaios, nossas armadilhas, nosso artesanato, enfim. E esse foi o lugar em que meu povo viveu durante muito tempo até que os fazendeiros resolveram derrubar nossas florestas. Até que a Companhia Vale do Rio Doce resolveu tirar nosso minério, e os prefeitos resolveram roubar nossas riquezas, deixando meu povo numa situação apertada. Nas duas primeiras décadas deste século minha tribo tinha cerca de 2.300, 2.500 índios. Hoje minha tribo tem 200 pessoas. E eu fico admirado porque se de um lado aumenta o número de fazendeiros, homens brancos, diminui drasticamente o de índios. (...) Nós queremos manter viva nossa tradição. Queremos continuar ensinando, para nossas gerações futuras um jeito de andar no mundo com cuidado, de pisar na terra com cuidado. O homem está pisando muito duro na terra. Pisa na terra como se fosse um trator. Ele olha uma serra e a derruba.... olha uma floresta e a põe abaixo, está passando com o trator em cima de outras pessoas (...) As tribos indígenas no Brasil estão em guerra há 500 anos. Fugindo, velozmente, no mato do mato, em serra, no cerrado, no sertão. Quando as pessoas me vêem ou vêem o Marcos Terena, ou o Mário Juruna no Congresso Nacional, muitas delas pensam assim: o Brasil está ficando país decente, pois já está até deixando índio ser deputado, deixando um ou outro índio andar de avião, aprender português, vestir calças e usar microfone. Mas o Brasil continua sendo um país perigoso para quem não é branco, cristão e capitalista".*³⁸

38 ÍNDIOS falam da luta contra a opressão. **Jornal de Opinião**. Belo Horizonte, 8-14 fev. 1992.



CRISE EUROPÉIA E
EMIGRAÇÃO NO
SÉCULO XIX



instalação de colonos emigrantes europeus em Teófilo Otoni é parte de um fenômeno demográfico amplo e antigo. Já no século XII, são encontradas, na Rússia, aldeias camponesas alemãs, sendo que no século XVIII era incentivada ainda mais sua imigração pela política de Catarina II. Segundo Mickoleit ³⁹, em 1918 existiam cerca de 3 300 aldeias alemãs, com aproximadamente dez milhões de hectares cultivados.

Aliás, em uma delas - Luzk - nasceu Schwarzmeerdeutscher, depois emigrante Walter Schlupp, que se tornou pastor em Teófilo Otoni, tendo-se casado com uma filha da terra, descendente dos pioneiros Roedel.

Com a ascensão dos Hannover ao trono da Inglaterra, a emigração de alemães para a América intensificou-se, especialmente para os Estados Unidos. De 1820 a 1930, estima-se em seis milhões o número de emigrados, sendo que o censo americano de 1930 registrou 1 600 000 pessoas nascidas na Alemanha. Entre 1853 e 1888, calcula-se que mais de 15 milhões de germanófonos tenham deixado a Europa para se instalarem na América: 11 819 723 nos Estados Unidos, 1 494 060 no Canadá, 1 374 796 na Argentina e 731 496 no Brasil ⁴⁰. Aqui, a maior parte deles instalou-se no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Também constituíram algumas colônias no Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e em Minas Gerais, aí incluindo Teófilo Otoni.

O forte impacto demográfico da emigração deste contingente fez-se sentir também nas suas comunidades de origem. O exemplo de Thoen ⁴¹ é elucidativo "(...) o século XIX é conhecido na localidade como o período da emigração, os primeiros para a Rússia e, mais tarde, para as Américas do Norte e do Sul. Em 1827, a população de Kirchentellinsfurt (Suábia) era de 1504 habitantes; em 1875 era de apenas 1369 - 700 homens, mulheres e crianças emigraram". Golde igualmente caracteriza o período de 1840 a 1870 como de estabilidade e mesmo redução de população devido à emigração, relacionando-a aos padrões de sucessão:

"Ao longo deste período (e sem dúvida também antes) sempre existiram filhos não-herdeiros, que deixavam as aldeias em que nasceram. Aparte aqueles que se casavam em aldeias vizinhas, ou se tornavam assalariados, quando encontravam trabalho, os registros locais indicam um constante fluxo de emigrantes para os países de colonização". ⁴²

De um modo geral, no século XIX, a Europa está num período de explosão demográfica, resultante do aumento da natalidade e da queda da

39 MICKOLEIT, H., Das Schicksal der Russlanddeutschen. Coburg: Nation Europa, 1977.

40 FLORES, H. **Canção dos Imigrantes**. Caxias do Sul: EST/EDUSP, 1983. p. 85.

41 THOEN, A. **O Imigrante Johann Martin Thoen**. Canoas: La Salle, 1985. p. 13.

42 GOLDE, G. **Catholics and protestants**. New York: Academic Press, 1975. p. 69.

No original: "Throughout the period here under investigation (and no doubt before), there have always been noninheriting sons and daughters who left the village of their birth. Apart from those who married into nearby communities or took up the positions as hired help where they could find it, local records show that there had been a steady trickle of emigrants to colonizing countries (...)" (tradução nossa).

mortalidade associada à melhoria das condições sanitárias, progresso da medicina e desaparecimento das grandes epidemias, como cólera, tifo, varíola etc. No entanto, crises resultantes de alterações climáticas que geraram graves problemas de abastecimento, como a da batata na Irlanda em 1850, eram frequentes e foram as responsáveis por períodos de fome, provocada pela queda de produção e a conseqüente alta dos preços. Como expressa uma quadrinha de uma imigrante da região vitivinicultora do Mosela, cuja tradução apresentamos:

*"Klüsserat, cidade bela, pão seco e este não a fartar.
Muito barril e pouco vinho, travessas grandes e nada nelas a adentrar".*⁴³

Na Alemanha do século XIX, como em outros países, a situação difícil dos camponeses impunha-lhes um quadro alimentar precário, em geral com falta de proteínas e vitaminas, dado que, como afirma Koseritz⁴⁴, "muitas vezes os camponeses só comiam batatas". Em certas áreas, como a da Boêmia, a anemia e a subnutrição eram generalizadas. Em outras, doenças como o bócio afetavam a população dos Alpes como um todo. Aliás, alguns autores explicam as golas altas nos trajes típicos dos camponeses daquela região como meio de esconder a deformação física provocada pela doença.

Mas havia doenças também decorrentes das péssimas condições de trabalho, as quais também as crianças a partir dos sete anos estavam sujeitas; Flores⁴⁵ cita algumas delas:

- afiadores e lapidadores: asma;
- tecelões e fiandeiros: perturbações pulmonares;
- mineiros: tuberculose, anemia, deformações da coluna;
- oleiros, pintores, armeiros: envenenamento pelo chumbo;

Dos tecelões, dos quais vários se instalaram em Teófilo Otoni vindos da Suíça, Holanda e Alemanha, apresentamos a tradução de uma poesia significativa:

*No olhar sombrio nenbuma lágrima,
Eles sentam no tear e rangem os dentes:
Alemanha, nós tecemos tua mortalha,
Nós tecemos a dentro a tríplíce maldição,
Nós tecemos, nós tecemos.*⁴⁶

43 "Kluessart, du schoene Stadt
Trocke Brot, un doch net satt,
Viele Faesser, un wenig Wein.
Grosse Schessel, un doch nix drein"

44 Carlos von Koseritz foi jornalista e intelectual na colônia alemã de São Leopoldo (RS). Era filho não-primogênito de antiga família nobre.

45 FLORES, H., op. cit. nota 40, p. 6.

46 "Im duestern Auge keine Traene,
Sie sitzen am Webstuhl und fletschen die Zaehne:
Deutschland, wir weben dein Leichentuch,
Wir weben hinein den dreifachen Fluch
Wir weben, wir weben". (tradução nossa)
FLORES, H., op. cit. nota 40, p. 58.



Maria Clélia Haueisen

É a tríplice maldição: a Deus, ao rei e à pátria. Ela expressa a revolta contra a nova estrutura econômica europeia que se impõe representada pela industrialização e pelo capitalismo selvagem. É o período em que se chega ao limite da auto-exploração dos camponeses sob o sistema de "putting out"⁴⁷. Em larga medida, no sistema tradicional de indústria doméstica, ainda se conseguia contrabalançar, ou era mais uma alternativa de trabalho e renda aos "meros retalhos de terras" acessíveis aos camponeses, em face da alta concentração fundiária. Na Alemanha ainda em 1907, por exemplo, havia cinco e meio milhões de propriedades entre 2,5 e 50 acres e 286 000 unidades com mais de 50 acres. Estava em mãos da nobreza e do alto clero a concentração fundiária⁴⁸. É sugestiva a afirmação de um camponês tecelão da Silésia:

"A gente parece o cerne de uma fruta - mordido por todo mundo. O que nos sobra depois de passarmos pelo fabricante nos é tirado pelo senhor da terra".

O serviço militar obrigatório e as constantes guerras - como as napoleônicas, a franco-prussiana e as guerras mundiais - foram fortes motivos de emigração.

As guerras não produziram apenas redução de população e miséria. Causaram, igualmente, a desorganização da economia camponesa, comprometendo a produção das décadas subseqüentes e provocando mudanças estruturais significativas que levaram à emigração quase compulsória. A Lorena, por exemplo, teve seu sistema de herança várias vezes alterado: com a Guerra dos Trinta Anos, de um sistema de primogenitura patrilinear, passou-se a transmitir o patrimônio para as filhas com uxorilocalidade⁴⁹; no período napoleônico, foi imposta a partilha igualitária entre os homens; e, finalmente, com a Restauração, retorna a unigenitura patrilinear. Na Áustria, ocorreu o mesmo fenômeno. Na Irlanda, após a Grande Fome, também foi imposta a unigenitura.⁵⁰

A própria rigidez da estrutura sócio-econômica igualmente contribuiu para estimular a emigração. Da aliança Estado-Igreja, decorria a exigência, por exemplo, de que os camponeses provassem possuir o necessário para a instalação de cada novo casal. Os não-herdeiros ou aqueles que ainda não tivessem recebido sua herança tinham suas possibilidades de casamento reduzidas ou eram até mesmo condenados ao celibato. Muitas vezes, era um celibato apenas formal, visto que homens e mulheres mantinham entre si relações estáveis, inclusive com filhos, considerados ilegítimos pelas leis. Em decorrência, é interessante observar o alto número de casamentos de emigrantes realizados logo após a chegada ao país de destino, e a presença significativa de "addidos" ou "addidas com filhos"⁵¹ entre as famílias que vem para a América.

47 Sistema em que a matéria-prima é entregue ao trabalhador livre para ser beneficiada em equipamentos rústicos de sua propriedade, instalados em sua própria moradia. Prevaleceu, por exemplo, na Suíça, na fiação e tecelagem antes da Revolução Industrial.

48 MAYER, A. **A força da tradição**, Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

49 Sistema em que os recém-casados instalavam-se na casa dos pais da noiva, temporária ou definitivamente.

50 WOORTMAN, E. F. **Colonos e sitiantes**. Brasília: s. n., 1988.

51 *ibid.*

A ação de estímulo à emigração dos agentes de nações ou empresas de colonização, como a de Teófilo Otoni, tiveram um papel bastante importante e eficaz na atração destes contingentes populacionais. No entanto, muito mais eficazes do que estes são os estímulos provocados por parentes ou conhecidos. Cartas com descrições da nova terra e convites implícitos ou abertos correspondem, em larga medida, a avais de confiança geralmente inquestionados. Em Woortmann, encontram-se trechos de uma carta sugestiva de um pai não-herdeiro emigrado da Alemanha que, tendo apenas uma filha, chama o filho do irmão, na mesma condição, para ser seu genro:

"Nossa Bárbara está agora em condições de se casar. Ela receberá duas colônias, que são aproximadamente quatrocentos "Morgen" de terras, e herdará a casa e a venda; querido irmão, eu refleti sobre isso: manda teu filho Konrad através do oceano. Eu gostaria de passar tudo isso para ele, assim como cuidar das despesas de casamento".

E, aludindo ao celibato subordinado que lhe estaria destinado, continua:

*"Não é bom que você fique sempre com ele. Eu gostaria de te sugerir: vem para o Brasil e casa com esta jovem".*⁵²

No entanto, nem sempre esta correspondência é totalmente confiável. O depoimento de uma imigrante em Teófilo Otoni, chegada em 1924, revelou que sua família, que na Alemanha estava sofrendo as consequências da desorganização e inflação do pós - I Guerra Mundial, fora enganada com falsas promessas e descrições, por outra família alemã, ex-vizinha, que havia chegado dois anos antes.

Os projetos de imigração, em geral, podem ser divididos em dois grupos distintos: primeiro, aqueles com fins específicos e que, correlatamente, exigem força-de-trabalho específica, mormente homens jovens solteiros, como a dos chineses, chamados para o Mucuri para a construção de estradas; segundo, aqueles grupos destinados a ocupar novas áreas (quer dizer, colonizar) e produzir alimentos, atividade que requer todo um "workteam" e para a qual são chamadas famílias ou casais jovens que potencialmente virão a constituir famílias no lugar que lhes foi destinado. A complementaridade do trabalho feminino e masculino, adulto e infanto-juvenil constitui-se num dos fatores importantes para o êxito do empreendimento.

Este último é o caso dos imigrantes atraídos para o Vale do Mucuri. Aliás, a própria Companhia do Mucuri e Filadélfia foram criadas e administradas sob a égide familiar, ainda que de tipo mediterrâneo: um irmão diretor, três irmãos fazendeiros e dois negociantes conduziam o empreendimento da família Otoni, família esta que até hoje mantém sua liderança na cidade. São os Otoni de Teófilo Otoni.

52 WOORTMAN, E. F. op. cit. nota 50. p. 237.

Os imigrantes do norte-europeu que se dirigiram ao Mucuri, em larga medida, vieram ao Brasil em pequenos grupos, com um menor número de famílias ligadas entre si por laços de parentesco, afinidade e origem comum. Neste sentido, contrastam com a imigração alemã de outras áreas do começo do século XIX, em que vinham em grupos maiores, havendo, inclusive casos, como cita Woortmann⁵³, como o da família Fucks, em que vieram 41 pessoas parentes entre si no mesmo navio.

Esta tendência à redução do tamanho e, até certo ponto, atomização familiar pode, numa aproximação preliminar, ser decorrência das transformações sócio-econômicas em curso na Europa da segunda metade do século XIX, cujas repercussões se fazem sentir aqui. É parte da constituição do processo que Polanyi chamou de "a grande transformação"⁵⁴, e que Meyer define como sendo "a força da tradição"⁵⁵, que finalizou efetivamente apenas com a I Guerra Mundial.



Família de Colonos.

53 WOORTMAN, E. F., op. cit. nota 50.

54 Expressão desenvolvida pelo autor, ao analisar a passagem da economia tradicional para o capitalismo, com referência às transformações das relações sociais.
POLANYI, K. *The great transformation*. Boston: Beacon, 1971.

55 Expressão criada pelo autor ao propor que o modelo tradicional, defendido pelas antigas oligarquias, se manteve na Europa até o final da I Guerra Mundial, apesar das mudanças impostas pela industrialização.
MAYER, A., op. cit. nota 48.



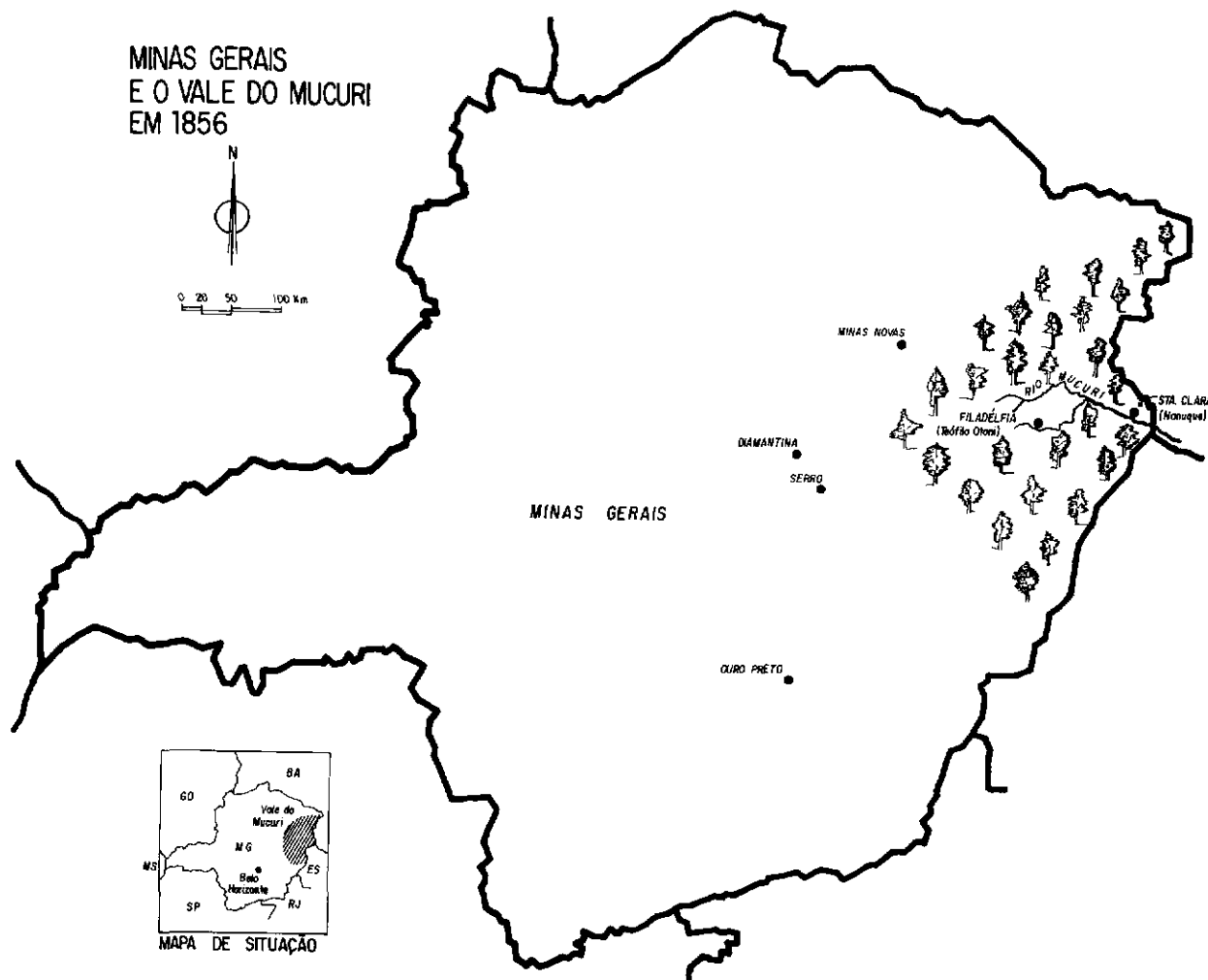
CARACTERIZAÇÃO DA
IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO
VALE DO MUCURI EM
SUA PRIMEIRA FASE

A

abertura dos portos do Brasil às nações amigas em 1808 representou também a abertura do Brasil aos imigrantes amigos. Foi um decreto que eliminou as restrições e proibições aos estrangeiros e tirou o Brasil do isolamento, fechamento, que lhe impunha o Império Português.

*"Sendo conveniente ao meu real serviço e ao bem público aumentar a lavoura e a população que se acha mui diminuta neste Estado".*⁵⁶

O Vale do Mucuri, desde o do século XVIII, era alvo das atenções do governo colonial que, no entanto, se mostrava impotente para se impor, mesmo que à força, na região "infestada" de índios. No século XIX, nos anos 30, inaugura-se, com o governo imperial, um novo período de atenções voltadas a



56 LANDO, A. M., BARROS, E. C. A colonização alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 29.

essa região ainda não explorada. São desenvolvidos projetos que conduzem a perspectivas diferentes, porém, com o mesmo objetivo de ocupação territorial e de exploração de suas potencialidades pela população branca.

Como parte de uma estratégia político-militar, em 1837, entra na região o engenheiro Pedro Vítor Renault, em atendimento a uma resolução do governo provincial de 1834. Dentre os objetivos dessa resolução está a constituição de uma colônia de degredados, política essa recorrente na América Latina colonial de ocupação de áreas de litígio ou consideradas perigosas. Essa função de local de desterro como forma de ocupação já havia sido prevista também pelo próprio governo Provincial de Minas Gerais no período anterior ao da imigração, tal como encontramos citado em Timmers:

*"A medição do local destinado para aquele degredo de criminosos e mesmo para uma colônia o presidente de Minas Gerais e o Desembargador Antônio da Costa Pinto, em virtude duma resolução do Governo de Minas de 1834, incumbiu ao engenheiro civil da Província Pedro Victor Regnault: designar no município de Minas Novas um lugar apropriado para uma colônia de degredados; que construísse canoas e descesse pelo rio Mucuri até sua foz para informar que vantagens poderia oferecer a sua navegação".*⁵⁷

Em 1837, dentro ainda da mesma perspectiva, é apresentado um projeto ao governo provincial, pelo prussiano casado com brasileira, Luiz Moretzsohn. No referido projeto, ele diz que:

"(...) Convencido das grandes vantagens, que devem resultar não só ao comércio, como à indústria da Província, da introdução de colonos Estrangeiros, que se empreguem na cultura das terras, e até no fabrico de alguns generos da Província, tenctona desde longo tempo formar huma Companhia de Colonização de polacos, alemães, prussianos e de outras Nações; mas necessário lhe era antes de tudo, encontrar hum terreno adaptado a semelhante empreza, e para cujo fim não tem poupado fadiga e despesas.

*A exploração dos sertões de Mucury vierão em fim pôr termo aos seus desvelos. Nestas matas desertas, e incultas, banhadas de um rio navegável, se apresentão certamente as melhores proporções para nellas se realizar a Colontização, mas sendo huma tal empreza muito superior às forças de hum só homem, o Representante reconheceu desde logo, a necessidade de organizar huma Companhia, dirigindo para este fim huma Petição ao Governo Geral, afim de ser auctorizado para a formar e tambem para lhe serem garantidos alguns privilegios, que julgou indispensáveis para a própria organização da Companhia".*⁵⁸

57 TIMMERS, O. *O Mucuri e o nordeste mineiro no passado e seu desenvolvimento*. Teófilo Otoni: s.n., 1969a. p. 9.

58 UM PEDIDO de concessão para estabelecimento de colônias no Mucury. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v.8, n.1/2, p. 647-659, 1903.

Dentro da sugestão apresentada o requerente solicita algumas concessões e privilégios, alguns deles coincidentes com os propostos pela Companhia do Mucuri, de Teófilo Otoni: sesmarias ao longo do Mucuri para a fundação da colônia; terras minerais existentes dentro das sesmarias; privilégio exclusivo da navegação do rio Mucuri para a Companhia; permissão para civilizar os Botocudos da região.

Ainda neste sentido, há uma nova incursão nas matas do Mucuri pelo comandante Barbosa D'Almeida, em 1845, com o objetivo de definir o local e as condições de instalação de uma colônia militar que servisse de proteção dos ataques dos Botocudos aos brancos que aí viessem se estabelecer na região.

No Mucuri, em 1853, Teófilo Otoni firma com Schlobach e Morgenstern de Leipzig, contrato para a vinda de dois mil agricultores alemães.

*"Estipula-se que cada colono exceto os de menor idade, deverá possuir um capital mínimo de 200 thaler (cerca de trezentos e sessenta mil reis, calculado o thaler a 1\$800). O transporte do Rio de Janeiro para o Mucuri correria por conta da Cia do Mucuri, que se obriga ainda, a fornecer gratuitamente abrigo aos colonos pelo espaço de 6 meses. As terras próprias para a cultura, serão pagas em 4 anuidades, a primeira correspondendo à segunda colheita realizada pelo colono. Ele instruiu seus agentes na Europa no sentido de seleccionar colonos que deverão possuir algum recurso... Nos colonos procuro associados e não proletários".*⁵⁹

Os colonos do Mucuri tiveram, bem no início, o seu sonho desfeito: nem todas as terras estavam demarcadas e muitos, além de cultivar o sonhado pedaço de terra, tiveram ainda que trabalhar na construção da estrada Santa Clara-Filadélfia para pagar as suas dívidas.

Foi a serviço dos inimigos políticos de Teófilo Otoni que foi enviado ao Mucuri, em 1859, o viajante e escritor alemão Robert Avé-Lallemant. O quadro pintado por este último é dramático, porque coincide a sua chegada com o período de maior crise vivida pelos colonos, ligada a uma situação falimentar da empresa e a queda do prestígio político do seu idealizador. Descreve Lallemant:

"Fui aos poucos encontrando numerosos imigrantes, todos em situação lastimosa. Causou-me sobretudo pena uma família de Stettin, um funileiro com mulher e filhos, que tinham sido induzidos, como os outros infelizes logrados do Mucuri, pelos negociantes de carne humana na Alemanha, por meio de cartas, jornais e 'avulsos engodadores' (Lockzetteln) a emigrar e que, chegados à terra da promessa nada puderam fazer e mourejavam, cheios de saudades da pátria, alojados com alguns negros numm anexo de tabiques, sem ousarem sacar mais, por já estarem devendo à direção.

59 CHAGAS, P. P., op. cit. nota 18. p. 211-212.

Encontrei aí um grupo de suíços. Era gente que fôra duramente provada. Tinham saído da Parceria do Senador Verguetto em S. Paulo e sido transplantados inconsideradamente para o Mucuri (...) De 31 pessoas vindas (para o Brasil) 15 já estavam enterradas, dura prova para quem já passara pela escola humana da parceria de S. Paulo, como eles. Achavam também que a comida fornecida pela Mucuri era duas vezes pior que a de Verguetto; mas esperavam com o tempo libertar-se, possuir suas novas plantações como propriedades livres e deixá-las um dia a seus filhos, se Deus dali por diante lhes desse saúde. Esses confederados eram realmente naturezas inabaláveis, como montanhas de sua pátria.

*Imigrantes europeus, negros e até chineses, de três partes do mundo. Poderiam ser 50 a 60 chineses, na maioria moços, fortes, de menos de 30 anos e bem parecidos. Todos vestiam apenas as calças curtas chinesas e muitos quase nem estas, de maneira que mostravam bem os corpos musculosos, deixando adivinhar uma raça de homens fortes(...) Todos tinham enrolado o comprido rabicho em volta da cabeça".*⁶⁰

A partir dessa época, a Companhia passou a ser amplamente combatida, sobretudo pelos adversários políticos de Teófilo Otoni, que se aproveitaram do relatório de Avé-Lallemant. A mudança do gabinete ministerial, composto então por integrantes do Partido Conservador, daria novos rumos à Companhia do Mucuri, alterando alguns privilégios considerados por eles mesmos como inaceitáveis. O momento de crise vivida pela Companhia coincide com a ascensão do Partido Conservador, que nega um pedido de financiamento feito pelo Diretor da Companhia do Mucuri. Este fato contribuiu para a derrocada econômico-financeira do empreendimento no Mucuri, dando início ao processo de desestruturação que resultou na sua falência e posterior encampação pelo Governo Imperial.

A crise foi tão grande que o número de colonos reduziu-se consideravelmente. Em dezembro de 1858, a estimativa, segundo Otoni, era de 1 113 colonos - 363 portugueses e 750 alemães e suíços. Em 1859, o número de colonos alemães havia caído para menos de 500, espalhados pelas colônias de São Jacinto (175), Santo Antônio (48), São Benedito (60), Santa Clara (87) etc., totalizando uma população de 823 habitantes estrangeiros no Mucuri, excluindo crianças abaixo de cinco anos.⁶¹

Em 1857, de acordo com a planta elaborada por Cristiano B. Otoni, irmão de Teófilo, foi aberta a primeira rua e praça principal da povoação de Filadélfia.

O nome de Filadélfia foi escolhido em homenagem ao grande centro do liberalismo norte-americano. Etimologicamente e por que não, idealisticamente, este nome significa, em grego, "irmãos unidos".

60 LALLEMANT, R. A. **Viajem pelo norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953. p. 177, 185, 186.

61 OTTONI, T. B., op. cit., nota 20.

id. **Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury no dia 10 de maio de 1860**. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1860.

A paisagem de Filadélfia, nessa época, foi pintada pelo artista plástico Albert Schirmer, alemão ali radicado, em grande painel a óleo⁶². As matas, por sua vez, foram assim descritas por Lallemand:

*"Desde a embocadura do Mucuri até muito além de Filadélfia, numa extensão, portanto, de 50 milhas alemãs, toda a região se recobre de espessas florestas através das quais segue como um fio delgado, a nova estrada de Santa Clara. Desbastadas aqui e ali essas florestas nalgumas centenas de braças, transformadas na maioria em milharais, nas encostas, muito pouco até aqui, modificaram a fisionomia da paisagem; mesmo em volta da Filadélfia, onde se formou imensa clareira, estende-se ainda floresta e mais florestas; tudo se resolve na uniformidade da selva".*⁶³



*Quadro do artista Albert Schirmer (cópia fotográfica).
O original desapareceu da Prefeitura.*

Ao chegarem, os imigrantes trazidos por iniciativa da Companhia foram instalados em duas áreas: a urbana, em que se concentravam vários tipos de especialistas, como engenheiros, marceneiros, ferreiros, carpinteiros, oleiros, tecelões, professores, enfermeiros, agrimensores, comerciantes etc.; e a área rural, onde formaram as colônias agrícolas, e onde foram localizados, principalmente, os agricultores.

Contíguo às encostas das montanhas, onde foram localizados os colonos, foram abertas, nas planícies, as grandes propriedades dos fazendeiros, a maioria deles vindos de áreas circunvizinhas de Minas Gerais. Aliás, nessa área de planície, a família Otoni igualmente veio a se instalar, encontrando-se aí, ainda hoje, descendentes seus.

O colono que se dirigia para a área rural tinha que, com a ajuda de outros imigrantes ou familiares, abrir uma clareira na floresta, desmatando e limpando

62 Infelizmente, esta obra não se encontra mais na cidade de Teófilo Otoni, tendo-se encontrado apenas uma reprodução, em Belo Horizonte.

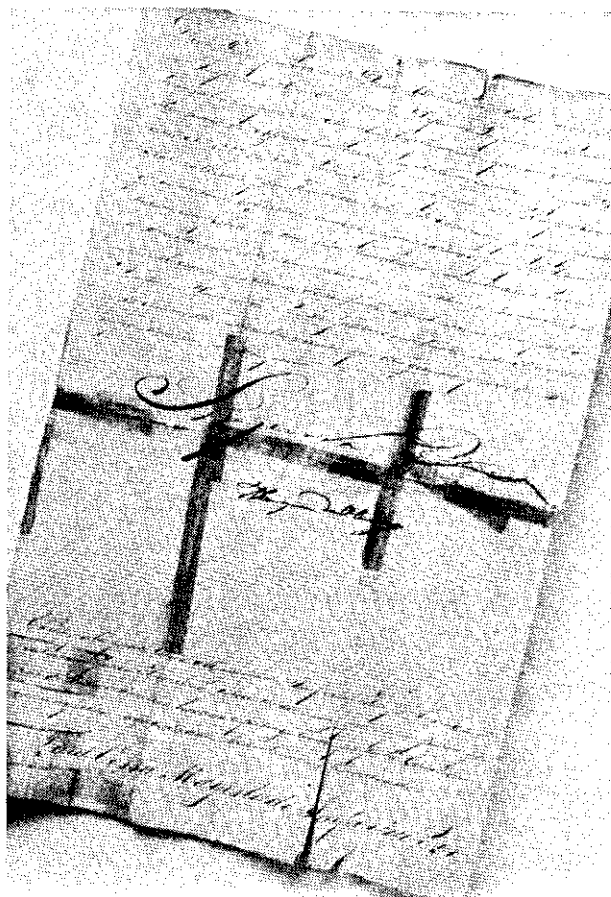
63 LALLEMANT, R. A., op. cit. nota 59. p. 223.

o terreno para cultivar e construir um primeiro abrigo com galhos, troncos e coberto com palha, já que a primeira necessidade era garantir alimento e abrigo.

A intenção de Teófilo Otoni era manter na região imigrantes de certo nível sócio-cultural, exigindo, inclusive, que fossem portadores de algum recurso financeiro para contribuírem na viabilização de seu empreendimento. Isto, contudo, foi mantido muito pouco tempo, e a Companhia do Mucuri acabou tendo que incorporar nas colônias, tanto agrícolas quanto urbanas, um grande número de pessoas que não tinham experiência com as atividades agrícolas que iriam desenvolver.

É importante ressaltar que os primeiros colonos introduzidos sob responsabilidade da Companhia foram selecionados de maneira mais criteriosa. Quando essa tarefa passou a ser exercida pela Associação Central de Colonização, do governo, a partir de 1858, a Companhia começou a enfrentar inúmeros problemas. A Associação fizera propaganda enganosa, com promessas irrealizáveis e recrutara imigrantes não-qualificados e, mesmo, pessoas desqualificadas, para as quais o Brasil foi imposto como um desterro.

Assim, alguns dos colonos que se dirigiram para a área rural jamais haviam pego uma enxada ou um machado antes. Sentindo-se enganados, revoltaram-se.



*Documento de naturalização de Julius Hauelsen,
assinado por D. Pedro II*

A adaptação dos imigrantes à região foi extremamente penosa nos primeiros tempos. O problema da comunicação entre os imigrantes alemães, falando distintos dialetos, entre esses e os de fala francesa, holandesa etc., e destes, por sua vez, com os de fala portuguesa só não foi mais intenso devido ao esforço da Companhia, que providenciou a contratação de dois intérpretes. Através de contatos com o senador Vergueiro, foi contratado o suíço Johannes Kratli. No Rio de Janeiro, a mesma companhia contratou os serviços do alemão Julius Hauelsen. Parte dos descendentes de ambos os especialistas são encontrados, ainda hoje, em Teófilo Otoni e na região.

As dificuldades eram inúmeras. O reconhecimento da flora e da fauna era complexo e levou a que se gravasse na memória dos descendentes daqueles pioneiros, um episódio que representa bem o esforço de adaptação às novas variedades alimentares encontradas, de um lado, e a noção de poupança trazida pelos imigrantes, de outro.

Trata-se de um episódio em que Teófilo Otoni ofereceu três bananas a uma família de imigrantes. Tempos depois, Teófilo Otoni perguntou a eles se haviam gostado da fruta. Eles responderam que sim, mas que as bananas não eram boas para a produção. Investigando acerca da observação, Otoni verificou que elas haviam sido divididas: uma repartida e comida pela família; outra estocada (naturalmente, apodreceu) e a terceira plantada (também havia apodrecido). Eles não poderiam saber que aquela fruta reproduzia-se através de mudas. Compreende-se a ansiedade dos alemães em relação às suas primeiras colheitas, posto que o sucesso do empreendimento dependia da boa safra tanto para consumo quanto para revertê-la em plantio futuro.

O impacto da diferença climática - clima frio e seco da região de origem para o clima quente e úmido dos Trópicos - pode ser projetado para o século XIX a partir das referências de uma imigrante de 1922.

*"A roupa, chegamos aqui, jogamos essa roupa quente toda fora e podia ir descalça".*⁶⁴

Uma das maiores dificuldades encontradas nesses primeiros tempos foi de ordem médica, de saúde. Tal como para a alimentação, a fauna e, principalmente, a flora, eram desconhecidas. Espécies tradicionalmente utilizadas no Brasil para a cura de doenças e males tropicais ainda não faziam parte do saber desses imigrantes. A apreensão cognitiva da flora e da fauna europeia, em larga medida, mostrava-se inútil: as doenças lá eram outras, e as espécies necessárias para a sua cura não correspondiam às encontradas no Brasil.

Até mesmo um simples bicho-de-pé era motivo para graves inflamações. Sebastião Machado Nunes, em viagem ao Mucuri no ano de 1859, descreve essa situação:

*"Vi um homem quase desesperado, desatou uma atadura que tinha em um pé, e mostrou-me dois dedos horivelmente mutilados pelos bichos dos pés, que lhe não tem sabido convenientemente tratar".*⁶⁵

O primeiro médico de Filadélfia - Dr. Ernesto Otoni - chegou de São Paulo em 1857. Inicialmente, atendia gratuitamente. Depois, passou a cobrar pequena taxa, só para as consultas no povoado. Em 1859, outro médico da família

⁶⁴ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com mulher imigrante da segunda leva, 78 anos.

⁶⁵ NUNES, S. M., **Relatório sobre as colônias do Mucuri**. In: OTTONI, T. B., **Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury em 1 de outubro de 1858**. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve E. C., 1858. p. 64.

Otoni - Dr. Manoel Esteves Otoni - já residia na região. As dificuldades comuns em fase de adaptação ao meio ambiente desconhecido concorreram para o aparecimento de inúmeras moléstias entre os imigrantes. Tem-se notícia de 38 casos de morte entre outubro 1858 e abril de 1859, a maioria entre crianças. Sabe-se, também, de um surto de febre tifóide ocorrido em 1859, causado por enchente dos rios, que provocou a evasão de muitos colonos para o Sul do País. O isolamento em que viviam os colonos era outro fator que dificultava a assistência médica, dada a distância e as dificuldades de locomoção e acesso ao serviço médico localizado na povoação. Novamente, projetando a situação a partir das experiências dos imigrantes de 1922/24, cita-se o seguinte depoimento:

"Tinha dificuldades, devido a [falta de] estradas pra chegar no médico. Ninguém procurava um médico por uma bestetrinha, porque não tinha condições, né?" (...)

*"[Um vizinho] foi ofendido de cobra (...) deve ter sido uma cobra muito braba (...) eu vi o homem, já tava mais morto do que vivo, chuva que Deus permitia, não tinha meio, como é que faz? Ai eles fizeram uma cama, né? os homens carregaram nos ombros, dividiram sempre, repartindo, levaram da Colônia pra cidade, debaixo de chuva, debaixo de lama (...) e vê quantas horas eles levaram isso a pé".*⁶⁶

Outra dificuldade diz respeito ao suprimento das necessidades básicas de alimento e vestuário nos primeiros anos após a chegada à colônia. Os imigrantes tinham direito de fazer compras através de empréstimo no armazém da Companhia, e o pagamento era efetuado só após a primeira colheita. Tudo era anotado numa caderneta e o acerto se dava no final do mês. Posteriormente, as colheitas permitiam o suprimento dos cereais de primeira necessidade, faltando porém as proteínas.



Transporte dos colonos

Machado Nunes⁶⁷ refere-se às dificuldades de abastecimento na região, sobretudo em relação à carne. Paralelamente, havia dificuldades em relação ao escoamento da produção agrícola da colônia. Os colonos, frequentemente, mostravam-se insatisfeitos com a comercialização no mercado local, uma vez que seus produtos eram negociados a baixos preços, dificultando a aquisição de roupas e ferramentas, em geral oferecidos por preços bastante elevados. Assim sen-

do, costumavam dizer que "tinham o que comer, mas não tinham nem roupas nem nada mais".

⁶⁶ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com mulher imigrante da "segunda leva", 78 anos.

⁶⁷ NUNES, M., op. cit. nota 65.

O relatório de Teófilo Otoni também coincide com o de Machado Nunes sobre culturas de subsistência, ao descrever uma das colônias agrícolas:

"Abt se avistão diversos Chalets e plantações unidas, pertencentes aos colonos, todos alemães:

*- Gesnütz, Neuman, pai, Neuman, filho, Thomaz, Frantz, Baldow, Fricke e Smaye. São oito famílias que plantarão este anno 14 alqueires de milho, e por entre a milharada cana, café, mandiocas, inhames, batatas e todas as mtunças que fartão a casa do agricultor".*⁶⁸

Outro problema enfrentado naquela época refere-se às terras e à medição dos lotes, que era lenta e imprecisa. O lote rural, ao que tudo indica, deveria seguir o padrão estabelecido pela lei n. 601, de setembro de 1850, conhecida como Lei de Terras, que era de 121 hectares. O sistema de empréstimo funcionava também para aquisição dos lotes, cujo pagamento deveria se dar em parcelas anuais após cinco anos. A medição e a demarcação dos lotes criavam conflitos entre os colonos e a Companhia, e entre os vizinhos, sendo motivo de dificuldade para os colonos até hoje, como relata um dos entrevistados:

*"Então eles tinham uma encrenca por causa de terra, umas áreas que ele sentia que era para mudar para ele, e o homem não deixava e aí criou aquela confusão e o culpado de tudo isso era o diretor, que em vez de pegar o engenheiro e mudar tudo isso, não deixou".*⁶⁹

Uma grande preocupação dos imigrantes alemães, em todo o Brasil, sempre foi com a escola e a igreja. Em Filadélfia, a Companhia se preocupou em providenciar ambas, ainda que fossem criticadas, dada a sua precariedade e a má formação dos seus professores. Há notícia de que havia duas escolas de primeiras letras, com professores pagos pelos pais de alunos. Mas a frequência era baixa, e os professores pouco habilitados. A dificuldade em relação à escola era ainda maior para as crianças na área rural. A questão da assistência religiosa será analisada mais adiante.

Apesar de todas essas dificuldades iniciais, a colonização no Mucuri ia lentamente se estruturando. Filadélfia consolidou-se como o ponto central das operações da Companhia do Mucuri, passando a exercer o papel de pólo regional, com casas de comércio e uma infra-estrutura urbana incipiente.

A povoação, que pertencia ao município de Minas Novas, foi elevada a freguesia já em 1857. Naquele mesmo ano, contava com 144 casas, 14 negociantes de fazendas, molhados, louças e ferragens. Construíam-se os templos católico e protestante, ambos pelo engenheiro prussiano Julio Burrow.⁷⁰ Já em 1858, com a entrada de mais imigrantes, a freguesia passa a contar com uma população de 5 mil habitantes, entre nacionais e estrangeiros.

68 OTONI, T. B. op. cit. nota 20, p. 43.

69 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um homem descendente de alemães da "primeira leva"

70 OTONI, T. B. op. cit. nota 20, p. 30.

A despeito das dificuldades já apresentadas, a produção local foi considerável no período de 1859 a 1860. Os colonos colheram milho, arroz, feijão e batatas com fartura. Os 30 mil pés de café também começaram a produzir. A criação de porcos crescia, e já não se importava açúcar nem aguardente, pois todos os senhores de engenho tinham seu próprio alambique. Havia, ainda, dois “engenhos de ferro horizontais”, dois engenhos de serra, “nove moinhos de moer milho movidos por água”, numerosas fábricas de fazer farinha”.⁷¹ O transporte de cargas vindas do Rio já era feito por particulares, como diz Otoni:

*“vendi 6 carros e 24 bestas aos dts colonos o Srs. José Gazztnelli e Julio Hauelsen, os quaes associando-se entre si, se obrigarão a receber em Santa Clara, transportar e entregar no Ribeirão da Pedra todas as cargas que forem do Rio com aquele destino”.*⁷²

Apesar dos esforços da família Otoni, a Companhia foi encampada pelo governo Imperial, em 1861, e teve que renunciar a todos os privilégios e concessões adquiridas no contrato de 1847. A região compreendida entre Filadélfia e Santa Clara passou a ser administrada por um diretor nomeado pelo Governo Imperial, com a denominação de Colônia Imperial.

A análise, ainda que não detalhada, de registros da imigração no Mucuri, atribuídos ao Comissário José Cândido Gomes, de 1861, com informações adicionais do Frei Olavo Timmers, OFM⁷³, apresenta dados interessantes. Mostra que, não contando os sitiantes dos quais há tão-somente a menção do nome, há o registro de dez homens (ainda) sem família, com propriedades.

Todos estes homens solteiros possuíam um perfil semelhante: eram evangélicos e estavam instalados, em sua maioria, na colônia de São Jacinto ou no núcleo urbano de Filadélfia. A julgar pelos seus sobrenomes e localização na colônia, alguns deles deviam ser ainda adolescentes, cujos pais adquiriram os lotes vizinhos aos da família, com o intuito de, no futuro, lá estabelecerem seus filhos. Era uma forma de assegurar a reprodução social da família no futuro, com a expansão de práticas de solidariedade de intra-família para inter-famílias, quer seja no trabalho, quer em situações de crise, de segurança, como de saúde, por exemplo.

Outra parte dos homens solteiros, no entanto, eram adultos, com profissões definidas, de tipo urbano, como oleiro, padeiro, agrimensor, ferreiro etc. Devem ter sido parte do grupo dos não-favorecidos, no período agonístico das guildas, na Europa⁷⁴. Por isso, saíram em busca de novas e melhores oportunidades de trabalho. Foram tentar “fazer a América”.

A maior parte do contingente da imigração da “primeira leva” compõe-se de chegados entre 1856 e 1860.

71 OTONI, T. B. op. cit. nota 20, p. 32.

72 OTONI, T. B. op. cit. nota 20, p. 33.

73 TIMMERS, O., op. cit. nota 57.

74 Época de decadência de uma forma de organização do trabalho estruturada na convivência, sob o mesmo teto, da oficina e da moradia.

Segundo os registros, excluindo os sitiantes e indivíduos sós, a "primeira leva" contou com a instalação de 119 grupos domésticos.

O período do levantamento (1861) já corresponde ao início do período de estabilização da colônia. A grande migração, dadas as más condições iniciais, já havia ocorrido. Aqueles não-conformados ou haviam se dirigido a outras colônias no sul do Brasil ou para a Argentina ou, então, retornado para a Europa.

Apesar do objetivo inicial da Companhia ter sido a contratação de alemães, de fato para aqui vieram emigrantes com os mais diferentes passaportes: alemães, belgas, holandeses, austríacos etc. Dentre este grupo, havia os que, tendo a cidadania

de outro país, eram de cultura germânica, como os alsacianos ou suíços, ou mesmo eram de cultura francesa, como os últimos mencionados.

Posteriormente, eles todos passaram a ser rotulados de "alemães". Com isto, de um lado, atendia-se aos objetivos políticos da Companhia, que era a importação de famílias de tradição alemã e, de outro, o rótulo como que antecipou a realidade. Estes contingentes menores, com o decorrer do tempo, foram "germanizados".

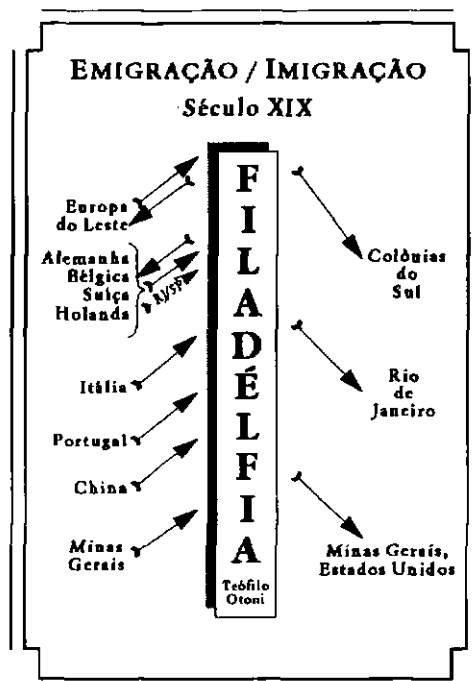
Sua "germanização" ocorreu como um processo para o qual contribuíram vários fatores: os casamentos pluriétnicos por, exemplo. Este tipo de casamento é freqüentemente encontrado desde os primeiros anos de sua instalação, inclusive com casamentos múltiplos, como os de três filhas e um filho da família

Sommerlatte (alemã) com três filhos e uma filha da família Krettl (suíça), ou com Vermeulen (holandês), por exemplo.

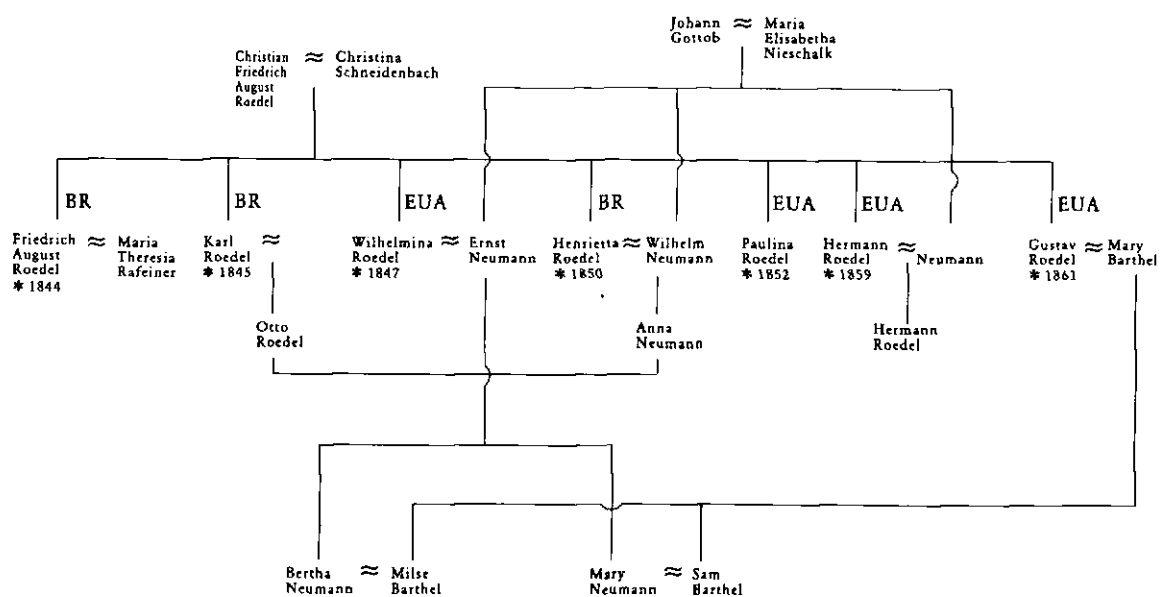
Fenômeno semelhante aconteceu no Sul do Brasil, em que contingentes suecos, norte-americanos, holandeses etc. foram igualmente "germanizados" no século passado.

Outro fator que contribuiu para sua "germanização" foi a criação de escolas em língua alemã. Inicialmente, o papel de professor era exercido de forma precária. Era destinado a algum colono letrado para o qual o trabalho agrícola não era adequado, principalmente devido a problemas de saúde. Mais tarde, por uma conjugação de iniciativas, foi criada a primeira escola bilingue alemão/português, sob a direção do Pastor Hollerbach, um poliglota.

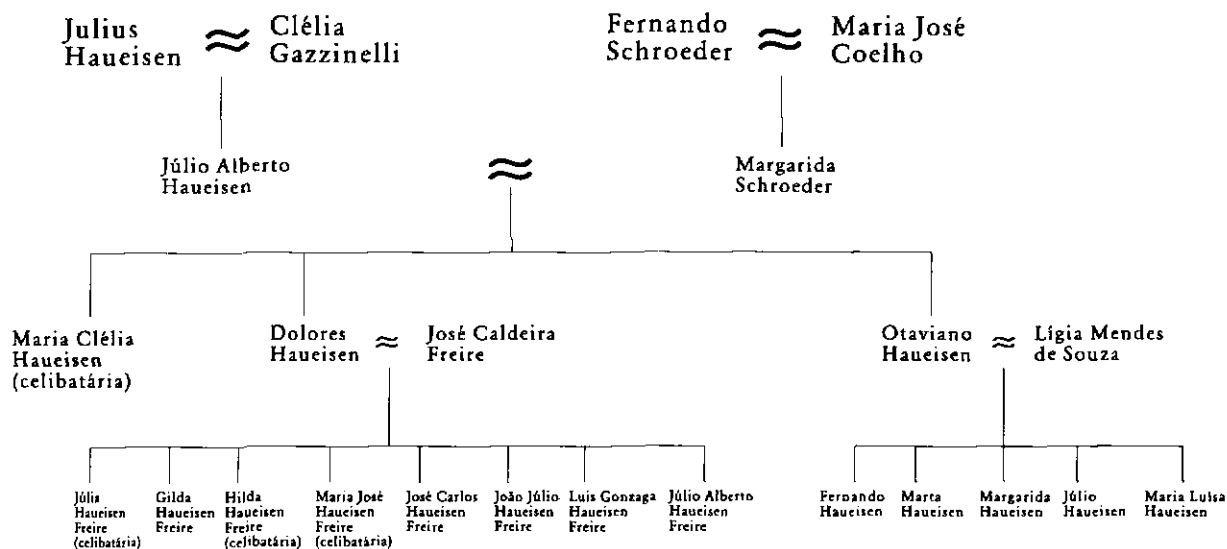
O mesmo esforço bilingue se deu na realização dos cultos e no ensino confirmatório. No entanto, entre os evangélicos, este esforço bilingue cedeu lugar a um monolingüismo, o alemão, como língua ritual, devido a entrada sucessiva de pastores de cultura germânica, ainda que não necessariamente de nacionalidade alemã.



RELAÇÃO DE PARENTESCO FAMÍLIA ROEDEL



RELAÇÃO DE PARENTESCO FAMÍLIA HAUEISEN



No universo católico, a ênfase na língua alemã desde cedo foi menor porque os clérigos destinados ao atendimento dos fiéis da colônia eram remetidos pelas organizações missionárias dos Países Baixos. Neste caso, dado que o número de holandeses católicos era relativamente pequeno e a língua ritual oficial era o latim, o português passou gradativamente a ser mais divulgado. Aliás, o pesquisador da memória alemã de Teófilo Otoni e autor da pequena publicação em que se encontram os registros, Frei Olavo Timmers, OFM, foi um deles.

Para os objetivos do relatório em pauta, não foram computados no mencionado registro, os grupos domésticos de luso-brasileiros, portugueses, italianos etc., que compõem um outro grupo importante de imigração.

Na segunda metade do século XIX, sob a égide da imperatriz Tereza Cristina das Duas Sicílias, houve uma substantiva imigração italiana para o Brasil, especialmente para os cafezais de São Paulo e para o Sul. Uma pequena parte dela, que antecedeu aos dois grandes contingentes, instalou-se no Mucuri. Ainda que numericamente o contingente fosse pequeno, os italianos foram, contudo, importantes no processo de integração dos alemães. Já na primeira geração de imigrantes registram-se casamentos, como o de Clélia Gazzinelli com Julius Haueisen.

Os casamentos pluriétnicos ocorreram tanto com os estrangeiros de cultura mediterrânea quanto com luso-brasileiros que se deslocaram para o Mucuri depois da “abertura das suas matas” e o “controle” dos ataques indígenas. Representantes de tradicionais famílias de Minas Gerais passaram a se casar com imigrantes alemães e seus descendentes; o alemão Ferdinand, depois Fernando Schroeder, que se uniu a Maria José Coelho; ou como o casamento de Geni Haueisen com José Antônio Pimenta. Ainda descendente do mesmo patriarca Haueisen, temos o casamento de Júlio Soares com Maria da Conceição Kubitschek, irmã do ex-presidente e construtor de Brasília, Juscelino Kubitschek.

Como não poderia deixar de ser, contudo, principalmente entre os evangélicos, manteve-se, paralelamente a esta abertura para a integração, uma vertente endogâmica. Nela, valorizam-se os cônjuges alemães e seus descendentes com uma endogamia que pode ser tanto de parentesco quanto de lugar. Entre os laços de parentesco mais frequentemente encontrados está o casamento múltiplo, com maior presença para os casamentos com a prima cruzada patrilateral, que pode ser tanto de primeiro quanto de segundo grau. Dentro desse contexto, os holandeses, suíços, entre outros, e seus descendentes passam a ser considerados enquanto alemães, portanto, casáveis e sofrendo um processo de “germanização”.

No que diz respeito à composição dos grupos domésticos das referidas 119 famílias, os registros apresentam indicações com as quais conseguiu-se organizar um conjunto de dados. Estes mostram que do total de grupos domésticos, dez (8,40%) são formados por pessoas que provavelmente vivem sós, em caráter temporário ou permanente; 16 grupos domésticos (13,44%) são compostos por apenas duas pessoas; 19 (15,96%), têm cinco membros e 15 deles (12,60%) possuem seis membros. Os grupos domésticos grandes são pouco frequentes: apenas 04 (3,36%) com sete pessoas e 06 (5,04%) com oito membros ou mais.

Dos dados numéricos, depreende-se uma curva, cujo ápice está entre os grupos domésticos com três a quatro membros, num total de 41,16%, reduzindo-se drasticamente o percentual à medida em que o número de membros aumenta.

Os dados numéricos merecem ser discutidos à luz de uma aproximação qualitativa. É relativamente alta a presença de grupos domésticos que contam apenas com duas pessoas. Eram, em geral, casais recém-constituídos e alguns raros casos de viúvas com um filho ou outra pessoa. Merece atenção o fato de que dentre estes predominavam largamente os casais da Prússia (cinco) e da Saxônia (cinco).

No conjunto formado por grupos domésticos de três pessoas, predominavam os casais com um filho, muitos deles, segundo Timmers⁷⁵ pagãos, quer dizer, ainda não batizados.

O fato de a criança não ter sido batizada pode ocultar várias situações diferenciadas entre si.

Entre os evangélicos, pode supor o padrão religioso tradicional, em que as crianças, depois de vários meses de idade, seriam batizadas. Aí cabe a pergunta: por quem, visto que não havia pastor. O número de crianças sem batismo pode expressar tão-somente, como aconteceu em outras colônias alemãs, a espera do pastor. Aliás, este fato deu-se logo após a realização do levantamento, com a chegada do Pastor Hollerbach.

No entanto, o não-batismo entre católicos não representa um comportamento recorrente, uma vez que o mesmo costumava ocorrer logo após o nascimento. Contudo, vale ressaltar que dentre os emigrantes europeus deste período, em outras áreas, identificou-se a presença de membros de pequenas seitas ou mesmo de movimentos políticos que se recusavam a batizar seus filhos como forma de protesto. Alguns deles poderiam se enquadrar nestes casos.

O relativamente alto número de crianças não batizadas pode ocultar outro tipo de conflito, comum entre "casamentos mistos", nos quais os pais, ainda não tendo decidido em que religião iriam batizar seus filhos, iam postergando o rito. É interessante observar que dentre os 119 grupos domésticos analisados, 17 deles, portanto, 14,7% do total dos grupos domésticos, continham membros católicos e

evangélicos. Este pode ser o gerador de uma série de conflitos intrafamiliares. O casamento entre católicos e evangélicos, em certas áreas da Europa deste período, deve ter sido fato tão grave que tornou a emigração inevitável.

Os grupos domésticos de três, quatro e cinco membros podem ser enquadrados estruturalmente dentro da mesma situação. Com diferenças irrelevantes entre si, compartilham a mesma fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico: vários filhos, eventualmente ainda algum



Sítio de colonos.

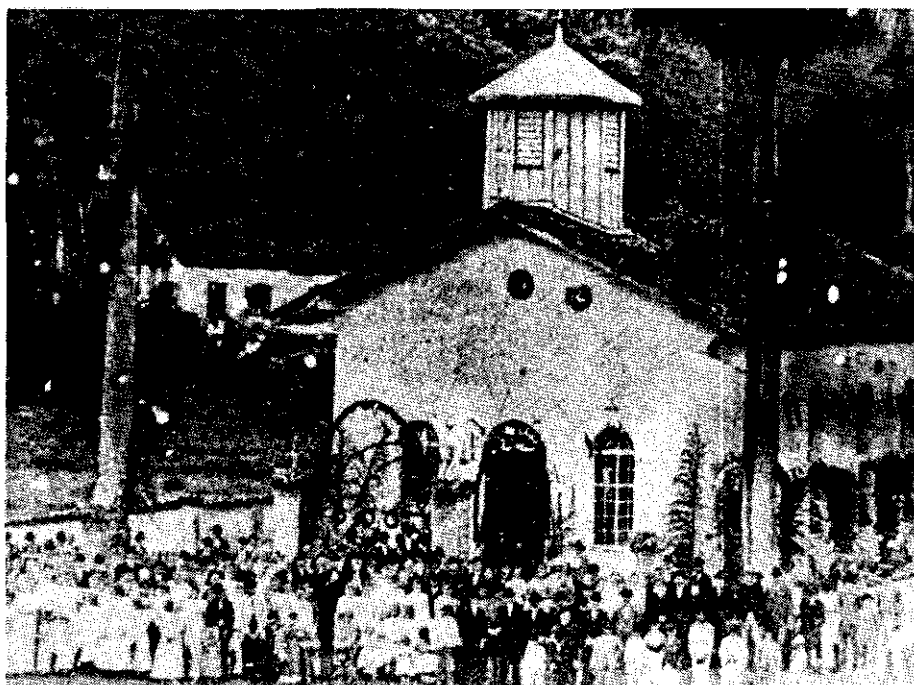
75 TIMMERS, O, op. cit., nota 57.

agregado ou ascendente de um dos cônjuges que estivessem participando do mesmo processo produtivo e familiar.

Os casais prolíficos, proporcionalmente em reduzida representação, possuíam um perfil bastante semelhante. Do total, cinco deles eram da Saxônia, evangélicos, e instalaram-se nas colônias. Este fato causa estranheza à primeira vista, porque vários dos pais de família possuíam qualificação profissional caracterizada como de tipo urbano na época: ferreiro, carpinteiro etc. A sua instalação nas colônias (alguns deles nas mesmas colônias) revela, entre outras razões, dificuldades de sobrevivência de uma família grande apenas com os recursos auferidos com o trabalho especializado do pai, contando, eventualmente, com alguma ajuda de um membro da família.

A possibilidade de chegar a um padrão razoável de vida - de consumo, portanto - seria alcançada através da combinação entre o trabalho agrícola e o trabalho especializado, muitas vezes redefinido pelas circunstâncias e pela demanda do incipiente mercado. A família se tornava um "workteam" no qual a disponibilidade de terras estava articulada aos membros produtores e consumidores, para o atendimento das necessidades básicas. A especialidade, muitas vezes, gerava recursos que eram empregados em melhorias, para financiar eventos ou para as situações de crise.

Quanto à questão da assistência religiosa, esta foi em parte solucionada a partir de 1862, data da chegada do primeiro pastor evangélico, Johann Leonhardt Hollerbach, considerado, na região, como um "símbolo de humanidade cristã, abnegação e coragem". Nascido em 1835, foi ordenado pastor em 1861 em Wieckersheim (Wuerttemberg). Foi enviado ao Brasil através da Sociedade das



Antiga Igreja dos Alemães.

Missões em Basiléia, na Suíça, onde recebeu a sua formação teológica. Seu destino inicial seria as colônias do Sul do Brasil, rota esta alterada em função da ausência de pastores no Mucuri.

Durante os 37 anos que serviu à região, as suas atividades não se limitaram à religião, atuando também como elemento propulsor de um trabalho de assistência social. Seu trabalho nesta área alcançou tamanha dimensão e reconhecimento, que muito contribuiu para alterar a imagem negativa que até então se tinha do Mucuri nas outras colônias alemãs do País.



"Se escrevo tão amfúde a respeito dos brasileiros não stgnifica isso que eu lhes faça corte, em detrimento dos meus deveres de ofício. Não. Eles é que me buscam.

Filadélfia é uma cidadezinha de mais ou menos 2 500 habitantes, dos quais apenas 70 são alemães. Meus paroquitanos moram espalhados nas adjacências dos diversos córregos. O mais próximo a uma distância de 2,5 quilômetros. Além disso, Filadélfia é um centro de convergência obrigatória, por onde transitam homens desconhecidos do interior e das diversas colônias. Tanto assim que um certo Dr. Argolo, engenheiro, me afirmou existirem colônias fundadas há 70 anos, onde ainda não se fala uma palavra de português. Isso quando viajo com esses excelentes brasileiros, que acumulam o 'reverendo' de tantos favores e gentilezas que às vezes sinto-me até constrangido, senão emocionado até as lágrimas com a renúncia e a satisfação com que eles dedicam a seus hóspedes".⁷⁶

76 ROTHE, M. et al., op. cit. nota 32, p. 26.

A presença de um pastor evangélico na região é decorrente do fato de a maioria dos alemães ali radicados ser Luterana.

*"Da Europa saíram da região da Saxônia, onde Martinho Lutero nasceu; então eles, nas sua grande maioria, eram Luteranos".*⁷⁷

Apesar das profundas divergências entre católicos e protestantes, causadas pelas divergências acirradas entre eles na Europa, no Mucuri a convivência não foi somente amistosa como também de auxílio mútuo com relação ao trabalho de assistência social por eles desenvolvidos. Tal fato se deve, em grande parte, pela amizade e ecumenismo existente entre o pastor Hollerbach e o padre Virgulino, representante da Igreja Católica na região.

*"O pastor Hollerbach era muito amigo do padre católico no tempo dele. Eles faziam as viagens juntos - cada um dava assistência religiosa - numa dessas viagens os dois adoeceram. O padre faleceu primeiro. Quando o pastor Hollerbach faleceu os sinos da Igreja Católica tocaram também".*⁷⁸

O pastor Hollerbach faleceu no dia 10 de julho de 1899, e está enterrado no Cemitério dos Alemães, em Teófilo Otoni.

O pastor Hollerbach foi quem criou, em 1863, a primeira escola primária em Filadélfia. Instalou-a em sua própria casa, lecionando em alemão e português. Tendo sido incumbido pelo Governo Imperial de dar aulas aos filhos de colonos, sua situação tornou-se delicada, já que a incumbência não foi acompanhada pelas subvenções regulares, como o prometido.

Em 1880, a comunidade evangélica recebeu um terreno onde foi construída a primeira sala de aula, lá funcionando como escola até 1954. Segundo uma pesquisa realizada sobre a história da educação em Teófilo Otoni, as tentativas de estabelecer ensino de primeiras letras antes do pastor Hollerbach não deram certo por falta de mestres.

*"Consideramos a primeira, a escola fundada pelo pastor Johann Leonhardt Hollerbach, que mais tarde recebeu o nome de 'Escolas Reunidas Pastor Hollerbach' em sua homenagem, e que atualmente é denominada 'Escola Estadual Dr. Lourenço Porto'".*⁷⁹

Até a década de 1940, esta escola foi dirigida por diversos professores de descendência alemã.

Percebe-se, já naquela época, entre os colonos do Mucuri, que a religião foi um dos elos mantenedores de suas tradições. A Bíblia de Lutero era lida por todos os alemães, os quais professavam o protestantismo, e isso os unia. Outro elo importante era a utilização da língua alemã.

77 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com padre da Igreja Católica local.

78 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um pastor da Igreja Evangélica local.

79 KEIM, N. D. **História da educação em Teófilo Otoni**. Teófilo Otoni: Secretaria Municipal de Educação/FENORD, 1987.

*"Sem dúvida, se não tivesse se firmado a situação religiosa deles [dos colonos alemães] vocês não encontrariam traço nenhum mais".*⁸⁰

O processo de miscigenação ocorrido desde os primeiros anos da colonização contribuiu para o enfraquecimento de tais elos, na medida em que, por um lado, os colonos professavam outras religiões, especialmente a católica, e por outro, pela perda gradual do hábito de se expressarem em alemão, dada a natureza das novas relações matrimoniais.

*"Essas famílias logo se misturaram, não mais falaram alemão com seus filhos. Então, Júlto Hauetsen chegou no Rio de Janeiro na época em que estava sendo fundada Teófilo Otoni e aprendeu logo a falar português. Então ele foi contratado por Teófilo Benedito Otoni para vir para a região do Vale do Mucuri servir de interprete. Posteriormente, ele recebeu como pagamento pelo seu trabalho, terras no Vale do Mucuri. Terras onde ele começou a fazenda chamada Santa Clara. Aí, ele se estabeleceu na Fazenda Santa Clara e lá se casou com a italiana Clélia Gaztnelli".*⁸¹

Em 1868, houve a chegada de mais alguns alemães, a maioria da Saxônia, que foram encaminhados para as colônias do Alto São Jacinto, Saxônia e São Pedro.

A prosperidade do Mucuri justificou a realização, em Filadélfia, de uma exposição agrícola, comercial e industrial no ano de 1874, da qual participaram comerciantes, industriais e agricultores, com seus variados produtos divididos em grupos, a saber: gado (cavalar, vacum, muar, suíno), cereais (beneficiados ou não), legumes, café, açúcar, subprodutos do leite, produtos farmacêuticos e de medicina natural, indústrias de tecidos, indústria de metais, indústria de madeira, criação de animais e aves domésticas, fotografia, colecionadores de espécies animais. Dentre os expositores, figuram inúmeros colonos alemães que se destacaram com menções honrosas em diversas atividades, como por exemplo:

*Guilherme Schultz - cereais
Aloys Yunger - polvilho
Gottlieb Bremmer - polvilho
Augusto Wolf - charutos e cigarros
Guilherme Bremmer - café
Pastor Johann Hollerbach - pêssegos e repolho
Roberto Keller - batatas
Frederico Marx - paletó de casemira
Ernesto Neumann - peças de couro
Henrique Pietsch - fotografia
Guilherme Neumann - cavalos.*⁸²

80 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um educador da FENORD.

81 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher descendente de alemães da "primeira leva".

82 FERREIRA, G., op. cit. nota 15, p. 74-91

Em 1878, Filadélfia libertou-se do regime de administração imperial, passando a ter maior autonomia com sua elevação a município e cidade, com o nome de Teófilo Otoni, em homenagem a seu fundador. O novo município



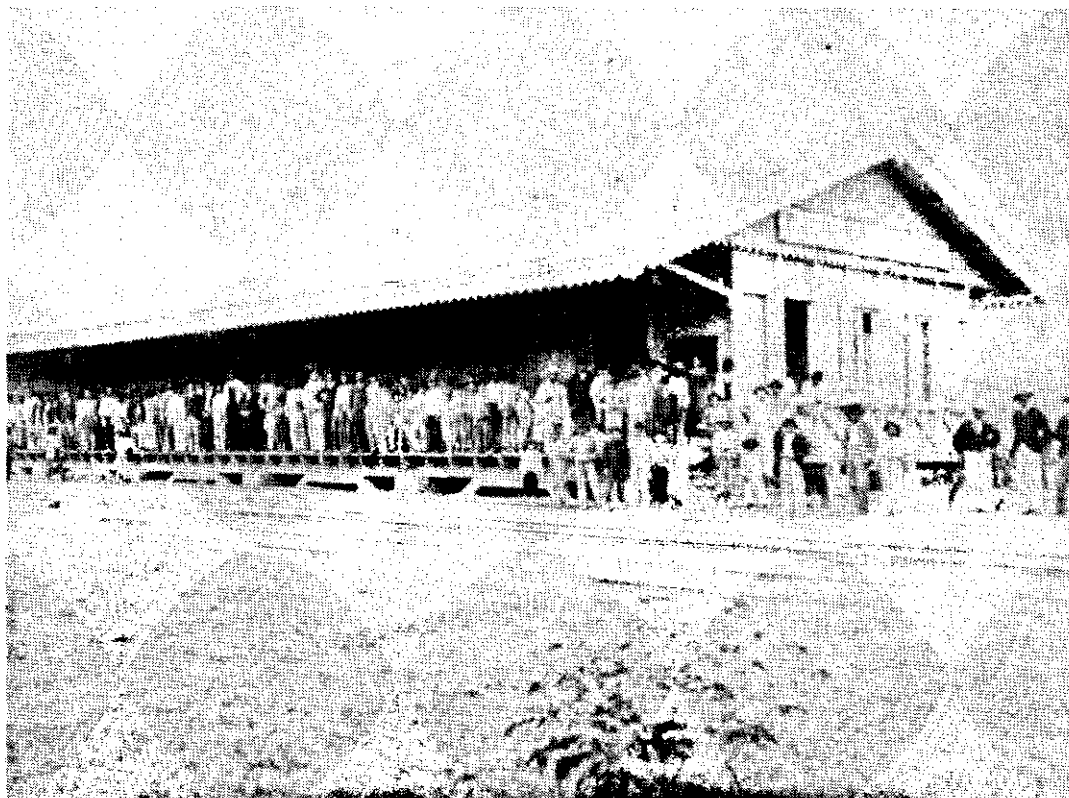
Serraria Fazenda Recanto, de propriedade da família Haueisen.

compreendia os territórios do distrito sede - Teófilo Otoni - e os distritos de Urucú, Santa Clara e Malacacheta, todos desmembrados de Minas Novas.

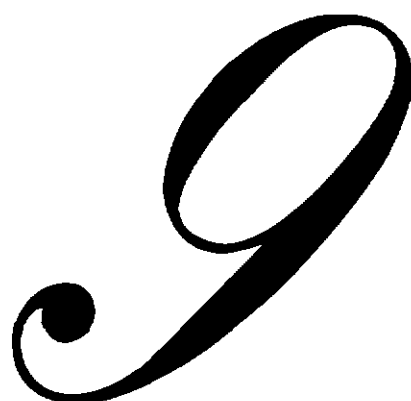
A produção de Teófilo Otoni tornou-se economicamente tão importante que estimulou a apresentação, pelo Dr. João da Mata Machado à Assembleia Provincial de Minas Gerais, de uma solicitação para que se construísse uma estrada de ferro ligando a cidade de Teófilo Otoni à Bahia. Em 1883, era inaugurado o trecho baiano, cujo trem, saído da Estação Central em Ponta d'Areia, chegou a Estação dos Aymores após duas horas de viagem. O trecho até Teófilo Otoni demorou a chegar, sendo inaugurado apenas em 3 de maio de 1889.

A construção da Estrada de Ferro Bahia-Minas, que tinha por objetivo o escoamento da produção de café, madeira e outros, pode ser encarada como um dos pontos de partida para uma liderança exercida por Teófilo Otoni na região. A Estrada de Ferro Bahia-Minas é um dos primeiros empreendimentos deste gênero a ser construído no Brasil, com obras realizadas em duas frentes de trabalho simultâneas, uma em Filadélfia e outra em Caravelas.

A preocupação em prover a região de ligações seguras com o porto mais próximo possibilitou o fortalecimento do comércio e do livre trânsito de pessoas e idéias.



Estação Ferroviária inaugurada em 3 de maio de 1889.



CRESCIMENTO E
URBANIZAÇÃO DE
TEÓFILO OTONI NAS
PRIMEIRAS DÉCADAS
DO SÉCULO XX

A ligação mais rápida de Teófilo Otoni com o Rio de Janeiro, via Porto de Caravelas, e a dificuldade de acesso, por terra, à capital da Província (Ouro Preto), devido à existência de grandes áreas montanhosas, marcaram profundamente o desenvolvimento da região. De Teófilo Otoni em direção ao leste existe um planalto com declive moderado em direção ao mar; em direção ao centro-sul de Minas Gerais, existem cadeias montanhosas que dificultavam a construção tanto de estradas de rodagem quanto de estradas de ferro com a tecnologia disponível na época.

Era, portanto, praticamente inexistente o intercâmbio entre as duas regiões da Província. A economia cafeeira foi beneficiada pelo intenso intercâmbio comercial do Mucuri com o Rio de Janeiro, que sempre exerceu forte atração sobre os teofilotonenses.

Ao contrário de outras áreas de Minas Gerais, Teófilo Otoni sempre foi polarizada pelo Rio de Janeiro, e não apenas devido ao comércio do café. Este contato com aquela cidade se dava de variadas maneiras: através do envio dos filhos das famílias mais prósperas para realizarem cursos técnicos, universitários e especializações; intensa movimentação em função da exportação de pedras para a Alemanha através daquele porto; ponto intermediário obrigatório entre as Colônias do Mucuri e a Alemanha.

Após a inauguração da Estrada de Ferro Bahia-Minas, o município teve ampliados os mercados para seus produtos. De fato, o desenvolvimento que a cidade e o município experimentaram nos últimos anos do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX demonstra que Teófilo Otoni assumiu um papel de pólo de atração de contingentes populacionais, o que pode ser verificado pelo incremento populacional ocorrido no período:

QUADRO 1
POPULAÇÃO TOTAL DE TEÓFILO OTONI POR SEXO
1890-1920

ANO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1890	13222	6851	6371
1900	15038	7882	7156
1920	163199	82409	80790

Fonte: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura.
Serviço de Estatística Geral. *Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920*.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924.

Os dados demográficos do Quadro 1 demonstram um significativo crescimento populacional nas duas primeiras décadas do século, fato explicado não somente pela variação da população de Teófilo Otoni mas também pela incorporação de outros distritos, ao município, a partir da Reforma Administrativa

de 1911. Assim é que, à época do Recenseamento Geral do Estado de Minas Gerais, realizado em 1920, todo o município de Teófilo Otoni possuía uma população de 163 199 habitantes.

O município abrangia dez distritos, inclusive o da sede. Como se vê no quadro 2, a maior parte dos estrangeiros está concentrada no próprio distrito de Teófilo Otoni. Este número refere-se, principalmente, aos estrangeiros que ali chegaram na segunda metade do século XIX, incluindo-se aí pessoas de várias nacionalidades.

QUADRO 2
POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TEÓFILO OTONI, POR DISTRITO
1920

DISTRITO	POPULAÇÃO	
	TOTAL	ESTRANGEIRA
Teófilo Otoni (sede)	31.808	288
Itambacury	38.810	56
Poté	13.747	32
Malacacheta	13.303	4
Setubinha	11.161	4
Concordia	10.334	27
Itaipé	15.078	7
Urucú	7.748	60
Aimorés	3.782	69
Pampam	17.338	8
TOTAL	163.199	555

*Fonte: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais
segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924*

Nesta época, a economia da região estava direcionada para duas atividades principais: agropecuária e extração e comércio de pedras preciosas e semipreciosas (as gemas) - água marinha, turmalina, topázio, ametista e outras.

A população de origem alemã dedicava-se, tradicionalmente, à criação, à lavoura e ao beneficiamento de alguns destes produtos, dentre os quais destacavam-se a farinha de mandioca, o polvilho e a tapioca.

QUADRO 3

PRODUTOS DERIVADOS DA MANDIOCA
TEÓFILO OTONI
1920
(t)

DERIVADOS	1920
Farinha	1.790
Polvilho	169
Tapioca	84

Fonte: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral.
Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924

As principais culturas eram: cana-de-açúcar, milho, mandioca, café, feijão e arroz. Os rebanhos mais expressivos eram o suíno, com 38 255 cabeças, e o bovino, com 9 512 cabeças (dados referentes aos animais nascidos no ano de 1920). A produção de leite era bastante significativa (120 962 litros), com produção de manteiga, queijo e requeijão.

A atividade pedrista, apesar de ser uma das mais antigas e tradicionais, não se constituiu em atividade propulsora de seu desenvolvimento econômico. Devido a sua própria natureza, restrita ao garimpo e à exportação, era explorada por pequenos grupos nem sempre radicados na região. Ela atraiu alguns alemães do maior centro de comercialização de pedras do mundo - Idar-Oberstein - que migraram para Teófilo Otoni, na década de 1920, visando aproximar estes dois centros.

"[Meu sogro ia] de terno a cavalo, pots não tirava a gravata, de óculos escuros, viajando pelo interior à frente da cavalcada, porque não tinha na época boas estradas (...) Ele ia comprando no interior pedras e depois exportava em bruto para a Alemanha, eles eram três irmãos, e lá na Alemanha tinha uns parentes que recebiam (...) e beneficiavam as pedras, quebravam e lapidavam e exportavam para o resto do mundo. E ainda é hoje o maior mercado de pedras".⁸³

Além dessas atividades principais Teófilo Otoni possuía pequenas indústrias do tipo denominado "natural" ou de "beneficiamento", por processarem matérias-primas agrícolas e situarem-se, de modo geral, nas próprias fazendas ou lares urbanos. Constituíram-se em bases financeiras reduzidas, bem como merca-

83 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com a esposa de descendente de alemães.



Hugo Ziemer - de Idar-Oberstein às viagens no nordeste mineiro.

do consumidor de âmbito local e sua expansão estava condicionada à própria expansão da agricultura local.

Em algumas áreas do País, como São Paulo, Rio de Janeiro, e mesmo Juiz de Fora (em Minas Gerais), o capital acumulado via comercialização de produtos agrícolas permitiu investimentos em um novo tipo de indústria, cuja organização aproximava-se mais do modelo capitalista em expansão.

Em Teófilo Otoni, contudo, a agricultura não se estruturou em bases mercantis propriamente ditas, visando muito mais a subsistência que a comercialização. Assim, não se formou um capital excedente capaz de subsidiar e desencadear um processo de industrialização de caráter mais moderno e mercantil.

A organização econômica de Teófilo Otoni, estruturada em atividades primárias relativamente tímidas não propiciou a passagem para uma economia de mercado mais sólida. Este fato constituiu-se em um elemento diferenciador da colonização daquela região em relação a outras áreas de colonização alemã no Brasil. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a colônia alemã praticamente monopolizou as indústrias têxteis e mecânicas do estado, e em Santa Catarina, o crescimento artesanal-manufatureiro, voltado para o comércio local, bem como a exportação de produtos primários elaborados, constituíram-se em importantes atividades de expansão da colônia alemã.

Já em Teófilo Otoni, o relativo crescimento econômico permitiu apenas o investimento em melhoramentos urbanos nos primeiros anos do século XX, não desenvolvendo um sistema produtivo em bases manufatureiras. As pequenas indústrias existentes funcionavam em bases artesanais e não fabris, como era o caso das marcenarias, das torrefações de café, dos engenhos de farinha e aguardente. Até mesmo a atividade pedrista não gerou a formação de oficinas de lapidação ou fábricas de jóias naquele período. Os instrumentos tocados nas

bandas de música, nos teatros, nos concertos eram importados da Alemanha ou de outras regiões do País, por exemplo das áreas de colonização germânica do Sul, que já possuíam fabricação própria também neste setor.

Os serviços urbanos, pouco comuns nas cidades mineiras de então, foram introduzidos, certamente, pela influência exercida pela cidade do Rio de Janeiro. Nesta época, Teófilo Otoni já possuía telégrafo nacional (1910), posto de observações meteorológicas (1911), abastecimento de água encanada (1915), linha de bondes (1918), rede telefônica (1920), empresa de automóveis (1921), posto de profilaxia rural (1921), iluminação pública e particular por energia elétrica (1922).



Linha de bonde no centro da cidade.

Frei Samuel Tetteroo assim descreve a cidade:

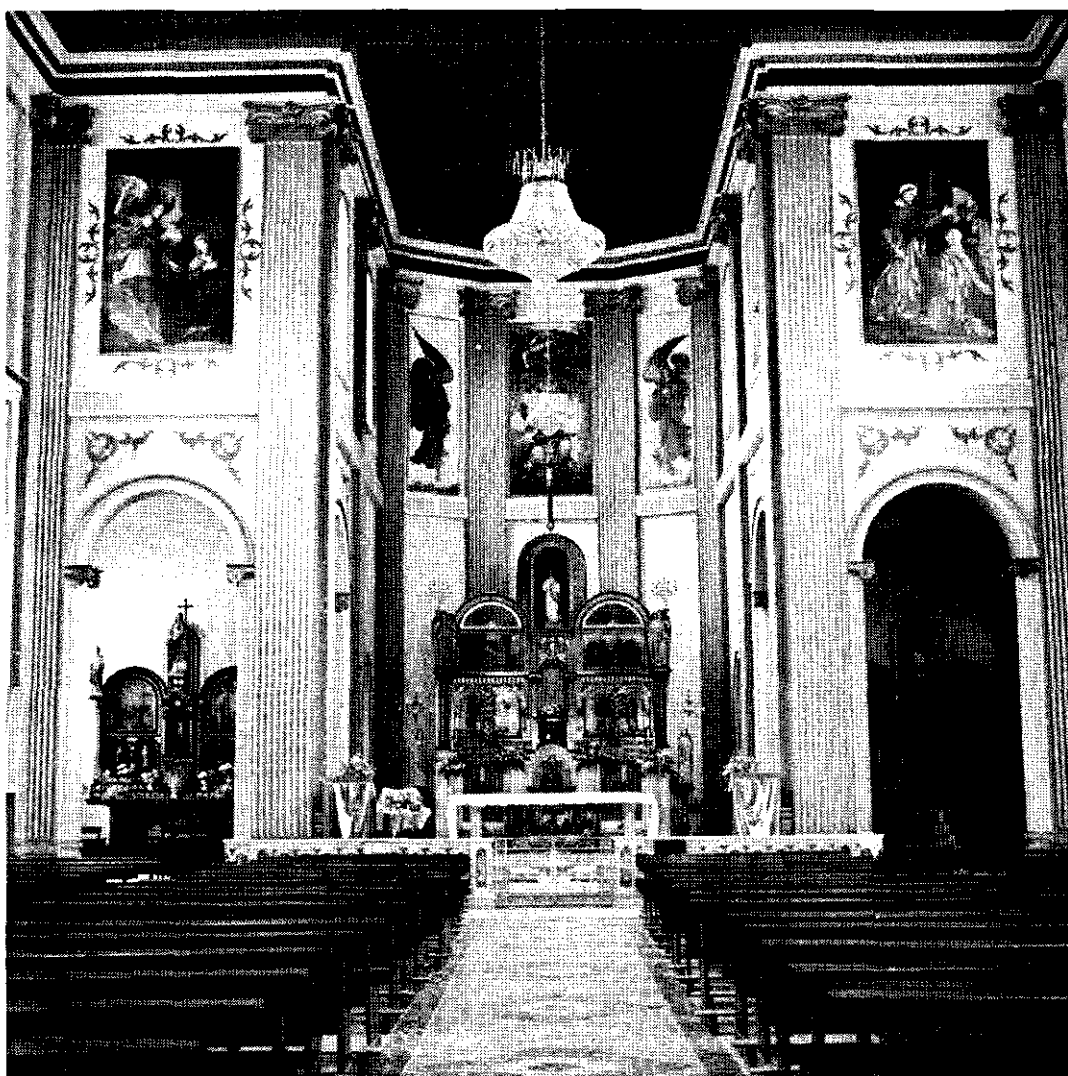
*"É a cidade dividida em três praças grandes e diversas ruas largas. Além das praças Argollo e Tiradentes (...), em que estão situados respectivamente os edifícios do mercado e do fórum, há ao fim norte da rua Direita a espaçosa Praça 15 de Novembro, antigamente Praça Germânica, nome que lhe foi mudado por ocasião da última guerra mundial. Nesta praça estão situados o templo ou casa de oração da Religião Evangélica Lutherana, a distribuidora da energia elétrica e num pequeno cercado os instrumentos do posto meteorológico".*⁸⁴

A cidade possuía, ainda, dois hospitais: o Santa Rosalia, mantido pela Associação Hospitalar Santa Rosalia, e o São Vicente, de tuberculosos, mantido pela Conferência de São Vicente de Paulo, bem como um asilo para idosos carentes.

A oficina de marcenaria de Otto Roedel, cujo maquinário importou da Alemanha ainda nos primeiros anos do século, realizava apenas pequenos serviços de âmbito local. Ele e seus oficiais foram os responsáveis pela decoração interior da igreja matriz, construída em estilo gótico, composta por três altares esculpidos em madeira com detalhes em ouro, púlpito e bancos, todos em jacarandá.

As festas, apresentações de teatro, danças e confraternizações entre os descendentes de alemães se davam no Clube Concórdia, criado no início do século e que funcionou até a década de 1950.

⁸⁴ TETTEROO, S., op. cit. nota 22, p. 71.



Catedral da Imaculada Conceição, antiga Matriz.

"Lembro, só admitiam como sócios pessoas descendentes de alemães, só alemães, pessoas que dominavam um pouco a língua, mas depois foi-se abrigueirando porque os descendentes de alemães foram casando com brasileiros"

"Não existe mais nada daquelas festas (...) eram muito boas, na época ensaiamos uma peça teatral para apresentar em Belo Horizonte(...) Era mais apresentação de ginástica, não teatro falado".⁸⁵

Nas primeiras décadas deste século, Teófilo Otoni possuía uma efervescência cultural bastante acentuada, sendo costume entre os descendentes de alemães que residiam na cidade propiciar a seus filhos aulas de música, em

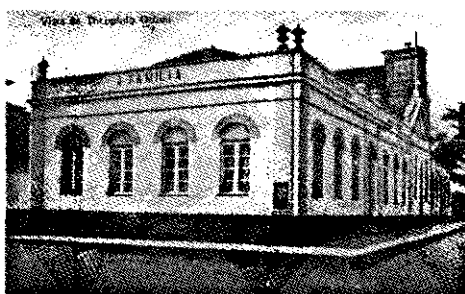
85 Entrevista realizada em Belo Horizonte com uma mulher descendente de alemães da "primeira leva".

especial o piano para as moças.

A música era uma referência constante, com a constituição de corais nas igrejas, costume que se mantém até hoje.

Devido à distância dos grandes centros urbanos e ao grande interesse de parcela significativa da população em atividades culturais, era comum, nas primeiras décadas do século, a apresentação de teatros e orquestras de câmara vindos da Alemanha.

"Quando eu era pequena ainda, eu vi aqueles violinos todos, era uma maravilha. Eles vinham de navio até Caravelas, e depois pela Baía-Minas, levando aqueles instrumentos todos".⁸⁶



Sede da Tipografia do Jornal "A Família"

Importante para a vida cultural da cidade foi a existência de três jornais semanários, todos compostos e editados em oficinas próprias: "A Família", "O Mucury" e "O Município", tendo-se também notícia da edição de jornais até mesmo em alemão.

A década de 1920 mostra Teófilo Otoni como sendo uma cidade com acentuado grau de modernização do seu aparelho urbano. A cidade possuía uma avenida

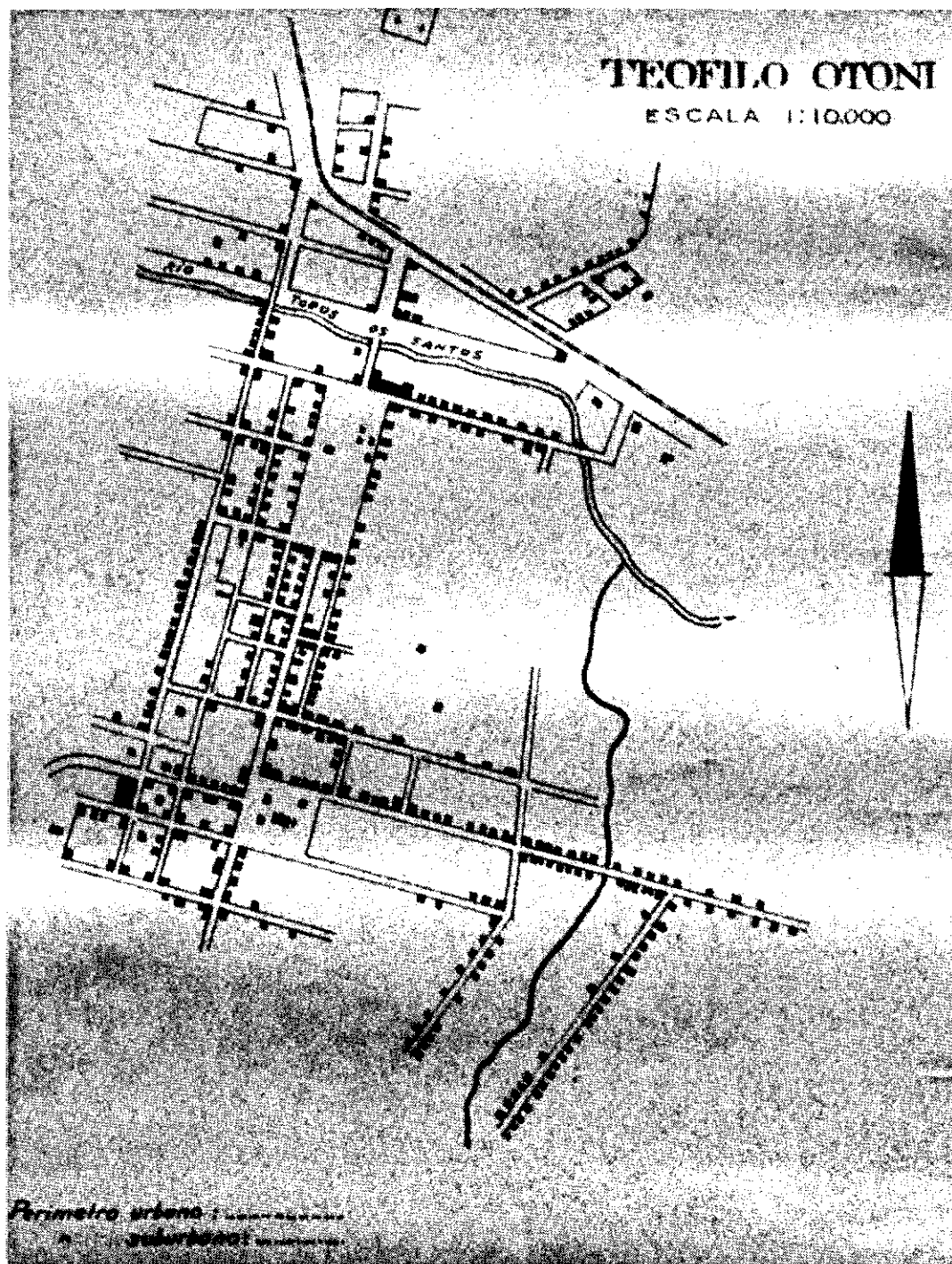
e 20 ruas, quatro travessas e cinco praças. A oferta de água era relativamente abundante, sendo o volume do reservatório local de 250 mil litros, que permitia o abastecimento de 510 prédios. A despeito desta boa distribuição de água, e de acordo com a situação predominante nas cidades brasileira e mineiras do período, Teófilo Otoni não possuía rede de esgoto.

No que se refere à educação, Teófilo Otoni possuía, em 1920, 16 escolas primárias públicas mistas, quatro masculinas e três femininas, sendo 11 estaduais e 12 municipais, com cerca de 1200 alunos matriculados⁸⁷. Além destas, o município possuía duas escolas primárias particulares, ambas mistas.

Nesta época o governo do Estado de Minas criou uma nova colônia em Teófilo Otoni, a Francisco Sá, pelo decreto de 26 de setembro de 1921, como parte de uma nova política de imigração iniciada após a Primeira Grande Guerra. No dia 12 de janeiro de 1922, chegaram 16 famílias alemãs, que deixaram seu país em função da guerra. A colônia ainda não estava pronta para recebê-los, e foram, por isso, precariamente alojados num grande barracão, na própria Francisco Sá.

⁸⁶ Entrevista realizada em Belo Horizonte com mulher descendente de alemães da "primeira leva".

⁸⁷ As estatísticas pesquisadas sobre educação pública não especificam a localização das escolas, com distribuição entre o distrito-sede do município e os demais distritos.



Planta da Cidade de Teófilo Otoni no início do séc. XX.



CARACTERIZAÇÃO DA
IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO
VALE DO MUCURI
EM SUA SEGUNDA FASE



Alemanha, que após sua unificação, em 1871, havia entrado em processo de plena expansão econômica, em que a emigração praticamente cessou, saiu da guerra de 1914-18 em crise generalizada. A perda de cerca de 1 700 000 pessoas fez com que houvesse uma desestruturação familiar em larga escala, aumentando ainda mais a instabilidade e a insegurança. Sua moeda desvalorizou-se, causando absurda inflação. Essa inflação foi apreendida por uma imigrante da segunda leva, ainda na sua infância, que nos afirma:

*"Na inflação, na Alemanha, mamãe repartiu um ovo em três pedaços; porque na inflação na Alemanha não tinha o que comprar. Tinha o dinheiro, mas não tinha o alimento. Então, mamãe dizia assim: 'pode deixar, minha filha, nós vamos para o Brasil, e lá tem muitos ovos'. Ai eu vim antmada e quando chegamos na Ilha das Flores: nós já chegamos no Brasil, né? Agora nós já podemos comer ovos".*⁸⁸

Ou, como dizia outro imigrante, referindo-se à mesma situação:

*"A gente nunca sabia o preço de alguma coisa. Levasse pacotes de dinheiro para ver se com alguma sorte conseguia comprar alguma coisa. Uma vez, eu havia recebido algumas coroas dinamarquesas e foi com elas que, depois de meses, consegui uma refeição completa para minha família. Vocês, hoje, aqui no Brasil não tem ideia do que nós sofremos. Essa situação aqui é brincadeira, porque vocês nunca deixaram de ter o pão na mesa".*⁸⁹

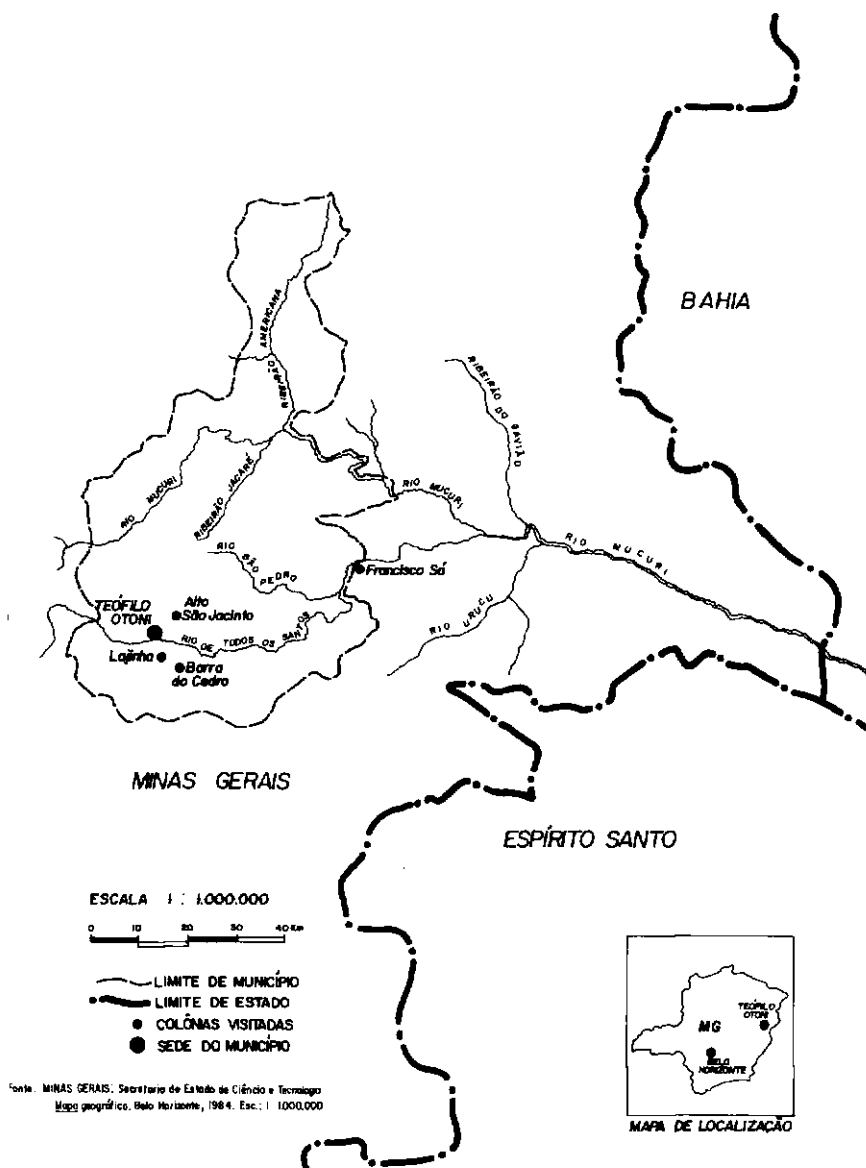
A economia estava arrasada, com indústrias e lavouras destruídas e recursos minerais básicos tomados. Este quadro, por sua vez, gerou o êxodo rural, que agravou ainda mais a crise de habitação em metrópoles como Berlim, por exemplo, que passou a sofrer um processo de "inchamento" com a elevação dos problemas habitacionais. Tudo isso acrescido à instabilidade, ao desemprego e às reivindicações sociais e políticas traduziram-se em violência, greves e jornadas revolucionárias constantes.

Além disso, a Alemanha perdeu parte de seu território para outros países o que fez com que também muitas famílias de cultura alemã dessas áreas perdidas não aceitassem a mudança de cidadania. Por outro lado, a perda das colônias africanas fechou-lhes a possibilidade de para lá migrarem. A decepção gerada pela derrota bem como a desesperança e a falta de alternativas e perspectivas de futuro provocaram, nesse período, ainda que por pouco tempo, novas ondas emigratórias, sobretudo para o continente americano. Já do ponto de vista dos países anfitriões, e no caso específico do Brasil, as emigrações vieram atender a

88 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva".

89 Entrevista realizada em Brasília com Pastor Evangélico, imigrante da "segunda leva", que trabalhou em Teófilo Otoni.

MUNICÍPIO DE
TEÓFILO OTONI
BACIA DO MUCURI
1991



uma demanda do governo brasileiro que construía novas áreas de colonização no País, visando especialmente o incremento da agricultura. Teófilo Otoni foi uma dessas áreas, tendo recebido a segunda "leva" de imigrantes em 1922, na Colônia Francisco Sá.

Os primeiros contatos e informações sobre o Brasil esses emigrantes receberam ainda na Alemanha, através de cartas e notícias dos vizinhos e amigos que aqui já moravam. As notícias se espalhavam atraindo a atenção daqueles que passavam por dificuldades sócio-econômicas decorrentes da recente I Guerra Mundial. Histórias narradas pelos colonos são sempre as mesmas. Um vizinho recebia cartas da filha que já morava no Brasil e ...

*"(...) e o velho chegava sempre na nossa loja e leu as cartas que a mãe de W. mandava. E a mãe de W. era uma grande mentirosa, né? (...) E, então, ela escrevia: Brasil é um paraíso. Os homens só precisam sair da porta já pode matar veado e qualquer coisa, né? E a gente viaja hora, hora, nos pomares de laranjeira. É por isso que meu pai vem, por causa dessas cartas (...) e por causa dessa mentira nós chegamos pro Brasil!"*⁹⁰

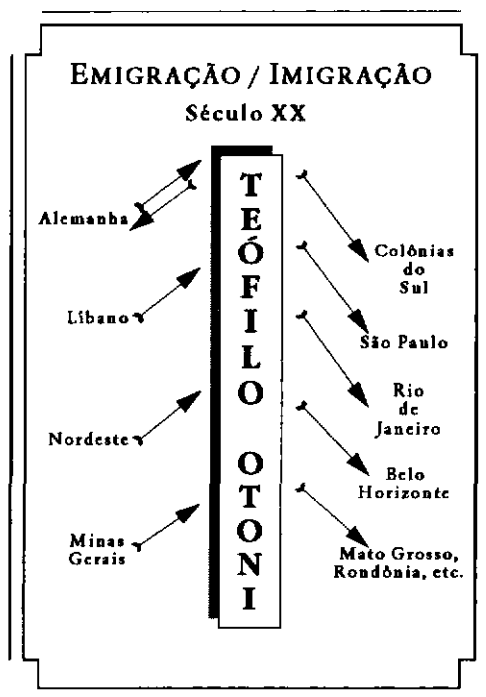
90 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

Os candidatos a colonos passavam por uma triagem na inscrição ao serviço de imigração do Brasil na Alemanha, havendo preferência por famílias jovens, em condições de trabalhar e povoar. Neste sentido, ocorreram, ainda lá, casamentos de conveniência, de maneira a facilitar a vinda dos interessados.

No início da década de 20, existiam duas formas de emigrar: aquela patrocinada pelo governo brasileiro e a espontânea. As levas patrocinadas pelo governo eram constituídas por pessoas com menos recursos financeiros. Já a imigração espontânea era financiada pelo próprio imigrante que, geralmente, vinha influenciado por notícias de familiares ou amigos já estabelecidos no "paraíso tropical". Estes, na maioria das vezes, se desfaziam de todos os seus pertences para "fazer a América", como ilustra o depoimento a seguir:

"Porque os primeiros eles ainda vinham por conta do governo do Brasil em 1921.⁹¹ Mas, depois, queria tanto vir que o Brasil cortou. Mas nós não tinha assim esse [problema], meu pai trouxe até dois cachorro, trouxe piano, trouxe tudo, né?"⁹²

Outro grupo de imigrantes era constituído por pessoas que moravam nas aldeias, que trabalhavam em atividades artesanais ou pequeno comércio ambulante e, dada a inflação do pós-guerra, buscaram alternativas fora do país. Este é o caso de uma família cuja informante descreve assim a vida na aldeia:



"Nós viemos de uma aldeia pequena para o Brasil. Mas com essa inflação, e nós tinha essa vendinha lá e meu pai ainda foi a umas aldeias com carga de cavalo levando e comprava manteiga, queijo, essas coisas mais retradas. Mas ficava também em tempo de frio, minha mãe passava medo (...) Por causa dessas cartas. Então, diz que era bom, tem uma vida melhor (...)"⁹³

As 15⁹⁴ famílias que constituíam a "leva" de 22 chegaram em Teófilo Otoni, lá permaneceram oito dias, quando, então, foram encaminhadas à Colônia Francisco Sá. O transporte foi feito em carro de boi, lombo de burro e a pé, de maneira muito precária, como descreve uma imigrante daquela época:

91 A data mencionada pela informante refere-se à partida da Alemanha, dezembro de 1921. Esta é a "leva" conhecida como de 22, que chegou a Teófilo Otoni em 12 de janeiro de 1922.

92 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

93 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

94 O número exato de famílias que chegou nesta época em Teófilo Otoni é controverso. Alguns fazem referência a 15, outros a 16 ou 14 famílias.

*"Nós vtemos de Teófilo Otoni pra Francisco Sá num carro de boi, as senhoras perrengues que não podiam caminhar ou com menino pequeno. Os maiores vinham em burro, postos, como é que fala, com duas latas de querosene de lado. Então ficava os meninos ali, quatro meninos em um burro".*⁹⁵

A chegada dos colonos à cidade e à Colônia Francisco Sá foi assim noticiada no Jornal "O Mucury", semanário em circulação na região, àquela época:

*"Chegaram no dia 12, 14 famílias com 68 pessoas, de Colonos alemães destinados ao Núcleo Colontal "Francisco Sá", no "Mestre de Campos". Estando as obras de fundação desse núcleo ainda no início, não existindo ainda lotes preparados para a localização desses colonos, serão alojados provisoriamente e aproveitados nos serviços de construção de casas e outros andamentos da Colônia".*⁹⁶

A Colônia de Francisco Sá possuía 450 alqueires de terras divididos em 90 lotes de cinco alqueires cada um, na localidade denominada Mestre de Campos, próxima à cidade. As obras de infra-estrutura, ou de fundação, que deveriam estar prontas quando da chegada dos imigrantes, somente foram concluídas em fevereiro de 1925. De acordo com o jornal local "O Mucury", tais obras, iniciadas em 1921, a partir do decreto do Presidente do Estado, Arthur Bernardes, consistiam nos seguintes pontos:

"Serviço de Campo - levantamento de todo o perímetro da colônia, cursos d'água, etc, locação de lotes

Serviço de Escritório - desenho da planta geral da colônia e cópias. Projeto da divisão dos lotes.

Estradas - foram construídos 36.000 metros de estradas, compreendendo as estradas gerais ligando grupos de lotes e estradas de acesso a cada lote.

Tapumes - Foram construídos 100.461m, compreendendo valos e cercas, com o fim de cercar todo o perímetro da colônia, as estradas públicas que atravessam e dividir entre si os diferentes lotes.

Roçados e Derrubados - Foram feitos em 2.600.000 metros quadrados.

*Construções - Foram construídas 83 casas para colonos e reparadas 3 casas no lote da sede, destinadas ao encarregado da Colônia, ao Mestre de Cultura e à Escola".*⁹⁷

A construção das casas é assim descrita por uma das imigrantes:

"Mas ali, na Colônia, não tinha casa, não tinha nada. Era um barracão onde despejavam essas 15 famílias. Era de dois andares. Os homens ficavam em baixo e as mulheres em cima, ou vice-versa, isso eu não me lembro bem

95 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

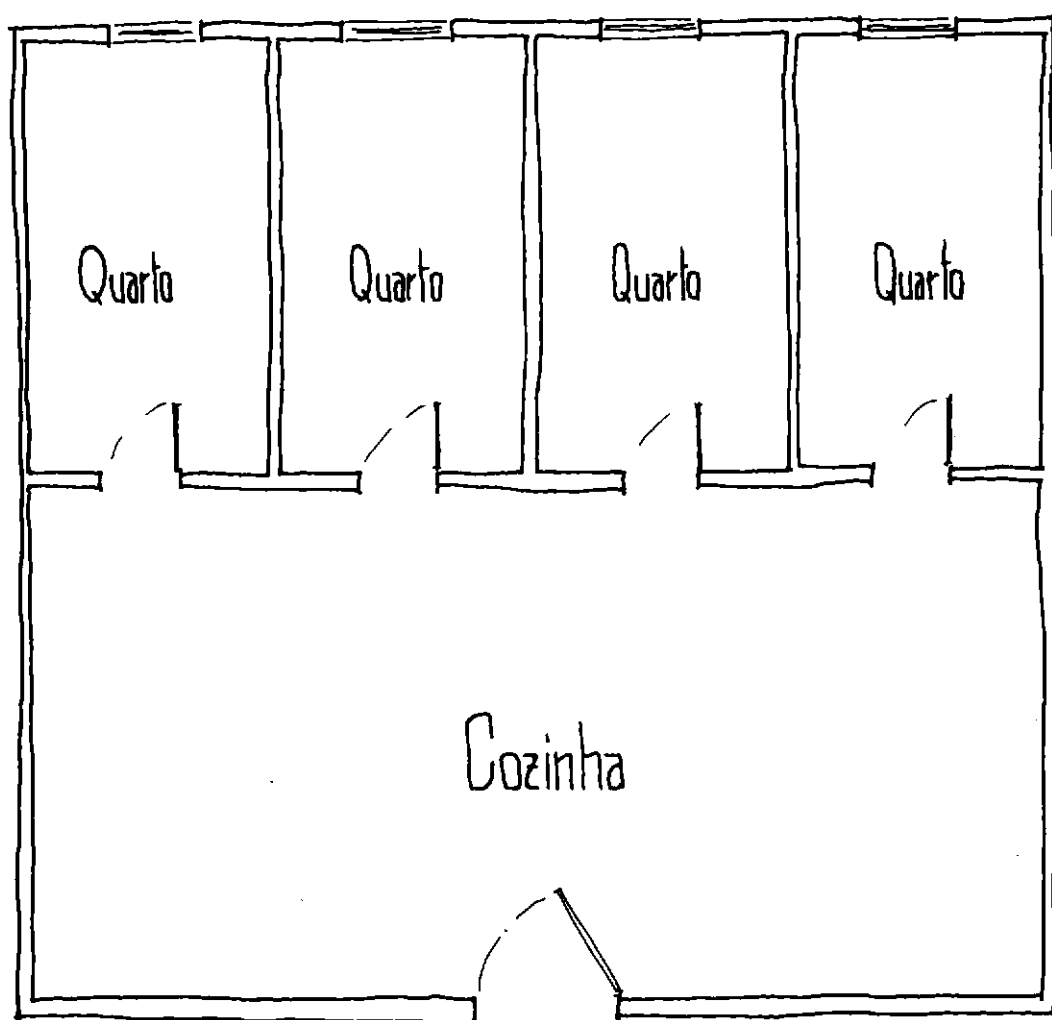
96 O MUCURY. Teófilo Otoni, 15 de jan. 1922.

97 O MUCURY. Teófilo Otoni, 22 mar. 1925.

*mais não. E isso era só por uns 8 dias, enquanto o marido, os pais nossos, os filhos grandes e tal fizeram um barracão com divisão assim de dez quartos e cinco cozinhas".*⁹⁸

As casas foram logo construídas em regime de mutirão, seguindo um modelo arquitetônico muito simples e padronizado.

PLANTA PADRÃO DE CASA
DE COLONOS (1922)



98 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

*"Casa de Colônia, tudo era de um tipo só, era quatro quartos, cozinha atravessada, pronto. Ah, o banheiro, eles faziam um barraco ali fora. Não tinha esse negócio de banheiro. Isso nós não conhecíamos (...) não tinha forro, eram casas muito altas".*⁹⁹

A participação na construção da infra-estrutura da Colônia serviu como uma fonte extra de recursos para os recém-chegados. Com este dinheiro, foi possível a aquisição de bens que ainda não eram produzidos, especialmente para a compra de tecidos mais leves que substituíssem as pesadas roupas do inverno europeu.

A maioria das famílias chegadas em 1922 vivia em "metrópoles" no seu país de origem, alguns em Berlim, e não tinham nenhuma experiência com o trabalho agrícola, como relatam alguns entrevistados:

"Nós, mentnos, que falar um pouquinho e entendia falava: 'não, papai, ele disse que não é pra por assim o caroço', essas coisinhas né?, que atrasaram os pais que chegaram da cidade grande e não tinham uma noção do que se põe [na terra] (...) talvez plantava com raiz pra cima, quem é que sabe, né?(...)"

*"E meu marido, ele foi primeiro numa casa de fazendetro para aprender a lavoura e a língua. E lá ele aprendeu a trabalhar com arado para cultivar e ele também foi lá uns tempos e plantar no terreno".*¹⁰⁰

A chegada dos imigrantes na Colônia era carregada de surpresa e decepção. O local era distante da cidade, rodeado de matas, sem construção alguma, despovoado. Para as crianças, não havia problemas, pois logo tiravam as roupas quentes do inverno europeu, os sapatos e corriam descalças experimentando a liberdade da vida na amplidão das matas. Mas já para crianças acima de dez anos e adultos era um choque. Perguntada sobre a lembrança da chegada na Colônia, uma entrevistada que se estabeleceu em Francisco Sá aos 11 anos de idade disse apenas:

*"Era bem triste, bem triste".*¹⁰¹

Passaram longo período de adaptação, sem conhecimento da flora e da fauna, da língua etc. Naquela época, a área de matas na região ainda era considerável, e as famílias tinham que abrir picadas e clareiras para caminhos, habitações e plantio de roças de subsistência. Pelos depoimentos, pode-se averiguar que a comida, os costumes e mesmo o contato com pessoas de outras raças eram assustadores.

99 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

100 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

101 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

*"Gente da cidade grande morava em apartamento, via essas coisas todas, né? Não conhecia isso, não sabia nem o que era um negro, né? Ficavam horrorizados de ver aquele negro com colher de pau, mas para eles era pau, né? mexendo aquela comida com feijão preto. Feijão preto. Ninguém sabia o que era na Alemanha feijão preto. Essa coisa ninguém comia".*¹⁰²

Os homens adaptaram-se mais rapidamente ao feijão com arroz, pois o trabalho braçal forçaram-nos a isto. Mas as mulheres comiam coisas leves, tentando cozinhar alimentos já conhecidos como panquecas, sopas e mingaus.

Ao que tudo indica, a rotina para as mulheres foi muito penosa, já que a elas cabia a tarefa da organização familiar. Sentiam-se desorientadas, sem saber a língua, sem saber o que comprar na venda, pois os mantimentos expostos em latas nas prateleiras eram-lhes desconhecidos, como também desconhecido era o modo de preparo.

Sem conhecimento da língua, dos remédios para ferimentos freqüentes naquele ambiente, o mais difícil parece ter sido a gravidez e o parto. As dificuldades financeiras dos primeiros anos tornavam quase proibitivas as compras que não fossem para alimentação, de modo que as roupas e utensílios para bebê eram quase inexistentes.

*"Minha irmã nasceu em março de 23. Nós chegamos em janeiro de 22, né? (...) mas não tinha recurso para essa criança como ela tinha costume de criar criança pequena (...) esse negócio de fralda (...) duvido que ela tenha trazido qualquer coisa de bebê pra cá, que pelo que eu soube depois, ela nunca esperou que ia ter mais menino. Era 3 meninos e chegava, mas aconteceu, né? Então, pra minha mãe deve ter sido muito duro, né?".*¹⁰³

Além das tarefas domésticas, como cozinhar, lavar, passar, costurar, cuidar dos filhos, limpar a casa, a mulher também desempenhava outras atividades, como plantio, colheita, lida com animais, fabrico de farinhas e gomas e outros afazeres, como descrito a seguir:

*"Eu era menina de roça. Só sabia o que era trabalhar serviço pesado, igual hoje em dia (...) Então, o meu serviço era lavar roupa, ajudar na cozinha, tratar de porco, apanhar café, apanhar arroz. Ajudava meu pai a jogar saco de café pra cima (...) 60 quilos, eu apanhava na cacunda e ia embora (...) Eu não tinha nojo de sujeira nenhuma. Tinha dias que vinha assim, que eu estava com poeira de café até onde não podia mais, porque limpar café é um serviço porco".*¹⁰⁴

102 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

103 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

104 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "segunda leva", 58 anos.

*"Eu ajudo meu pai tudo até. Só não derrubo os pau, mas ajudo a roçar tudo. Eu ajudei. Eu era como um homem dentro de casa".*¹⁰⁵

*"Lá em casa tinha era máquina de café, máquina de limpeza de arroz, era fazeção de farinha, rapadura. Eu já fiz tudo. Não tem o que eu não fiz. Pode me dar lá o que for que eu faço. Faço ele até hoje, que eu aprendi de pequenina. Eu cresci no serviço. Não vou lhe dizer que eu não trabalhei, não, e serviço não mata ninguém, e você vê que eu ainda tô viva".*¹⁰⁶

O problema de comunicação em língua desconhecida foi um grande obstáculo à adaptação dos imigrantes, tendo prejudicado em muito os trabalhos na lavoura, pois cultivavam de maneira errada, no tempo errado. Plantavam milho, feijão, batata, mandioca, arroz e posteriormente café, além da criação de porcos. Os fazendeiros vizinhos à Colônia ajudavam mostrando como fazia-se a semeadura. E contavam, também, com a ajuda das crianças que aprenderam a comunicar-se mais rapidamente que os adultos. Mas tudo funcionava na base de gestos, pois o desconhecimento da língua não permitia que esta fosse utilizada como instrumento de comunicação.

Através dos depoimentos de pessoas que chegaram em 22/24, ainda jovens, percebe-se que as crianças, de fato, assimilavam a língua de maneira mais fácil e rápida que os adultos, procedimento próprio dos processos de aprendizagem diferenciados entre crianças e adultos. Observa-se, também, certa resistência na utilização da nova língua por parte dos adultos, o que se apresenta como uma contradição, na medida em que esta era um instrumento indispensável na aquisição das técnicas de produção essenciais ao empreendimento agrícola que estavam iniciando.

A alternativa encontrada para resolver o problema da comunicação foi a incorporação das crianças ao trabalho. Isto forçou o aprendizado da língua portuguesa, por parte das crianças, na rua. Em contrapartida, no ambiente familiar, muitas vezes, as crianças eram impedidas, pelos pais, de expressarem-se neste idioma, estabelecendo-se, assim, uma dicotomia casa-alemão-pai/adulto autoridade X rua-português- pai/adulto dependente.

"Ave Maria que nós falássemos em português na mesa! Ah, meu Deus, levava uma cutela daquele, né? Papai não permitia não. 'Na mesa, na minha mesa se fala alemão, né?' Podia falar de fora o que quizesse, mas na mesa não tinha ninguém que falava português. Era alemão, tudo, tudo, tudo era alemão" (...)

"Mas mentino, sabe como é que é, quando sabe de uma coisa, quer. Entre si, nós queríamos falar o português. Ah, mentina, quem é que papai me deixava... Ah, não. Bastava olhar uma vez pra nós que sabia o que era: não podia abrir a boca mais. E lá em casa era assim: meu marido era alemão,

105 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

106 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

*eu era alemã e lá tudo era alemão ainda. Meus filhos falavam alemão. Portugêses aprenderam na escola".*¹⁰⁷

A língua alemã ficou, assim, circunscrita ao ambiente familiar, à casa, constituindo-se em um ponto de referência em relação às suas origens. Com o passar dos anos, esta situação foi cristalizando-se. Porém, é curioso observar que nas ocasiões de contato com visitantes alemães na região, momento em que poderiam expressar-se na língua materna em público, ocorria um certo constrangimento e insegurança quando não se faziam entender plenamente, acreditando ser este fato decorrente da não utilização correta, quando, na verdade, isto só se dava em função da existência de diferentes dialetos.

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes nos primeiros anos, aliadas a um relativo isolamento da Colônia, dada a distância da cidade, contribuíram para o desenvolvimento de um sistema de solidariedade entre eles muito importante para a sua sobrevivência. Mesmo quando havia atrito entre alguns membros do grupo, em caso de necessidade tudo era esquecido, e vigorava o auxílio mútuo. Nas doenças, por exemplo, quando não havia carro ou a chuva deixava a estrada de terra intransitável, os homens se uniam na tarefa comum de levar o enfermo ao médico ou hospital da cidade.

*"Alt tinha untão entre os alemães que tinha, tá entendendo? Fulano tá doente, precisa ir pra cidade, como é que vamos fazer? nós vamos carregar ele. E fizeram uma rede, puseram o homem lá dentro, com uns paus assim, quatro homens carregando quase 20 quilômetros".*¹⁰⁸

Para os colonos alemães que vieram para a região do Mucuri, a questão da saúde se apresentou, primeiramente, como um elemento do processo de adaptação ao clima tropical. Em relatos de época, encontram-se várias referências a problemas como bicho-de-pé, por total desconhecimento por parte dos alemães e seus descendentes deste problema, alguns chegando mesmo a perder dedos em função do acúmulo de bichos-de-pé em seus membros.

As dificuldades de adaptação ao clima tropical também contribuíram para o surgimento de problemas de saúde. Acostumados às roupas pesadas do inverno europeu era natural que o corpo se ressentisse das roupas leves e dos pés descalços como disse uma entrevistada:

*"Nós saímos da Alemanha em novembro, um gelo, pode-se dizer, né?. Chegamos aqui, jogamos essa roupa quente toda fora. Podia ir descalça. Lá no apartamento tinha que ir andar calçado, mentno gostava. Mas para ela [a mãe] essa muda pra criar mentna, agora nesse calorão".*¹⁰⁹

107 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

108 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

109 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

A falta de conhecimento e informações sobre doenças, mesmo as não tropicais, provocou mortes de pessoas que poderiam ter cura caso houvessem sido tratadas a tempo. Mas era comum entre os colonos resistirem às doenças, procurando assistência médica só em último caso. Assim, até mesmo as verminoses poderiam matar, como relatou uma entrevistada:

*"Minha sogra morreu de repente. E quando viu, estava doente. Levou para cidade para tratar. Mas ela não tinha sangue mais, nem sabia. Esses [vermes] estão com sangue tudo".*¹¹⁰

No dia-a-dia dos colonos, as doenças eram tratadas de duas maneiras distintas: pelas mulheres das colônias ou buscando socorro no Posto Médico localizado em Teófilo Otoni.

Devido à localização das colônias, normalmente distantes da cidade, fator bastante agravado pelas dificuldades de acesso, estradas precárias, os primeiros socorros eram realizados nas próprias colônias e nas fazendas. Os casos mais freqüentes eram de picada de cobra, bernes, mosquitos, doenças infantis e partos.

*"Ah, os mosquitos! Mosquitos! Virgem Nossa!! (...) E o velho uma vez tinha 28 bernes. Não sabia o que é isso, tudo na cacunda! (...) Brasil é um paraíso se ele não tinha tanto micróbio!"*¹¹¹

Estes primeiros socorros eram realizados geralmente por mulheres que buscavam informações além da prática cotidiana.

*"Minha avó tinha um livro importado da Alemanha, o livro naturalista [possivelmente de Pfarrer Kneipp] onde ela estudava tudo. Ela tinha um quarto para onde levava a gente quando estava doente. No quarto tinha uma tina de madeira do tamanho desta mesa. Imagine você que era importada da Alemanha, pela Bahia-Minas. Tinha uma preta que ajudava ela. Ela botava a gente ali naquela água bem quente, coberta por lençóis e aquela capa tipo de gaúcho, bem grande e pesada. Ai ela esfregava bastante o corpo da gente. Depois dá outro banho de água quase fria, quase morna, vestia e colocava a gente pra correr perto do pomar. Depois punha camisola, ou pijama, não sei bem, e mandava pra cama dormir".*¹¹²

No caso dos partos, quando a mulher tinha condições de ir para a cidade e ali aguardar o dia do nascimento, assim procediam. Entretanto, o mais comum era ter a criança na própria colônia, com a ajuda de parteiras, ou no mato, "como manda a natureza".

110 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

111 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

112 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "primeira leva".

*"Acho que está na hora. - Então, vou buscar a parteira [disse o marido]. Falet: nada disso. Até voce pegar o cavalo, essa lamparina e tudo, calçar o cavalo, voce fica aqui, eu te ensino, voce não busca parteira, não. Então meu marido mesmo fez o parto, né?".*¹¹³

Devido à dificuldade de acesso, muitas vezes, a alternativa de ir para a cidade, que à primeira vista pode parecer mais cômoda e confortável, trazia o risco de transformar-se em uma aventura.

*"Nessa lama, quatro horas com animal, era quatro horas da Colônia pra cá [Teófilo Otoni]. Naquele tempo, quando não tinha carro, não tinha a Rto-Bahia, era estrada só a cavalo (...) então de charrete era a mesma coisa. A charrete, o animal não guentou de puxar a charrete vazio, que as lametas era lisa. Eu desci, fui amassando lama. Meu irmão mais velho já morava aqui na cidade. Eu tinha casa pra ficar, pra ter mentino com eles (...) De noite cheguei na casa do meu irmão, tomei banho quente e tal, mais morto do que vivo (...) eu tava esgotada".*¹¹⁴

O pouco conhecimento da flora também dificultou o uso da medicina informal nos primeiros tempos. Aos poucos, esse conhecimento foi sendo disseminado entre o grupo e funcionava de maneira satisfatória. Mas em outras doenças era preciso outro tipo de tratamento, como no caso de um simples verme, ou doenças mais graves como o câncer.

*"Minha mãe morreu de câncer cedo, porque se o pai mandava tratar logo ainda tem uma salvação. Mas ele sempre falava com ela: põe criolina".*¹¹⁵

O desconhecimento não se restringia à população leiga da região. Dentre os médicos mais antigos, ainda na década de 30, era comum a utilização de métodos arcaicos, como a amputação dos membros para o tratamento de moléstias tais como a úlcera tropical.

*"Quando chegamos para lá, aquilo passou a ser um escândalo. Amputar uma perna por causa de uma úlcera! E se ele estivesse com úlcera na outra perna, foi o que aconteceu (...) Isso eram os médicos antigos, que lá em Teófilo Otoni, quando nós chegamos, não tinha nem cirurgia".*¹¹⁶

Em Teófilo Otoni não havia algumas doenças típicas da zona rural daquela época: malária (por ser mais comum em regiões topograficamente mais baixas) e Chagas (pela presença da mata, "porque na região da mata o barbeiro

113 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

114 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

115 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

116 Entrevista realizada em Belo Horizonte com um médico que trabalhou em Teófilo Otoni, nas décadas de 1930 a 1940.

não cresce”). Com respeito à boubá, a situação era grave. Nos anos 30, a grande incidência desta doença ¹¹⁷ no Mucuri levou as autoridades sanitárias mineiras a designarem para lá um dermatologista. De acordo com o depoimento deste médico, apesar de ser uma doença contagiosa que atingia grande parte da população de Teófilo Otoni, não era comum encontrar alemães contaminados. A explicação dada era a de que eles tinham uma melhor condição social.

Uma das formas utilizadas para o tratamento da boubá serve para ilustrar diferenças entre o estilo de vida dos alemães e dos demais habitantes da região:

“Eu adotei lá em Teófilo Otoni uma política de estimular o banho. Eu encomendava aqui na Saúde Pública sabonetezinhos tipo hotel. O sujeito chegava lá com aquela família toda, eu dava um punhado, 8 ou 10 sabonetes: ‘Oh, tomar banho, hein, precisa tomar banho, dar banho nas crianças’ e tudo mais e tal, para estimular o banho. Porque esse pessoal que tivesse qualquer limpeza, qualquer higiene, não apanhava boubá”. ¹¹⁸

Outra enfermidade encontrada na região era a febre maculosa, variação do tífus-exantemático europeu. Essa doença, causada por uma *Rickettsia* transmitida pelo carrapato, deixa o corpo todo manchado e pode ser letal. Até a década de 1930, esta doença era confundida com a febre tifóide, o que dificultava o seu tratamento. As pesquisas de alguns médicos ali residentes identificaram as diferenças entre essas duas moléstias. Dessa forma, Teófilo Otoni se inseriu no contexto da saúde nacional como um núcleo pesquisador de doenças tropicais, mantendo-se em contato direto com o Instituto Oswaldo Cruz, mais conhecido na época como Manguinhos. Para o melhor desenvolvimento dessas pesquisas, cogitou-se em fundar um hospital especializado em doenças tropicais em Teófilo Otoni. Este hospital visava a atender todo o Vale do Mucuri, onde as endemias tropicais eram mais comuns do que naquele município.

De acordo com um médico entrevistado, havia a incidência de algumas doenças comuns entre os alemães como, por exemplo, a lepra.

“Lepra lá havia bastante, com razão toda de resistência, de imunologia, porque havia muito alemão, tanto que era frequente o número de casos de lepra entre descendentes de alemães por falta de resistência. Porque o brasileiro (eu atribuo a isso), o brasileiro já tinha recebido várias cargas, é essa imunidade relativa que o sujeito vai adquirindo depois de certo tempo”. ¹¹⁹

117 “A boubá é uma doença causada por treponema, mas muito diferente da sífilis, que também é causada por treponema, porque o contato não é venéreo. O contágio é direto, esfregando uma lesão na perna do outro. Um corte, um ferimento era a porta de entrada”. Entrevista realizada em Belo Horizonte com um médico que trabalhou em Teófilo Otoni, nas décadas de 1930 a 1940.

118 Entrevista realizada em Belo Horizonte com um médico que trabalhou em Teófilo Otoni, nas décadas de 1930 a 1940.

119 Entrevista realizada em Belo Horizonte com um médico que trabalhou em Teófilo Otoni, nas décadas de 1930 a 1940.

Em Teófilo Otoni, a ocorrência de câncer de pele não ultrapassou os padrões usuais de manifestação da doença, ao contrário de outras áreas de colonização como, por exemplo, no Espírito Santo. As razões parecem estar relacionadas a algumas formas de proteção contra o sol, dentre elas o hábito de usar chapéu.

O relativo isolamento e a dificuldade de comunicação no interior das grotas, com elementos estranhos ao grupo, fizeram com que os colonos da área rural, especialmente os da "segunda leva", buscassem seus cônjuges entre os vizinhos. Era uma forma, como acontecia também com os da "primeira leva", de estimular os laços de solidariedade, ajuda mútua e trabalho coletivo.



Casamento de colonos.

Há, ainda, em vários momentos, indicações de uma expectativa de constituição de laços de parentesco e afinidade com alemães (estrangeiros) e com outras colônias alemãs, ainda que isso fosse dificilmente realizável. Um indicador dessa perspectiva endogâmica, muitas vezes apenas implícito, ainda hoje pode ser encontrado, como no depoimento de uma descendente, profissional liberal, que casou-se com um "alemão" de Petrópolis.

A partir dos alemães da "segunda leva", na área rural, os casamentos predominantes foram os endogâmicos de lugar devido ao convívio e atividades lúdicas em seu próprio ambiente. Isto foi fator relevante na formação de novas famílias, pois geralmente casavam-se entre vizinhos, em geral da mesma grota, como mostra o depoimento sobre namoro entre alemães:

*"Nós conheceu porque era vizinho, porque um ajudava o outro. Meu pai também aprendeu assim a fazer lingüiça, matou porco (...) Meu pai precisava de uma coisa de homem e chamava meu marido também pra ajudar. E assim a gente ficou conhecendo".*¹²⁰

120 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

*"No domingo a gente ficava junto, batê papo, música, gatta. Outra coisa não tinha, não tinha dinheiro pra sanfona. Tinha muito é violão (...) eu só tive um namorado, era meu marido. Não sei se era por falta de conhecer outros (...) Na Igreja era muito raro porque na Colônia não tinha. Prá cidade gastava quatro horas a cavalo, que não se podia ir prá voltar em um dia, né?"*¹²¹

Uma questão que não ficou totalmente esclarecida, mas para a qual há alguns indicadores, diz respeito a uma certa tendência endogâmica que circunscreveu, num primeiro momento, separadamente, as duas levas.

O casamento tinha duplo significado: laço de solidariedade e sonho de liberdade. O laço de solidariedade se manifestava através do casamento entre vizinhos como forma de ampliar o espaço utilizado na terra e facilitar o trabalho num movimento de otimização da mão-de-obra.

Outra forma de solidariedade foi a necessidade do trabalho feminino incorporando uma mulher de outra família através do casamento em caso de orfandade materna do noivo.

A solidariedade também se dava na organização e nos preparativos da festa de casamento, quando ocorria a confraternização entre todos os membros da colônia:

*"O meu casamento, matou porco, fez limpo, mata bot. Não. Naquele tempo era porco, galinha, pato que engordava fazia aquele negócio. Mamãe fazia bolo esses trenhada. As vizinha, naquele tempo ainda era uma união, no meu casamento ainda era uma união completa, que como eu já falei eu casei em 37, né? Aquela grota era tudo alemão, uns não se dava bem mas numa hora dessa um não tinha isso, um não olhava feio pro outro não, né? Ah, vai ter casamento na casa de Fulano, pronto, todo mundo era convidado, né, chega natural. A gente era uma família nessa hora, um ajudou, uma mulher fez isso, eu faço isso, e té-té-té, té-té-té, saía tudo da casa dos meus pais, mas todo mundo ajudou".*¹²²

Para a mulher, o casamento, às vezes, era visto como oportunidade de liberdade, posto que o estilo de vida impunha trabalho pesado - doméstico e na roça -, o que significava responsabilidades, mas poucas oportunidades de lazer. Nestas situações, a jovem, muitas vezes, era proibida de participar, entrando o casamento como alternativa de libertação do jugo paterno, como se refere a informante:

"A dizer, eu não tinha intenção de casar ainda, porque faltava uns oito dias pra fazer 18 anos quando eu casei. Mas como o pai dava assim demais, eu podia trabalhar igual um homem na roça. Mas se tinha festa : 'Ah, você é

121 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

122 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

multo nova, voce não pode ir'. Pra trabalhar eu já tava adulto, mas para(...)"¹²³



Colona trabalhando.

Alguns costumes adquiridos na Alemanha não puderam ser mantidos no Brasil logo que aqui chegaram. Dada a diferença de clima, flora, tipos de alimentos, não era possível realizar a festa de Natal como na Alemanha

pois, enquanto lá era época de inverno no Brasil era verão. Os colonos não tinham sequer condições de ir ao culto religioso, posto que não existia, ainda, igreja na Colônia. Naqueles tempos difíceis, foi necessário fazer muitas adaptações, como se refere uma pessoa entrevistada:

"Ninguém se lembrava do Natal com esse sol quente, né? Fazia árvore de folha, e no outro dia já tava tudo murcho. Nós até pôs enfeite de Natal, mas no outro dia já tava tudo murcho (...) nós não usava [fazer comidas e biscoitos de Natal] porque não tinha os preparos, não tinha as nozes, essas coisas. Lá a gente só fazia o que era mesmo necessário".¹²⁴

Logo após a fase de adaptação ao País, os colonos alemães vindos na década de 1920 retomaram alguns hábitos comemorativos adequando-os às possibilidades locais.

No Natal, as famílias se reuniam, cantavam Stillenacht e outras canções e degustavam o famoso bolo de farofa, dentre outras guloseimas (em geral com receitas germânicas ajustadas aos produtos aqui encontrados), armavam as suas árvores de Natal e trocavam presentes.

Durante a Páscoa, era comum o uso de ovos de galinha cozidos e pintados escondidos nos jardins, em ninhos, para que as crianças os encontrassem.

Outro costume trazido pelos alemães desde o início da colonização e mantido pela comunidade evangélica é a Festa da Colheita, comemorada sempre nos meses de julho ou agosto, como forma de agradecimento pela boa safra alcançada. No altar (dentro da igreja, ou montado no pátio externo da igreja), os colonos expõem os produtos alimentícios colhidos na época, juntamente com alguns objetos (flores, enfeites, ovos pintados e outros). Dispostos em barraquinhas, ficam os quitutes típicos da culinária germânica, tais como: deustschetorte,

123 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

124 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 83 anos.

apfelstrudel, truffeltorte, pfefferkuchen, sandtorte, weinachtskuchen, honigkuchen, entre outros. É interessante observar que o pfefferkuchen transformou-se numa guloseima típica da cidade, simbolicamente associada aos alemães.¹²⁵

Enquanto os mineiros da região assimilaram alguns costumes alemães, estes, por sua vez, adotaram, com o maior entusiasmo, algumas festas, como o carnaval brasileiro, incorporando elementos do carnaval europeu como, por exemplo, o uso de máscaras.



Professora Dalva Neumann Keim e filhas.

125 A quem interessar possa, ela é deliciosa e é vendida na tradicional padaria Augustinho Marx, na Getúlio Vargas, com o abreviado nome de "fafacu".



REFLEXOS DA
SEGUNDA GUERRA NO
PROCESSO DE
ADAPTAÇÃO DOS
ALEMÃES

Durante a II Guerra Mundial, a restrição ao uso do alemão na rua acentuou-se, chegando a atingir, inclusive, o espaço familiar. De um modo geral, os jovens descendentes dos imigrantes passaram a perceber o idioma como um elemento que os diferenciava dos demais brasileiros, recusando, portanto, a utiliza-lo. Os brasileiros, por seu turno, associavam os imigrantes e seus descendentes com o regime político então em vigor na Alemanha.¹²⁶

Na década de 1930, a ascensão do Terceiro Reich favoreceu o aparecimento do movimento nazista também no Brasil. Em Teófilo Otoni, o Partido Integralista recebeu alguns adeptos entre a população local de origem ou descendência alemã. Essa tendência provocou alguns atritos entre a população, tendo-se notícias de pregação política até mesmo dentro da igreja.

Este fato, aliado a problemas de ordem pessoal, religiosa e teológica, provocou uma cisão entre os evangélicos: alguns permaneceram na antiga Comunidade Evangélica Luterana, seguindo a linha da crítica contextual da Bíblia, outros filiaram-se à Igreja Luterana do Missouri, de orientação bíblicista (a Bíblia é tida como a palavra de Deus), e fundaram a Igreja Evangélica Luterana do Brasil.



Igreja da Comunidade Evangélica Luterana



Igreja Evangélica Luterana do Brasil

¹²⁶ Estas informações, em geral, estão presentes apenas nos relatos de descendentes de alemães que viviam em Teófilo Otoni naquela época, mas que logo depois saíram de lá. Atualmente, residem em Belo Horizonte. Os que ainda residem em Teófilo Otoni não mencionam este fato e, com exceção dos mais velhos, não sabem falar alemão.

Alguns dos entrevistados, contudo, omitem as questões teológicas e religiosas, referindo-se apenas a questões pessoais em relação ao pastor:

*“Saíram para a outra Igreja por causa de uma questão interna aqui. Para esses que estão na outra Igreja, não foi motivo de doutrina, porque eles não gostavam do pastor”.*¹²⁷

A II Grande Guerra trouxe ainda vários reflexos nas igrejas evangélicas. Até aquela época, os cultos religiosos eram todos realizados em língua alemã:

*“Eu me confirmei na igreja em alemão. Pensa bem, eu só lia a Bíblia em alemão, tudo eu fazia em alemão. Essa parte da igreja, então, a parte de religião, tudo meu era alemão. Os livros de reza, tudo era alemão”.*¹²⁸

Com a guerra, o governo brasileiro proibiu o emprego de língua estrangeira em locais públicos e em documentos, como parte de um programa de nacionalização. Assim, locais como igrejas e escolas deveriam fazer uso da língua portuguesa. Tal política obrigou os evangélicos em Teófilo Otoni a mudar a sua conduta, providenciando, inclusive, edições traduzidas da Bíblia.

Outro problema ali enfrentado pelos alemães e seus descendentes em decorrência da II Guerra foi o chamado “quebra-quebra”, onde populares invadiram casas, saquearam, quebraram a igreja, a escola, o Internato.

*“Nós perdemos a igreja, perdemos tudo. A igreja foi incendiada, depois de muitos anos e de muita luta”.*¹²⁹

Data dessa época também o medo da população de origem alemã em se expressar em público na língua materna, fato mais freqüente na cidade do que nas colônias rurais. Algumas famílias, como os Sommerlatte, chegaram a mudar o sobrenome para evitar represálias. No caso, eles passaram a assinar Somerlate.

De fato, percebe-se que os fatores que mais contribuíram para o gradativo enfraquecimento da utilização da língua alemã foram a necessidade de comunicação na rua e a restrição advinda da guerra. Estes fatos, dentre outros, impuseram uma abertura do grupo, acelerando o processo de integração já em curso.

As represálias decorrentes da guerra dificultaram, também, o funcionamento das escolas alemãs. Segundo o pastor Walter J. Schlupp, que coordenou os trabalhos da Escola Evangélica no período de 1936 a 1955, as condições físicas do prédio foram comprometidas em função da depredação ocorrida nos anos de guerra, assim como o Internato que atendia jovens do meio rural. Mas, mesmo com paredes e telhados ameaçando ruir, os alunos a frequentavam. Em 1959, foi

127 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com Pastor Evangélico de descendência alemã ali residente.

128 Entrevista realizada em Belo Horizonte com uma mulher, descendente de alemães da “primeira leva”.

129 Entrevista realizada em Belo Horizonte com uma mulher, descendente de alemães da “primeira leva”.

transferida para outro prédio, até que, em 1965, mudou-se para o final da Vila São João, deixando o centro da cidade, e passando a chamar-se “Escola Estadual Lourenço Porto”.

Outra escola que sofreu as consequências da guerra foi a “Escola Estadual Pastor Hollerbach”, fundada ainda na década de 1930 pelo pastor e professor gaúcho de descendência alemã, Libório Zimmer. Inicialmente denominada “Deutscher Schulverein”, mantinha um curso particular de primeiras letras, em alemão. Posteriormente, com o aumento do número de alunos, foi transformada na “Escola Luterana”, com cursos primários em português e alemão, tendo sido este último suspenso no período da guerra. A escola passou por diversas crises até ser reativada como escola estadual, anexa à Igreja Luterana. Finalmente, em 1975, desmembrou-se da Igreja, passando a funcionar através de um convênio firmado entre o Estado e a Prefeitura, com o nome de “Pastor Hollerbach”.

É importante destacar que os alemães e seus descendentes sempre tiveram participação ativa na educação no município, figurando entre eles: Elfrida e Hildegard Roedel, Dulce Schaper, Geni Sander, Adalgisa Schuffner, Rute e Luiza Schieber, Hilda, Júlia e Maria José Haueisen, além, naturalmente, dos pastores Libório Zimmer e Walter Schlupp.

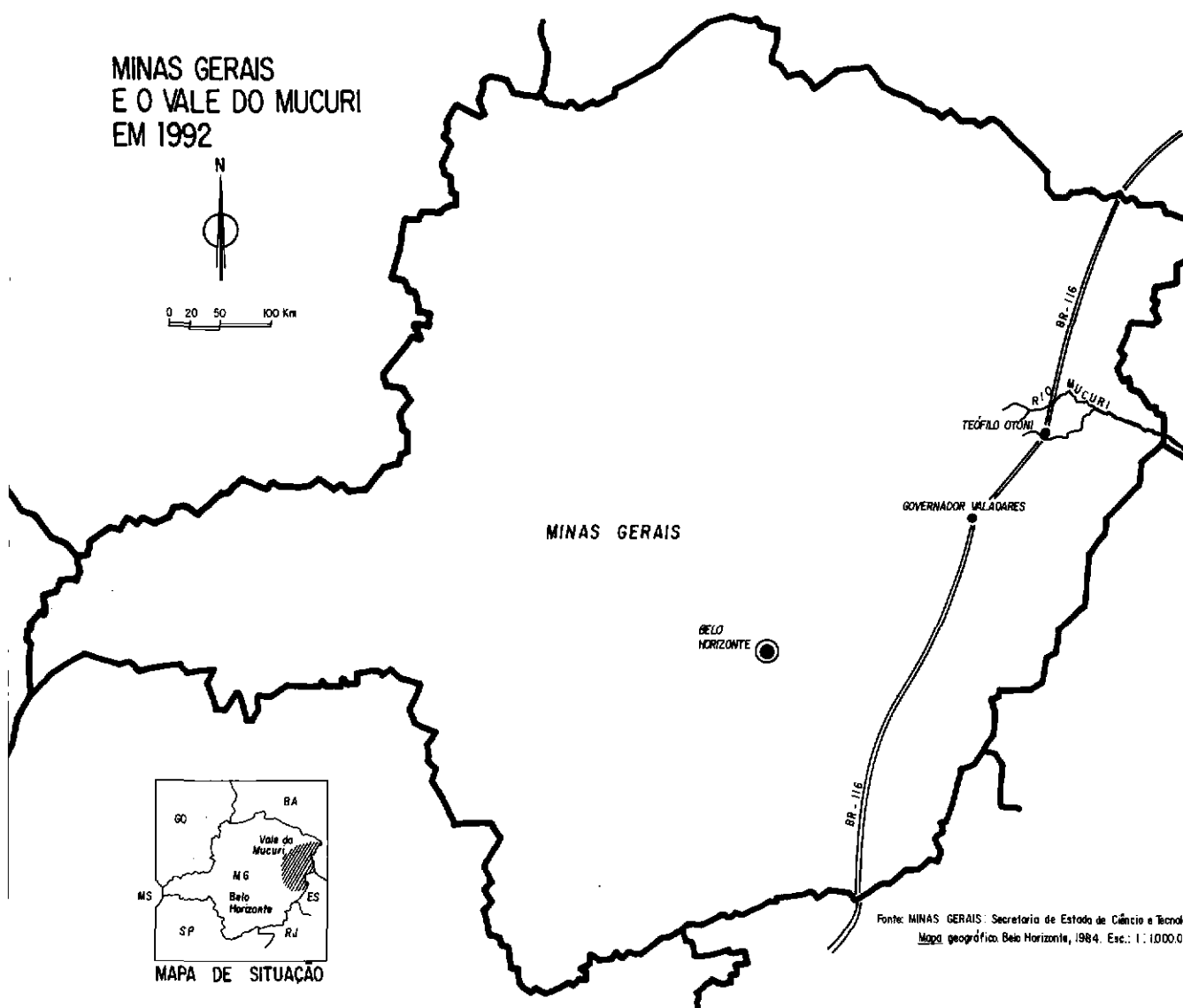
Outro aspecto relevante a ser tratado na década de 30-40 diz respeito à precariedade da infra-estrutura viária no Vale do Mucuri e seus reflexos na região. Neste período, e sobretudo nos anos 40, o governo do Estado promoveu uma política de investimento em infra-estrutura viária objetivando ligar Belo Horizonte às diversas regiões do Estado de Minas. Entretanto, o acesso de Teófilo Otoni à capital mineira permaneceu precário, continuando assim, uma maior ligação da região do Mucuri com o Rio de Janeiro. A viagem de Teófilo Otoni a Belo Horizonte era realizada em três dias, obedecendo ao seguinte trajeto:

“Pra você fazer uma idéia, pra gente ir pra Teófilo Otoni, saía-se daqui, ia-se ao Rio de Janeiro pra pegar um navio, ou um avião pra ir a Caravelas, passando por Vitória. Em Caravelas pegava o trenzinho que levava 16 horas pra fazer 300 e poucos quilômetros entre Caravelas e Teófilo Otoni”.¹³⁰

A dificuldade de acesso físico gerava um distanciamento na comunicação, no estilo de vida das duas cidades, criando fantasias e situações delicadas, com algumas pessoas e famílias de Belo Horizonte considerando Teófilo Otoni como sendo lugar de “índios e onças”. Por outro lado, a população de Teófilo Otoni assimilava expressões usuais de outras regiões, mas desconhecidas em Belo Horizonte. No relato de um médico recém-formado que foi trabalhar em Teófilo Otoni, percebe-se esta diferença. Ao ser indagado, em uma roda de homens, onde se encontrava a sua esposa, respondeu que deveria chegar dentro em breve em companhia de uma tia solteira, e notou sorrisos maldosos dentre os ouvintes:

¹³⁰ Entrevista realizada em Belo Horizonte com um médico que trabalhou em Teófilo Otoni nas décadas de 30 e 40.

"Dias depois, eu comecei a atender lá no centro de saúde, vendo o pessoal de boubá que começou a chegar com a notícia que ia ser tratado, né? Muitos doentes começaram a se aproximar e chegaram lá. Eu perguntei a uma moçinha 'seu nome? quantos anos? é casada ou solteira?' - 'Não, senhor'. - 'Não mentina, você é casada ou solteira?' - 'Não senhor' - 'Você é casada?' - 'Não, senhor.' - 'Então, o que você é?' - 'Graças a Deus eu sou moça'. Aí foi que eu relacionei essa informação com o sorriso que eu vi esboçado na cara dos outros quando eu tinha chegado lá, que o nome solteira não devia ser usado, que era só em certas condições".¹³¹



131 Entrevista realizada em Belo Horizonte com um médico que trabalhou em Teófilo Otoni nas décadas de 30 e 40.

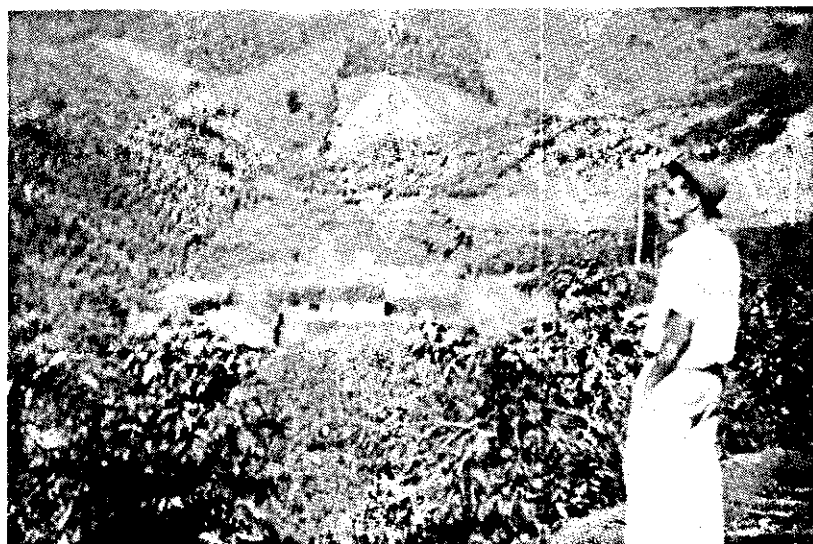
O contato de Teófilo Otoni com os municípios do centro-sul mineiro começou a se dar após a conclusão da rodovia Rio-Bahia durante a década de 1940, ligando o Rio de Janeiro à Bahia. Mas como a obra de asfaltamento só foi concluída anos depois o município, embora menos isolado, manteve uma infra-estrutura viária ainda precária.

É interessante observar que a abertura das estradas, normalmente encarada como via de acesso de “progresso” e “desenvolvimento”, não foi encarada assim por todos os moradores de Teófilo Otoni. Segundo uma das entrevistadas, que hoje não mais reside em Teófilo Otoni, quando a cidade deixou de ser um “enclave” no meio da mata, perdeu também do ponto de vista cultural, pois deixou de trazer óperas e espetáculos de fora. Data também, dessa época, o início do processo de desmatamento das florestas do Mucuri, que passaram a ser exploradas e utilizadas economicamente através da comercialização das madeiras-de-lei.



12

DESESTABILIZAÇÃO
ECONÔMICA NOS
ANOS 30 E 40 E SUA
REPERCUSSÃO NA
COLÔNIA ALEMÃ



Do ponto de vista demográfico os anos 1920 a 1940 também trouxeram transformações. Ocorreram duas novas reformas administrativas no Estado de Minas Gerais, com vários municípios se emancipando. Na primeira delas, ocorrida em 1923, alguns distritos de Teófilo Otoni conquistaram autonomia administrativa, tais como os antigos distritos de Itambacuri (cuja população, em 1920, já era maior do que a pertencente ao distrito sede), Malacacheta, Pampam e Setubinha. No ano de 1938, deixaram de fazer parte de Teófilo Otoni o distrito de Concórdia (atual Lajinha), Urucú (atual Carlos Chagas) e Santa Clara (atual Nanuque).

Essa reforma administrativa refletiu no município de Teófilo Otoni, nos anos seguintes, quando seu crescimento populacional entre as décadas de 30 e 40 apresentou uma taxa de crescimento de apenas 2,42%. Já na década seguinte, 50-60 ocorreu uma certa explosão demográfica: em dez anos, a população de Teófilo Otoni variou em 45,96%. O decênio seguinte apresentou uma redução no número de habitantes em quase 50%, mas a partir de então, a população voltou novamente a crescer, apresentando, mais uma vez, taxas bastante diferenciadas. Entre os censos de 1970 e 1980, a taxa de crescimento registrada foi de 10,63%, enquanto o último censo, de 1991, registrou um aumento populacional de 45,76%.

Tamanha oscilação, tanto do número absoluto de pessoas quanto também da própria taxa de variação pode estar relacionada às transformações sócio-econômicas ocorridas no município, como diz um entrevistado:

"Nós estamos notando, muito claramente, que Teófilo Otoni está num processo de decadência. Está num processo de crise bastante sério, muito sério. É um bolsão de necessidades. Teófilo Otoni tem 30 e poucas favelas, 35 ou 36. Para onde a gente olha vê necessidades, desafios. É uma cidade problemática, porque não tem indústria, não tem perspectiva em torno de

*trabalho, existe muito subemprego. Todo mundo que perde o emprego vai pra onde? vai pra Praça Tiradentes (...) vender pedras, corretar pedras, lapidar pedras".*¹³²

A principal atividade econômica da cidade de Teófilo Otoni sempre foi a agricultura, em especial o plantio de cana-de-açúcar, café, milho, mandioca, feijão e arroz.

O maior volume da produção agrícola na década de 20 era a cana-de-açúcar, com 40 595 toneladas, seguida pelo milho, com 15 218 toneladas. O café possuía uma participação significativa, com 5 185 toneladas.

É interessante observar o comportamento da produção entre as décadas de 20 e 40 (não existem informações para o ano de 1930). Neste período, à exceção da mandioca, que aumentou o volume produzido em 35%, todos os demais produtos sofreram uma queda brusca na produção. As quedas no volume produzido foram: café, 28,5%; cana-de-açúcar, 54,4%; feijão, 46,0%; arroz, 22,7%; e milho, a maior delas, 71,2%.

QUADRO 4
PRODUÇÃO DE CEREAIS - TEÓFILO OTONI
1920-1980
(t)

ANO	ARROZ	MILHO	FEIJÃO	MANDIOCA	CANA DE AÇÚCAR	CAFÉ
1920	2.752	15.218	2.871	7.837	40.595	5.185
1940	2.126	4.386	1.550	10.619	18.580	3.709
1950	1.735	2.861	2.359	9.775	10.783	5.612
1960	3.214	9.676	5.825	13.770	10.598	9.549
1970	1.645	2.734	2.169	18.017	16.297	1.693
1980	1.481	4.630	2.938	6.133	5.300	1.442

Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924.

Censos econômicos: agrícola, industrial e comercial e dos serviços, Minas Gerais, 1940.

Censo agrícola, Minas Gerais, 1950, 1960;

Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970, 1980.

Durante a década de 20, coincidindo com a retomada do processo de migração, ocorre um aumento na produção de bens destinados ao consumo

¹³² Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um educador, descendente de alemães de Colônia do Sul do País.



imediatos, em especial a plantação temporária: milho, feijão, batata, mandioca e arroz. A preferência por estes produtos estava ligada à necessidade de alimentos imediatos, como também ao pouco conhecimento que os colonos detinham sobre agricultura. Assim sendo, apenas após alguns anos de trabalho na lavoura é que passam a possuir conhecimentos suficientes para plantar café.

De fato, com referência à área plantada, o café cresceu em importância na região, ocupando a maior faixa de terras, com 14 273 hectares, seguido de perto pelo milho, com 7 247 hectares.

QUADRO 5

ÁREA CULTIVADA EM PLANTIO DE CEREAIS
TEÓFILO OTONI
1920-1980
(ha)

ANO	ARROZ	MILHO	FEIJÃO	MANDIOCA	CANA DE AÇÚCAR	CAFÉ
1920	1.835	7.247	2.871	544	1.845	14.273
1950	1.902	2.749	2.755	1.029	887	8.908
1960	3.131	11.591	8.319	1.544	907	16.312
1970	2.905	4.487	5.826	3.328	1.386	3.066
1980	2.516	6.077	7.015	872	268	2.340

*Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924.
Censo agrícola, Minas Gerais, 1960.
Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970/1980.*



Terreiro de Café - Fazenda Recanto.

O volume de pés também mostrou o papel crescente do café nas primeiras décadas deste século. Pode-se observar, através dos quadros 5 e 6, que tanto a área quanto o volume de produção bem como o número de pés de café oscilaram bastante.

QUADRO 6
NÚMERO DE PÉS DE CAFÉ
TEÓFILO OTONI
1920-1980

ANO	Nº DE PÉS
1920	10.704.822
1950	7.657.435
1960	14.968.075
1970	3.022.794
1980	2.712.329

Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924. Censo agrícola, Minas Gerais, 1960. Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970, 1980.

Realmente, nas duas primeiras décadas do século, o café foi uma cultura que progrediu bastante na região. Muitos colonos alemães passaram a dedicar grande parte de suas terras a essa cultura, alguns plantando em regime de monocultura, atraídos que estavam pelos preços elevados do mercado internacional. Nesta época, era comum a contratação de pessoal de fora, os chamados “chapadeiros”, da região vizinha do Vale do Jequitinhonha, em especial de Araçuaí, para ajudar na colheita.

*“Na época do café, os alemães aqui tudo tinha chacrinha de café. Mandava vir gente lá do Araçuaí. Mandava buscar uma turma de gente para ajudar a colher esse café. Aí, eles ficavam aí. Ganhavam dinheiro. Depois eles iam embora outra vez”.*¹³³

A crise de superprodução por que passou o país entre 1929 e 1931 atingiu em cheio também a região do Mucuri, afetando os alemães em suas primeiras colheitas.

“O preço subiu e depois, bomba! Desceu, desceu que desceu de muito. (...) Muitos aí perderam a vontade, porque o que mais que eles tinham, o que mais eles produziam e com que eles iam romper na vida é o café. Largaram essas coisinhas tudo pra traz. Era cafezal aqui, cafezal ali, mais um cafezal,

¹³³ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da “segunda leva”, 58 anos.

*mais um cafezal. Depois veio a crise. Quebra, cortaram o café tudo, quietaram, essas coisas, porque não deu preço. (...) Não tinham dinheiro nem pra comprar comida".*¹³⁴

*"Mas, quando eu cheguei lá, uma arroba de café custava 500 réis, 15 quilos de café 500 réis. Era muito pouquinho. Não valia a pena colher. Muita gente deixou o café".*¹³⁵

A crise do café afetou, portanto, a vida econômica da cidade e influenciou bastante o processo de estruturação dos alemães na região. A crise do café aconteceu exatamente no momento em que os colonos das levas de 22 e 24 começavam a colher os primeiros resultados do seu processo de instalação, quando poderiam redirecionar a produção para a comercialização e, assim, romper os limites da produção de subsistência que até então os caracterizava. Neste período, começou a existir certa diferenciação na forma de produção entre os colonos: alguns com monocultura cafeeira; outros diversificando, com produtos hortifrutigranjeiros, cereais e animais de pequeno porte. Essa diversificação permitiu um início de intercâmbio comercial dentro do grupo, com posterior expansão para a feira da cidade.

Apesar da topografia acidentada da região favorecer a atividade pecuária, entre os alemães e seus descendentes predominou a agricultura. Esta especialização fez com que eles fossem identificados pelos "da cidade" como os fornecedores de alimentos.

*"Os descendente de alemães foram, por um certo tempo, vítimas de um preconceito daqui. Muitos viam os descendentes de alemães como aqueles que deveriam ficar na roça para plantar e vender na feira".*¹³⁶

*"Os descendentes de alemães têm uma característica aqui. Praticamente todos são pequenos e médios produtores(...) e se caracterizam por horticultura e também agricultura. Eles têm uma atividade mais polivalente. Não é como aquele grande fazendeiro que tem muita terra, muito campo, muito gado e muito leite (...)Têm uma área. Por exemplo, a turma dos adventistas na Lafinha, onde tem muita horticultura. No Portãozinho também. Alto São Jacinto, regiões de produção de verduras para abastecer Teófilo Otoni".*¹³⁷

"Eu gosto de plantar tudo [no meu pomar]. Tem laranja, abacate, jambo, acerola, paca, lfmão, jabuticaba, pinha, morango. Ano passado colhi deste tamanho, uva. Comecei a plantar uva agora. Até maçã eu fiz enxerto. (...)

134 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

135 Entrevista realizada em Belo Horizonte com um médico que trabalhou em Teófilo Otoni durante as décadas de 30 e 40.

136 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma educadora, descendente de alemães da "primeira leva".

137 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um educador, descendente de alemães do Sul do País.

*pimenta-do-reino, pessego, gotaba, (...) cidra, ameixas. Faço compota mas só pra uso. (...) O salsão eu tenho, a salstinha (...) a gente planta repolho, beterraba, cenoura, couve-flor, cebola, alho, couve-de-folha, quabo, alface (...) tomate a gente planta pouco, só planta pra gente comer. O nosso pão é só feito em casa. [Só compro] trigo, açúcar, produtos de limpeza e carne, porque a gente não vai matar uma vaca por causa de 1 quilo de carne".*¹³⁸

A polivalência agrícola dos colonos caracterizava-se não só pela associação de culturas variadas e pecuária como também pela existência de pequenas unidades de beneficiamento dos produtos, tais como cachaça, farinha de mandioca e de goma, dentre outros.

*"A cachaça era para controlar as despesas, sem mexer no lucro do gado. Uma coisa tem que ajudar a outra. Então, mantemos esse ritmo com a cachaça para quando vender aí 50 ou 100 bois, eu sei que aquele dinheiro retorna para mim, porque a cachaça ajudou a fazer a despesa com remédios e outros".*¹³⁹



Arnaud Froede, produtor de cachaça.

138 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "segunda leva", 58 anos.

139 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um homem, descendente de alemães da "primeira leva".

Com a queda do preço do café, todos foram atingidos, porém de forma diferente. Aqueles que se dedicaram à monocultura perderam tudo, inclusive a esperança de reerguerem-se na própria região, e venderam suas terras abandonando a Colônia. Parte das terras foram adquiridas pelos colonos que já possuíam uma economia mais diversificada, conseguindo acumular um pequeno capital. Esta situação foi bastante clara na Grota da Paula, da Colônia Francisco Sá, onde apenas uma família, das 15 originais, ali permaneceu.

O abandono da Colônia deu-se em três movimentos distintos. O primeiro restringiu-se à própria região, com alguns colonos dedicando-se à comercialização da madeira-de-lei, dando início ao violento processo de desmatamento em todo o Vale do Mucuri. Nas propriedades dos alemães que mantinham uma atividade econômica polivalente, o desmatamento foi menos acentuado em função, também, de uma certa "consciência ecológica":

*"Tenho reservas, muita madetra. O meu eu conservo. Aquele que conserva o que é dele, tem que honrar a fama que ele carrega. Tem gente que quer carregar o que tenho na mata: palmito, varas, madeiras, me pedem para entrar na mata. Eu dou pra um, não dou pra outro. Posso fazer isso? Não. Se eu abrir a mão para um, tenho que abrir para todos. E isso eu não faço. Então, sou o homem mais ruim da região porque eu conservo e zelo pelo que é meu. Meu, não, modo de dizer, a terra é de nós todos e então ela nos dá tudo, riqueza. Nós é que ficamos devendo a ela".*¹⁴⁰



Propriedade de colono com reservas nativas - Colônia do Cedro.

¹⁴⁰ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um homem, descendente de alemães da "primeira leva".

O desmatamento generalizado comprometeu também o equilíbrio da fauna local, quando ficaram ameaçadas de extinção algumas espécies, tais como arapongas, tucanos, bardos, cotias, pacas e macacos, dentre outras.

O segundo movimento de abandono dos alemães da região foi em direção a outras áreas de colonização, em especial o sul do País.

O terceiro e mais radical dos movimentos foi o que resultou no retorno à Alemanha. Este significou o fim do sonho com o "paraíso tropical" e uma retomada do sonho alemão, sonho este associado à ascensão do Terceiro Reich.

Da mesma maneira que a atração para o Brasil deu-se através de cartas e notícias de amigos e parentes que aqui residiam, o retorno à Alemanha foi alimentado pelas notícias que de lá chegavam incentivando o retorno dos compatriotas, fato respaldado pela política alemã daquele período que, segundo um entrevistado (não alemão), teria até mesmo financiado as passagens de volta. O clima era de euforia, atraindo sobretudo os mais jovens, com possibilidades de refazer a vida.

Os problemas de êxodo rural, iniciados na década de 1930 com a queda do preço do café, foram acentuando-se nas décadas seguintes. Este fato concorreu para o desenvolvimento de uma política de fixação do homem no campo através da educação rural e outros. Dentro dessa perspectiva foi que no início dos anos 50, começou a funcionar uma escola para treinamento de professores rurais na Colônia Francisco Sá, sob a supervisão de D. Helena Antipoff, cuja duração deu-se até o ano de 1968, aproximadamente. Esta escola fazia parte de um programa de reforma do ensino rural do então Ministério da Educação e Cultura, em convênio com estados e municípios, objetivando melhor qualificar o professor, introduzindo, no ensino, a preocupação com as diferenças e as peculiaridades regionais, de modo a melhorar o padrão de vida no campo e evitar o êxodo rural:

*"Uma das grandes preocupações de D. Helena Antipoff era melhorar o nível de vida do homem da zona rural. Ela lutava e insistia: 'é preciso fixar o homem ao campo e dar-lhe condições de uma vida mais digna'".*¹⁴¹

As instalações físicas da escola pertenciam ao Patronato Dom Bosco. Paralelamente ao curso de treinamento, funcionava a "Escolinha Dom Bosco", para crianças do curso primário que moravam nas proximidades. Atualmente, essa escola encontra-se desativada e abandonada, e serve de abrigo a famílias sem-terra e sem-casa da região.

Coincidindo com o esforço da política de educação agrícola, verifica-se que os anos 50 apresentam um maior vigor da agricultura local, com aumento na produção de praticamente todos os produtos. Durante as décadas de 40 e 50, ocorreu uma reação da produção local de café, que pode ser verificada pelo aumento tanto no número de pés plantados quanto de produção, chegando mesmo a superar os índices de 1920. Mas pode-se considerar esta alta apenas como um surto, posto que não se repetiu nos anos seguintes.

¹⁴¹ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "primeira leva".



Construção abandonada do antigo Patronato Dom Bosco (Colônia Francisco Sá)

A mandioca experimentou um pequeno crescimento, da ordem de 40,9%. Os demais produtos cresceram a taxas elevadas: arroz, 85%; feijão, 150%; e milho, que teve o maior aumento, 238%. A cana-de-açúcar foi o único produto que não apresentou variação significativa, mantendo-se no mesmo nível de 1940.

Além da variação do preço de café, em função de flutuações no mercado internacional, os cafeicultores lidavam ainda com o problema da broca. Esta praga, que destruía periodicamente os cafezais, só foi eliminada depois da substituição do tipo de café plantado, ocorrida após o ataque da broca em 1965. O tipo plantado foi substituído pelo "anão", com sementes importadas de Cuba, e tinha a vantagem de carregar após dois anos de plantio, além de dar mais de uma safra ao ano.

Este tipo de café possibilitou a alguns agricultores da região a utilização do método de consorciamento, cultivando, de forma intercalada, a mandioca.

*"A gente vende a goma e a farinha, e a terra fica sempre tratada. O café fica tratado(...) Então nós limpamos. No dia que foi para plantar nós limpamos a terra e plantou. E depois ele já estava grandinho. Nós limpou o café de novo e a mandioca".*¹⁴²



Ingeborg Starich trabalhando na produção de farinha de mandioca.

Ao ser produzido em menor escala, a plantação do café e sua colheita dispensaram a contratação dos chapadeiros, tão comuns em outras épocas.



Filha de Ingeborg Starich trabalhando na produção de farinha de mandioca.

*"Agora [os chapadetros] não vem mais não. Depois que tem esse café anão, não está vindo mais por dois motivos: um porque eles quando vinham estragavam muito o café. No café comum não tinha perigo porque depois que dava a apanha, então o fazendetro ia lá e cortava aquelas galhas que estavam trincadas e tudo. Mas esse outro não pode porque ele fica pequeno, e se eles entrarem dentro é arriscado a fazer uma arrasadeira".*¹⁴³

142 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "segunda leva", 58 anos.

143 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "segunda leva", 58 anos.

O serviço de colheita, então, passou a ser feito pela própria família auxiliada por crianças e jovens da região:

*"Vai todo mundo lá pra cima. Lá vai almoço pra nós, vai café, uma garrafa boa de água fria, e a gente passa o dia todo lá. Quando é de tarde, cada um já ganhou o seu. A gente paga por balde ou por tambor (...) E depois vai lá um trator e busca tudo que nós colhemos".*¹⁴⁴

Outro fator que contribuiu para a restrição, por parte dos colonos, em contratar "chapadeiros" foi a extensão dos direitos trabalhistas ao campo, quando o trabalhador rural passou a ser melhor remunerado, e o proprietário foi obrigado a arcar com os encargos sociais. Do ponto de vista do colono, sobretudo os pequenos proprietários, o pagamento dos trabalhos temporários reduziu muito sua margem de lucro, deixando, assim, de ser vantajoso.



Sr. David Wittig.

Dentro deste espírito de economia familiar, destaca-se, também, a prática de métodos naturais de fertilização do solo e de combate às pragas, entre os descendentes de alemães. Neste caso, além das vantagens econômicas, identifica-se ainda uma preocupação ecológica.

É interessante observar que a preocupação dos colonos em manter seu equilíbrio financeiro (através da policultura, da diversificação da produção, do trabalho familiar, etc) bem como em resguardar a qualidade do solo (através de práticas e técnicas naturais de adubagem e de defensivos agrícolas) constituem-se, na verdade, em fatores de preservação da sua propriedade em um sentido muito mais amplo - na medida em que a terra faz parte do sonho inicial da imigração - de ser bem sucedido na América.

¹⁴⁴ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "segunda leva", 58 anos.

É importante destacar a prática de métodos naturais de fertilização do solo e de combate a pragas entre os descendentes de alemães, como se vê no seguinte depoimento:

“Eu não uso remédio, não. Eu uso remédio aqui só para as [formigas] cabeçudas, mesmo assim aquele granulado (...) Não gosto de mexer com adubo não (...) eu planto fumo, pé de fumo, e um chá que chama artemísia. Eu planto isso no meto, onde é que a gente planta isso não senta lagarta, não senta bicho nem nada, e se a gente quiser, a gente soca a artemísia, tritura num liquidificador bastante dela e mistura com uma água num regador e rega as plantas; não vai nenhum bicho”.¹⁴⁵

145 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da “segunda leva”, 58 anos.



SURGIMENTO DE
NOVOS PÓLOS
REGIONAIS E
DECLÍNIO DE
TEÓFILO OTONI

*"A vocação aqui é a pecuária. Não é a agricultura, por causa da topografia, o clima e tudo mais".*¹⁴⁶

A

pesar de ser reconhecida como a vocação da região, a pecuária não se desenvolveu de forma decisiva, mas apresentando certas oscilações semelhantes às das lavouras. O volume do gado nascido nos estabelecimentos de Teófilo Otoni variou bastante ao longo deste século, sendo que o ano de 1920 foi o que apresentou uma produção mais baixa. A partir daí, o número de cabeças nascidas evoluiu de modo relativamente seguro, com declínio apenas em 1950.

A pecuária ali tem apresentado caráter tanto extensivo quanto intensivo, dependendo da topografia e da localização da fazenda. Também é característica local a combinação das atividades agrícolas e pecuária, especialmente nos estabelecimentos de médio porte.



*"O fazendetro aqui sobrevive com o lette. E depois os bezerros ele engorda para vender, e aí ele compra um pedacinho de terra. Assim funciona a questão. O pequeno agricultor também, só que o pequeno agricultor tem o seu lette para vender, ou o médio produtor, que ainda planta alguma coisa junto".*¹⁴⁷

Já a suinocultura vem, sistematicamente, perdendo a importância desde o início do século. Como mostra o quadro 7, o ano de 1920 apresentou o maior número de cabeças nascidas, sendo este número cinco vezes maior do que o verificado em 1970. Mesmo com uma leve recuperação na década de 70, os dados de 1980 demonstram que naquele ano havia apenas 27% dos porcos nascidos no ano de maior pique da suinocultura (1920).

¹⁴⁶ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um educador, descendente de alemães de Colônia do Sul do País.

¹⁴⁷ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um educador, descendente de alemães de Colônia do Sul do País.

QUADRO 7

NÚMERO DE BOVINOS E EQUÍNOS NASCIDOS NOS ESTABELECIMENTOS
TEÓFILO OTONI
1920-1980

ANO	BOVINO	SUÍNO
1920	9.512	38.255
1940	11.896	23.532
1950	9.634	13.517
1960	16.839	8.235
1970	28.432	7.256
1980	33.827	10.551

*Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924.
Censo agrícola, Minas Gerais, 1960.
Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970; 1980.*

Também os produtos de origem animal têm apresentado uma variação acentuada ao longo das décadas. A produção de leite, que era bastante elevada em 1920 (120 962 litros), passou a ser somente 31,7% deste volume em 1940, caindo ainda mais em 1950. Em 1960, a produção leiteira recuperou-se bastante, mas ainda assim em um nível bastante inferior ao verificado em 1920, produzindo apenas metade do que havia sido produzido no início do século.

Apesar de a pecuária ser o forte da região, esta vocação não se traduziu em investimentos significativos na área de processamento de bens de origem animal. A produção de manteiga, queijo e requeijão têm flutuado bastante, como mostra o quadro 8. Entretanto, após a implantação da Usina de Beneficiamento da Cotochês, esta situação tende a se modificar, criando-se um mercado cativo para a produção leiteira.

QUADRO 8

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL
TEÓFILO OTONI
1920-1980

ANO	LEITE (l)	MANTEIGA (Kg)	QUEIJO E REQUIJÃO
1920	120.962	477	31.539
1940	38.398	12.879	57.916
1950	21.184	4.220	24.639
1960	56.056	-	-
1970	11.230	16.000	16.000
1980	25.229	-	-

Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924. Censos econômicos: agrícola, industrial e comercial e dos serviços, Minas Gerais, 1940. Censo agrícola, Minas Gerais, 1950, 1960; Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970, 1980.

O processamento de bens de origem agrícola também vem decaindo de forma considerável, como pode-se observar a partir dos dados apresentados no quadro 9, sendo quase inexpressiva a sua produção atual.

QUADRO 9

PRODUÇÃO DE DERIVADOS DA CANA-DE-AÇUCAR
TEÓFILO OTONI
1920-1940

PRODUTO	1920	1940	%
Açúcar (ton)	978	12	- 98,8
Aguardente	5.453	3.246	- 40,5
Álcool	-	-	-
Rapadura	-	36.146	-

Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924. Censos econômicos: agrícola, industrial e comercial e dos serviços, Minas Gerais, 1940. Nota: As quantidades de aguardente e álcool estão em hectolitros, a rapadura em centos.

Tomando-se como referência os dados econômicos dos quadros 7 e 9, pode-se afirmar que a fase de maior desenvolvimento econômico e agrícola de Teófilo Otoni deu-se na primeira metade deste século, em especial nas primeiras décadas.

A partir dos anos 40 e 50, Teófilo Otoni, de fato, começou a perder o papel de centro irradiador de influências para outras cidades, sobretudo Governador Valadares. O desenvolvimento de Valadares, que começou a despontar no cenário econômico da região depois da abertura da estrada Rio-Bahia, ameaçou a hegemonia de Teófilo Otoni em vários aspectos.

O primeiro deles, que marcou, inclusive, o próprio surgimento de Governador Valadares, está ligado ao processo de desmatamento da Floresta Atlântica. Tanto em Teófilo Otoni quanto em Governador Valadares, o desmatamento foi rápido e acelerado. Em Governador Valadares, no entanto, foram criadas serrarias que beneficiavam a madeira, gerando empregos na cidade. Teófilo Otoni apenas desmatava.

Ademais, a localização de Valadares - mais próxima às usinas siderúrgicas instaladas no Vale do Aço e que se utilizavam de carvão vegetal para o funcionamento de alto-forno - concorreu para a reposição de sua área desmatada. O reflorestamento, caracterizado por floresta homogênea de eucalipto, se não contribuiu para minorar os efeitos danosos do desmatamento sobre o meio ambiente, possibilitou, contudo, a geração de emprego e dinamismo econômico, agindo como um fator de atração de mão-de-obra e capital.

Outro aspecto que contribuiu para o florescimento econômico de Valadares foi a descoberta de reserva de mica ¹⁴⁸ em suas proximidades. Utilizada como isolante térmico e elétrico, na fabricação de aparelhos óticos e na reparação de motores elétricos, a mica passou a ser empregada economicamente na manutenção de equipamentos e na incipiente indústria nacional de eletrodomésticos durante a II Guerra Mundial, já que as restrições impostas pelo conflito reduziram consideravelmente as importações.

A situação de desenvolvimento de Governador Valadares, assumindo o papel de liderança econômica da região, causou o declínio de Teófilo Otoni. Para isto, muito contribuiu a abertura e o posterior asfaltamento da rodovia Rio-Bahia, facilitando ainda mais a ligação de Governador Valadares com Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e centros industriais emergentes tais como Ipatinga (USIMINAS) Coronel Fabriciano (ACESITA) e, posteriormente, Belo Oriente (CENIBRA).

"Porque aqui em Teófilo Otoni (...) o seguinte: tudo o que era de progresso, que era para vir pra cá, ou parava em Valadares ou passava direto. Por exemplo, a fábrica da Coca-Cola ia vir pra cá, seria para aqui. Não, mas ficou em Valadares. Aí veto a usina de açúcar. Esse negócio era praqui. Depois passou para Carlos Chagas". ¹⁴⁹

148 Mica - silicato de alumínio e metais alcalinos. Lâminas finas, com brilho, superpostas. Densidade de 2,78. Um dos três elementos do granito.

149 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um jovem, membro da Juventude Luterana.

A oposição entre Teófilo Otoni e Governador Valadares foi incorporada pela população destas duas cidades, que afirmam ser Teófilo Otoni, hoje, a “esquina do mundo” uma expressão cujo conteúdo é bastante pejorativo, referindo-se ao fato de ser ali uma parada a meio do caminho entre o Nordeste e o Sul do País, onde as pessoas parariam apenas para fazer uso do “toilette”.

Além deste conteúdo pejorativo, é freqüente a permanência, na região, de emigrantes nordestinos, os chamados “baianos cansados” que, de acordo com a visão local, estando em direção a São Paulo, acabam ficando ali, dada a falta de recursos financeiros para prosseguir viagem bem como pela atração que a cidade exerce em função de seu porte médio.

*“O êxodo rural passa por Teófilo Otoni porque é um corredor, Br 116. Esse pessoal sai de lá e chega em Teófilo Otoni e se depara com uma grande cidade. Acha que tem indústria, e não tem. O pessoal não tem mais condições de ir para São Paulo. Então, são os chamados ‘baianos cansados’. E aí não tem emprego. Então é um fator que ajuda a tchegar as favelas”.*¹⁵⁰

É importante lembrar que a chegada dos imigrantes nordestinos em Teófilo Otoni deve estar relacionada, também, aos efeitos da implantação da “política de cidades-dique”. Esta política, que visava conter o fluxo migratório para os grandes centros urbanos, impedindo assim o processo de “inchamento” destes, parece ter transferido para as cidades de porte médio, as “cidades-dique”, estes mesmos problemas. Assim é que Teófilo Otoni enfrenta, hoje, um grave problema de desenvolvimento urbano, dado o seu crescimento desordenado, não acompanhado da implantação de uma infra-estrutura capaz de suprir as demandas da população. Segundo dados da Prefeitura Municipal, dos 48 bairros existentes no início da década de 1990, “27 eram favelas, que abrigavam 65% dos habitantes da sede municipal. Em pesquisa realizada em 1990 pela Fundação Educacional Nordeste Mineiro (FENORD) comprovou-se que 80% dos favelados eram originários das zonas rurais”.¹⁵¹

Realmente, como demonstra o quadro 10, a partir de 1950, quando dispõe-se de dados sobre a situação do domicílio, verifica-se uma inversão total do local de residência da população. Em 1950, 71,4% dos habitantes do município residiam na zona rural e somente 28,6% na área urbana. Estes dados mais que se inverteram: em 1989, encontravam-se apenas 16,9% da população na zona rural em oposição aos 83,1% no centro urbano.

*“É porque lá [na roça] não tinha condições de estudo, só tinha até quarta série. Meu pai queria que a gente continuasse estudando. Só que não tinha condições de manter uma casa aqui e outra lá. Aí, teve que vender, e nós viemos para cá”.*¹⁵²

150 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um educador, descendente de alemães de Colônia do Sul do País.

151 Prefeitura de Teófilo Otoni, 1990.

152 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um jovem, membro da Juventude Luterana.

Observa-se, então, que além da migração inter-regional (os nordestinos) que forma a população flutuante da cidade - há ainda o êxodo dos pequenos produtores rurais da região. Esse movimento migratório vem registrando uma grande saída a partir dos anos 60, com predominância masculina. Como demonstra o quadro 11, até a década de 1960 a população masculina e feminina era equilibrada. A partir de então, houve um perda relativa de população masculina que, em 1991, correspondia a 45,07% da população total.

Isto pode ser explicado por uma característica do êxodo também nesta região: a saída de homens, individualmente, em busca de outros mercados de trabalho, deixando com a mulher a responsabilidade da sobrevivência da família.

QUADRO 10

POPULAÇÃO TOTAL DE TEÓFILO OTONI POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO
1950-89

ANO	POPULAÇÃO	
	URBANA	RURAL
1950	28,6	71,4
1960	37,4	62,6
1970	50,5	49,5
1980	68,2	31,8
1989	83,1	16,9

Fontes: INDICADORES DE CONJUNTURA: Minas Gerais. Belo Horizonte: SEPLAN/SEI, v.2, n2-3, ago.1989

Os que permanecem no campo lutam com muita dificuldade, e dentre eles, destacam-se os descendentes de alemães, tradicionalmente ligados à terra.

QUADRO 11

POPULAÇÃO TOTAL DE TEÓFILO OTONI POR SEXO
1940-91

ANO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1940	85.254	42.492	42.762
1950	87.316	43.168	44.148
1960	127.447	62.282	65.165
1970	87.215	-	-
1980	96.488	45.764	50.724
1991	140.639	67.594	73.045

Fonte: Censos Demográficos, Minas Gerais, 1940; 1950; 1960; 1970; 1980.

IBGE(RJ). Resultados preliminares do censo demográfico: 1991- Brasil. Rio de Janeiro

"Eles têm dificuldades. O agricultor tem dificuldades porque quando ele produz feijão, todo mundo produz, e então o preço cai, porque não existe uma política de comercialização (...) no final da feitura ele ainda não conseguiu vender nada e vai levar pra casa? Então ele quase dá de presente o que está lá. E com que ânimo ele volta para casa? Porque ele precisa comprar sal, ele precisa comprar macarrão, ele precisa comprar açúcar... E com que ânimo ele volta para continuar trabalhando? Então existe uma certa degeneração da colônia alemã. Economicamente é sofrível a situação. Eu digo porque eles são uns heróis, eles são valentes, porque eles resistem. Não é qualquer um que resistiria. E é só isto também que eles sabem fazer. Geralmente os descendentes de alemães permanecem. Outros se atraíram para São Paulo mais". ¹⁵³

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
MEMÓRIA TÉCNICA



Vista parcial de Teófilo Otoni hoje.

153 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um educador, descendente de alemães de Colônia do Sul do País.

O termo "degeneração" ao qual se refere o informante acima parece estar associado a uma situação de gradativo empobrecimento econômico e cultural por que passam os pequenos agricultores, sobretudo os descendentes de alemães.

Esta necessidade de permanecer na terra contribuiu para o aumento dos casamentos interétnicos, apesar de ter ocorrido alguma resistência, por parte de alguns membros do grupo, já que esta prática vinha a alterar o padrão tradicional alemão de casamentos intraétnicos. Outra preocupação recorrente era a união endogâmica de classe social, mas esta, também, não tem sido uma prática seguida pelos jovens descendentes de alemães. Segundo uma entrevistada:

*"O casamento tem que ter (...) dois estetos que tem que estar da mesma altura, né? Se um for mais baixo do que outro, sempre, sempre a casa fica torta".*¹⁵⁴



Casamento interétnico.

Simbolicamente, esta imagem é análoga à representada pelos colonos alemães do sul, ao afirmarem que "casamento deve ser como uma carroça, que deve ser puxada por dois iguais, senão um vai ser sobrecarregado, e não dá certo, fica desparelho".

No caso em pauta prevalece, largamente, nas áreas rurais, o tipo de casamento em que os futuros cônjuges se interessam em permanecer no trabalho agrícola. O processo de miscigenação substitui, assim, a tradição alemã de casamentos intraétnicos. Frequentemente, o êxodo rural pode impor o rompimento de laços que poderiam levar a casamentos, tornando inevitável, desde o ponto de vista dos agentes, a união com afro-brasileiros, denominados, preconceituosamente, de "roxinhos". É preferível, desde a ótica de sua reprodução social, casar com "roxinho" a ser condenado ao celibato. Nesse sentido, ocorre, entre os descendentes de alemães, principalmente entre os da área rural ou entre os empobrecidos da cidade, uma priorização da reprodução social desde o ponto de vista da classe, em detrimento da reprodução da tradição alemã, visto que esta não possui forças para fixar os jovens nos seus locais de origem.

Esse fato possui, igualmente, uma outra dimensão: há uma certa postura estigmatizante por parte dos urbanos contra todos aqueles advindos e moradores da área rural, os "groteiros". Nesse sentido, o casamento inter-racial é percebido pelos descendentes de alemães, como "um mal necessário", ou "um mal menor",

¹⁵⁴ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "segunda leva", 58 anos.

como afirmou uma entrevistada cujo filho casou-se com uma “roxinha” por ter sido preterido por uma prima que não quis retornar à área rural:

*“Ele sempre estava de namorado com minha prima, né? uma prima enfermeira. Mas a prima enrolou ele dez anos, e depois falou que não queria morar na roça. Ele fez uma casa [nas proximidades da casa dos pais], uma casa muito boa (...) [ela] disse que aquela casa não prestava, que ela queria (...) uma casa na cidade, [Ele disse que] para a cidade eu não vou. Plantador de batata, o que vai caçar na cidade? Aí, então, ele desmanchou, acabou. Aí essa ‘roxa’ veto no caminho dele e casou. É uma mentina muito boa, todo mundo gosta dela, trabalhadeira(...)”.*¹⁵⁵

No entanto, essa perspectiva não é compartilhada por todos os descendentes de alemães, pois muitos deles aceitam com naturalidade o casamento inter-racial, classificando-o como “uma razão prática”. Especificamente, no caso de uma entrevista com filha de alemães da leva de 1922/24, mãe de seis filhos dos quais cinco casaram com afro-brasileiros, valoriza a capacidade de trabalho e dedicação de seus genros e noras. Considera que os casamentos foram opção livre dos filhos, e ela, de forma nenhuma tentou interferir.

A mesma postura positiva encontrou-se no depoimento de um pai de família que, dentre todos os seus nove filhos, possui uma filha casada com um descendente de africano:

*“Tem uma que casou com um ‘tição’ e vive muito melhor do que quando quis casar com um branco. Vtu como são as coisas. Ele trabalha de empregado numa casa de ferragem e ela é dona-de-casa”.*¹⁵⁶

Numa posição bastante coerente com a lógica tradicional europeia camponesa, os entrevistados enfatizaram que a escolha foi dos filhos. Logo, a responsabilidade de levar o casamento adiante é deles também.

Nesse sentido, há uma perspectiva individualizante que rompe a forma tradicional de organizar os casamentos via parentesco, no qual a família colaborava, incentivava determinado casamento, seja com primo, seja com vizinho. Por outro lado, em caso de crise desse casamento, a família constituía um respaldo e assumia a responsabilidade. Se antes, portanto, o casamento era um “*affair de famille*”, hoje ele passa a ser da esfera e da escolha do indivíduo.¹⁵⁷

Outra estratégia utilizada por estes descendentes, para assegurar e manter o padrão sócio-econômico e cultural já alcançado pela família, passou a ser o envio dos filhos à cidade visando à ampliação dos conhecimentos para novas e maiores alternativas profissionais.

155 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da “segunda leva”, 58 anos.

156 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um homem, descendente de alemães da “primeira leva”.

157 WOORTMANN, E. F., op. cit. nota 50.

Entretanto, a realidade da cidade nem sempre vai ao encontro das expectativas das famílias da área rural, e mesmo das urbanas. As dificuldades de emprego são muitas. Para os jovens, o mercado de trabalho atual se apresenta cada vez mais restrito, com salários próximos ao mínimo estabelecido por lei.

A estagnação econômica da região, associada à crise geral por que passa o país, representa, então, a não realização das estratégias de vida traçadas pelas famílias. Em entrevista realizada com membros da Juventude Luterana local, cujas idades variam entre 15 e 20 anos, a questão do emprego foi bastante abordada, como é mostrado a seguir:

*"Hoje em dia eu não tenho estímulo nenhum para poder fazer um curso pensando em ganhar dinheiro em cima disso, porque aqui não oferece nada, a cidade, a própria cidade".*¹⁵⁸

*"Porque é difícil né, de conseguir emprego. É super difícil. Porque você não ganha bem, não pagam bem para nada".*¹⁵⁹

*"Você consegue emprego para ganhar salário [mínimo]".*¹⁶⁰

*"Porque para melhorar isso aqui é preciso por indústria, porque o pessoal que mora aqui está todo indo embora".*¹⁶¹

Ao que tudo indica, o mercado de trabalho feminino é ainda mais limitado do que o masculino, como enfatiza uma jovem vinda da Colônia de São Jacinto, que há mais de sete meses está a procura de emprego e não encontra:

*"E o homem aqui, ele tem mais chance. Ele não tem nada pra fazer, vai vender pedra, qualquer coisa, que nessa cidade circula muita pedra. Agora vai eu lá na Praça [Tiradentes] vender pedra para ver o que acontece".*¹⁶²



Izabel Ziemer e filha trabalhando com pedras.

158 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma jovem, membro da Igreja Luterana.

159 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um jovem, membro da Igreja Luterana.

160 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma jovem, membro da Igreja Luterana.

161 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um jovem, membro da Igreja Luterana.

162 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma jovem, membro da Igreja Luterana.

Outro aspecto importante a destacar-se, referente ao êxodo rural, está relacionado ao processo desordenado de utilização do solo ocorrido na região a partir da década de 30. Naquele período, teve início o processo de destruição da Mata Atlântica, cujo volume de terras coberto por matas nativas no campo era, até 1920, de 42,7%, como mostram os dados contidos no quadro a 12.

Este processo de desmatamento foi tão violento que dos 119 479 hectares de matas naturais existentes em 1920, conservaram-se somente 36 580 hectares em 1980, o que corresponde a uma perda de 70% da vegetação original.

As perdas maiores se deram no período de 1930 a 1950, quando houve uma redução de aproximadamente 50% da Mata Atlântica. O desflorestamento continuou elevado nos anos seguintes, restando apenas 13,4%, em 1960; 12,2%, em 1970; e 11,1%, em 1980 da floresta nativa.

QUADRO 12
UTILIZAÇÃO DAS TERRAS
TEÓFILO OTONI
1920-1980

ESPECIFICAÇÃO	1920		1940		1950		1960		1970		1980	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
Nº de Estabelecimentos	2.653	-	4.618	-	2.840	-	4.484	-	2.836	-	3.021	-
Área Total	279.886	-	348.145	-	240.262	-	315.484	-	276.486	-	328.946	-
Lavouras	-	-	38.529	11,1	28.046	11,7	49.049	15,5	28.242	10,2	27.277	8,3
Permanentes	-	-	16.625	43,1	13.094	46,7	19.002	38,7	6.858	24,3	7.129	26,1
Temporárias	-	-	21.904	56,9	14.952	53,3	30.047	61,3	21.384	75,7	20.148	73,9
Pastagens	-	-	108.455	31,2	94.607	39,4	186.168	59,0	191.008	69,1	237.376	72,2
Natural	-	-	-	-	17.650	18,7	103.342	55,5	184.127	96,4	220.387	92,8
Plantada	-	-	-	-	76.957	81,3	82.826	44,5	6.881	3,6	16.989	7,2
Matas e Florestas	119.479	42,7	125.691	36,1	67.435	28,1	42.275	13,4	33.696	12,2	36.631	11,1
Naturais	-	-	-	-	66.680	98,9	37.074	87,7	33.345	99,0	36.580	99,9
Plantadas	-	-	-	-	755	1,1	5.201	12,3	351	1,0	51	0,1
Em Descanso	-	-	-	-	-	-	21.855	6,9	10.266	3,7	8.656	2,6

Fontes: Censo agrícola, Minas Gerais, 1960.

Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970; 1980.

Nas entrevistas com alemães que migraram para o Mucuri no início dos anos 20, existem importantes referências sobre a mata, que ainda era bastante extensa naquela época:

"E os homens já iam fazendo como se dizia naquele tempo, picada, pra entrar na mata".

"Tudo era mata. Só tinha picada pra eles chegarem nos lugares, que nós viemos de Teófilo Otoni pra Francisco Sá, pra Colônta, num carro de boi".

*"E, então a gente tinha que ir picada, dentro do mato pra ir na escola".*¹⁶³

*"Para ir pra cidade eram quatro horas de viagem a cavalo. Era picada, não era estrada, era cortado, mata de um lado e mata do outro. Isso eu ainda lembro um pouquinho, quando eu saía da porta de casa só topava com árvores".*¹⁶⁴



163 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, migrante da "segunda leva", 78 anos.

164 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, descendente de alemães da "segunda leva", 58 anos.

Os dados referentes ao desmatamento ocorrido até a década de 1950 coincidem com depoimentos que indicam ser o corte, a comercialização e a exportação da madeira-de-lei uma das atividades econômicas das mais rentáveis da região, inclusive para membros da colônia alemã vitimados pelo "crack" do café em 1929/1930.

*"Ah, o meu negócio era vender lenha. No tempo dos tempos bons, né? Era vender lenha. E assim sustentava o povo. Fornecia lenha por 20 anos, sem parar".*¹⁶⁵

Ao contrário de outras áreas do Estado de Minas Gerais, a exemplo de Governador Valadares e Ipatinga, em Teófilo Otoni não ocorreu a reposição das matas nativas por florestas homogêneas de eucaliptos, cuja finalidade era abastecer com carvão vegetal as usinas siderúrgicas e fábricas de celulose localizadas no Vale do Aço.

Tomando-se como referência o quadro 12, pode-se afirmar que a atividade de reflorestamento não se desenvolveu em Teófilo Otoni, pois somente 51 hectares eram formados por mata plantada (0,1% do território) em 1980. Apenas em 1960 houve uma pequena tentativa neste sentido, quando foram reflorestados 5 201 hectares, correspondentes a 12,03% do território total. Este surto, contudo, não teve continuidade, posto que nos anos seguintes a área reflorestada passou a ser inexpressiva.

Paralelamente à redução, em grande escala, da área de mata natural, observa-se o aumento relativo das áreas destinadas à pastagem. Mas este movimento não afetou o tamanho das propriedades agrícolas. Na análise do tamanho médio dos estabelecimentos e dos grupos de área, verifica-se que ambos mantiveram-se relativamente estáveis ao longo dos anos 20 a 80. Conclui-se, assim, que o desmatamento não contribuiu para desencadear um processo de concentração de terras, como ilustram os dados apresentados nos quadros das páginas 140 e 141.

Como pode-se observar nos quadros 13 e 14, o tamanho médio dos estabelecimentos agropecuários de maior porte (entre 500 e 1 000 hectares) também sofreu uma redução, o que indica a não existência de um processo de concentração da terra rural na região.

Apesar de não existir um processo de concentração de terras nas mãos de poucos proprietários, o tamanho reduzido das fazendas pode ser considerado um indutor do movimento de mudança da população do campo para a cidade. Um pedaço de terra pequeno não consegue suportar o crescimento das famílias que, então, direcionam parte de seus membros para a cidade.

¹⁶⁵ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com um homem, descendente de alemães da "primeira leva".

QUADRO 13
TAMANHO MÉDIO DAS PROPRIEDADES
TEÓFILO OTONI
1920-1940
(ha)

ANO	TAMANHO
1920	105,5
1940	75,4
1950	84,6
1960	70,4
1970	97,5
1980	108,9

*Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924.
Censo agrícola, Minas Gerais, 1960.
Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970; 1980.*



Moradores da antiga Colônia Francisco Sá.

O elevado número de pequenas propriedades existentes na região - 80% com 100 hectares - pode ser explicado pelo número de estabelecimentos dedicados à produção de hortifrutigranjeiros e cereais, tradicionalmente cultivados pelos descendentes dos alemães. Uma das características destas propriedades é manter um tamanho padrão em torno de cinco alqueires (25 hectares), semelhante à medida estabelecida pela política de colonização da década de 20.

QUADRO 14

TAMANHO MÉDIO DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS
POR GRUPO DE ÁREAS
TEÓFILO OTONI (ha)

ÁREA	1920	1940	1950	1970	1980
Até 5	-	4,0	4,0	4,2	3,8
De 5 a 20	-	14,7	14,5	13,3	12,3
De 20 a 50	-	27,5	33,0	34,2	33,8
De 50 a 100	-	72,2	76,6	75,5	73,2
De 100 a 200	-	140,4	-	146,7	127,8
De 200 a 500	-	305,3	-	342,4	319,2
De 500 a 1.000	-	885,3	-	674,0	692,2

Fontes: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística. Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920. Belo horizonte: Imprensa Oficial, 1924.
Censo agrícola, Minas Gerais, 1960.
Censo agropecuário, Minas Gerais, 1970/1980.

Com o passar dos anos, os próprios imigrantes e os seus descendentes passaram a comprar lotes, em geral na mesma grota, com as mesmas dimensões. A compra destes lotes não significou concentração de terras, uma vez que eram adquiridos por jovens casais ou pelos pais que visavam à ampliação do patrimônio a ser dividido como herança, pelos filhos.

*"A terra comprava logo cinco alquetres, sempre era cinco só (...) Meu marido antes de nos casar, ele comprou esse lugar (...) Meu pai morava aqui, depois meu pai comprou um aqui pra meu irmão (...) Depois, quando os meus pais já morreram meu irmão ficou com esse (...) Meu irmão vendeu esse aqui para um brasileiro, mas logo meu filho já comprou esse lugar de volta. Quer dizer que essa grota ficou outra vez [na família], untu outra vez".*¹⁶⁶

166 Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

O capital necessário para a compra de terras era acumulado através do trabalho na agricultura, associado a outras atividades complementares.

"[A casa onde moramos] o marido comprou, quer dizer, ele já trabalhava com caminhão naquele tempo aqui na cidade. Ganhava dinheiro e comprava isto de um outro alemão, que já foi embora". ¹⁶⁷

A situação de decadência urbana, associada a uma degeneração na área rural, acentuou-se ainda mais nos anos 50. Curiosamente o período aparece pouco nas entrevistas, porque corresponde a um processo negativo, que vem se intensificando até os dias de hoje. A situação dramática tem sido percebida pela Comunidade Evangélica, que, sob liderança do pastor Walter Doer, criou, em 1963, uma instituição voltada para a educação das crianças da área rural. Inicialmente, o objetivo era trazer as crianças evangélicas para o internato durante um curto período (um a dois anos), durante o qual teriam assistência integral: alfabetização, ensino confirmatório, tratamento médico e dentário, alguma noções de higiene, técnicas agrícolas e domésticas.



Internato Rural - interno trabalhando na lavoura.

Com o passar do tempo, a direção do Internato, conforme depoimento do pastor Doer, "redirecionou" o seu caminho. Foi verificado que as crianças evangélicas da área rural, apesar de pobres e miscigenadas, ainda estavam numa situação privilegiada em relação àquelas que não tinham descendência germânica. Em vista disso, o Internato passou a ter como critério de aceitação a situação de vida da família, bem como de saúde e perspectivas de futuro do candidato.

Assim, de um estabelecimento voltado, explicitamente, para um fim religioso, o Internato Rural tornou-se um estabelecimento essencialmente assistencial. Dentro desta nova perspectiva, o pastor Doer, também formado como técnico rural na Alemanha, redirecionou o seu conteúdo programático, passando a enfatizar ainda mais a formação técnico-agrícola dos alunos.

Ao longo dos anos, o estabelecimento tem-se destacado como importante contribuição dos evangélicos ao desenvolvimento da educação rural em Teófilo Otoni. De acordo com informativos atuais, esta instituição é uma escola profissionalizante de primeiro grau, sem fins lucrativos, de caráter filantrópico e de assistência social. Tem por objetivo atender aos filhos de pequenos agricultores, de ambos os sexos, ou a filhos de trabalhadores rurais, profissionalizando-os e

¹⁶⁷ Entrevista realizada em Teófilo Otoni com uma mulher, imigrante da "segunda leva", 78 anos.

dotando-os de valores cristãos.

Dentre os cursos promovidos pelo Internato, destacam-se: hortas escolares e educação alimentar; industrialização caseira do leite e seus derivados; produção de leite; irrigação; horticultura; conservação e recuperação do solo; tratorista. Em visita ao Internato, um jornalista assim o descreve:

"Mantido pela Igreja Luterana e com a contribuição de alguns filantropos, sem ajuda do Estado, o Internato Rural de Teófilo Otoni merece receber a visita de educadores, estudantes de pedagogia e políticos que se dizem interessados em educação.

A instituição acolhe, gratuitamente, centenas de meninos e meninas adolescentes, carentes, filhos de lavradores e camponeses. Dá-lhes formação integral, religiosa, escolar e profissionalizante.

A preocupação básica do internato consiste em anteciper-se ao êxodo rural e preparar o homem para permanecer em seu próprio meio, mais feliz, civilizado, saudável e produtivo. Ele ensina o homem a pescar. E aguarda que o rio da reforma agrária lhe forneça os peixes.

*Percorri, com interesse, todas as dependências, em companhia do **Dr. Ivan Renner** e da educadora Uard Mahmed Lauar de Barros. Impressionaram-me a disciplina, a limpeza e a organização.*

No modesto refeitório, servimo-nos de suco refrescante, nutritivo pão de sorgo, bolo e doce de fabricação local, preparados em formas de latas usadas. A cozinha e a lavanderia ficam a cargo das meninas.

Em cada um dos dormitórios, os internos escolhem um chefe e um subchefe, que orientam os novatos. Catres com lençóis impecavelmente estendidos. Em divisórias de armários muito toscos, as roupas simples e limpas de cada um aparecem cuidadosamente dobradas. Nos banheiros, também muito asseados, um tanque para limpeza das botas e cabides para toalhas molhadas. Em suma, um lugar para cada coisa, e cada coisa em seu lugar.

Na pequena mercenaria, vimos móveis de madeira maciça, de aprimorado acabamento. Acima de cada bancada, um engenhoso e barato sugador de pó.

Na oficina mecânica, também muito bem organizada, um quadro grande com versículo da epístola de São Paulo aos Colossenses fala da alegria de servir ao Senhor.

No local de permanência do gado semiconfinado, placas informam sobre o arraçãoamento de cada res.

No chiqueiro dos porcos inusitadamente desodorizado, existem repartições separadas para fêmeas solteiras, prenhas e paridas, e sub-repartições para os bacoitinhos, providas de aquecimento artificial.

Vimos cantetos de hortaliças úscas e bem regadas. E uma estufa para cultivo de tomates. Numa encosta, acha-se em formação belo e promissor pomar. Tudo muito simples, sem a menor sofisticação, com aproveitamento e reaproveitamento de materiais.

No campo de futebol, internos jogavam com instrutores, ex-internos. Na sala de televisão, alguns meninos assistiam a filmes instrutivos. O uso da telinha

é inteligentemente controlado.

Outros mentnos liam, escreviam ou trenavam caligrafia nas salas de aulas. O olhar brilhante dos adolescentes e o seu sorriso humilde, franco denunciavam a alegria, a gratidao e o reconhecimento daquela oportunidade única e ímpar, de se tornarem alguém". ¹⁶⁸



Internato Rural - internos trabalhando no galpão.

Contrastando com o Internato Rural, verifica-se que as outras tentativas de educação na área rural não conseguiram sequer alfabetizar grande parcela da população ali residente, tendo-se notícia de muitos descendente de alemães analfabetos.

Sem dúvida, o trabalho desenvolvido naquela instituição tem sido um esforço hercúleo que vai contra a tendência geral de decadência encontrada na

168 LIMA, O. B. C. Internato rural. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 26 mar. 1992.

região. A ênfase em todos os depoimentos reside na desesperança e na falta de perspectivas, principalmente no que se refere aos dias de hoje. É recorrente a comparação com a cidade próxima de Governador Valadares, que não se caracteriza por índices tão graves de desemprego. Enfatiza-se, a todo o momento, que a maior dificuldade está não só na falta de opções de emprego quanto na subutilização das potencialidades lá existentes. Há um grande contingente de força-de-trabalho que, com alguma qualificação, poderia dar novas perspectivas de melhoria de vida a essa população.

O cinturão de favelas que circunda Teófilo Otoni, segundo depoimento de um padre entrevistado, ainda não abriga um número expressivo de descendentes de alemães, porque estes ainda não chegaram a um nível de empobrecimento em que se encontra a população migrada do interior do Nordeste e do Vale do Jequitinhonha. Em larga medida, o processo de empobrecimento está levando muitos descendentes de alemães da área rural a migrarem para a cidade de Teófilo Otoni, num primeiro momento, passando, em seguida, a procurar outras áreas tidas por eles como mais promissoras, como Belo Horizonte, Rondônia e Amapá.

Outro tipo de movimento migratório é aquele realizado por pessoas de classe média, que saem de Teófilo Otoni em busca de melhor formação intelectual e melhores chances de inserção no mercado de trabalho. Este fenômeno, apesar de ser mais intenso atualmente, já foi encontrado no passado. No entanto, a situação, hoje, tem uma perspectiva distinta da anterior, quando iam estudar fora com intuito de retornar. Hoje, em face das limitadas oportunidades oferecidas pela região, estudar fora significa, também, procurar fora a inserção no mercado de trabalho.

Dentro deste panorama geral, percebe-se, atualmente, uma contraposição ao movimento anterior de florescimento de Teófilo Otoni, que, num primeiro momento, manifestou-se quando as possibilidades de realização dos ideais de "fazer a América" estavam na iminência de concretização. Agora, a situação é inversa: existe uma reconversão quase total das estratégias de vida, reconversão esta forjada pela extrema decadência em que está mergulhada a região do Vale do Mucuri nos dias atuais.



CONCLUSÃO



Um dos aspectos mais relevantes encontrados na presente pesquisa refere-se à acentuada integração experimentada pelos imigrantes alemães e seus descendentes em Teófilo Otoni. Provavelmente, a explicação para tal integração encontra-se no próprio processo de constituição da colônia. As famílias de imigrantes que se dirigiram para Teófilo Otoni saíram de suas regiões de origem de uma maneira relativamente dispersa, e não em grupos, ou seja, a estratégia e decisão de emigrar estava restrita à esfera familiar. Já os imigrantes que se dirigiram para o Sul do País formavam, muitas vezes, grupos coesos originários de um mesmo local na Alemanha. Nestes casos, o contato prévio permitiu uma decisão coletiva no processo de emigração, bem como a permanência da organização do grupo após a chegada ao Brasil.

Em Teófilo Otoni, ao contrário, não se tem notícia sobre a imigração coletiva; vieram de maneira dispersa travando conhecimento só após a chegada. Muitas vezes, a comunicação entre os próprios alemães era difícil, em função da diversidade de dialetos utilizados, decorrente das várias regiões de origem. Acresce-se a isto, o fato de existirem, ali, imigrantes de outras nacionalidades, também.

Estes fatores foram determinantes no processo de estruturação e integração da colônia alemã na comunidade local. Outro fator relevante no processo de integração consistiu na distância temporal, de mais de 60 anos, entre a primeira e a segunda "leva", isto é, os alemães residentes em Teófilo Otoni não foram realimentados com "elos de germanidade", pela ausência prolongada de novas "levas".

Assim sendo, mesmo os laços de solidariedade interna abordados neste trabalho apresentam uma certa fragilidade, na medida em que são manifestações pontuais ligadas à sobrevivência imediata, especialmente nos primeiros anos de adaptação à colônia.

A ausência de projetos coletivos condicionou a ausência, também, de respostas coletivas aos problemas e insucessos encontrados. Exemplo disso foi a crise enfrentada no início da década de 30, quando muitas famílias deixaram o Mucuri em busca de alternativas em outras regiões. Embora este problema afligisse a grande maioria dos colonos recém chegados, a decisão de partir foi tomada individualmente pelas famílias, como também foi individual o comportamento dos que permaneceram e compraram as terras dos que partiram, não havendo, assim, uma busca coletiva de alternativas para problemas comuns.

A combinação destes fatores, se por um lado, aponta para a inexistência de laços de organização interna, por outro indica uma abertura à integração com a sociedade local. É importante destacar que, da mesma forma que não há uma estrutura interna coesa no grupo, a integração também se processa de maneira diferenciada, ou seja, não faz parte de um projeto coletivo do grupo. As famílias ou indivíduos passam por processos de maior ou menor integração, a partir de experiências diferenciadas na vida educacional, religiosa, laços de matrimônio etc. Assim, os mesmos elos constitutivos da germanidade apresentam-se, também, como elos de integração, tais como a língua, a religião, as festas, os casamentos etc.

A força dessa integração é percebida pela fragilidade dos elementos mantenedores das tradições culturais germânicas.

A língua, atualmente, apenas é falada pelos remanescentes da leva de 1922/24. As festas populares são praticamente inexistentes, salvo algumas organizadas por pessoas oriundas de outras áreas de colonização, atualmente residentes em Teófilo Otoni. As tradicionais festas de famílias, tão comuns em outras áreas, que chegam a reunir até duas mil pessoas, não são ali realizadas. A única exceção, mas não muito representativa, foi a festa da família Roedel, ocorrida em Belo Horizonte no dia 11 de julho de 1982, que reuniu apenas setenta pessoas.

O elo cultural mais representativo que mantém vivos os poucos elementos de "germanidade" encontrados é a religião Evangélica. Assim, as famílias fiéis ao luteranismo são as que ainda preservam alguns resquícios de suas tradições. Já para os descendentes de alemães que se converteram ao catolicismo, em geral via casamentos mistos, estes elos apresentam-se de forma mais tênue.

Atualmente a Comunidade Luterana tem demonstrado preocupação com o provável desaparecimento de suas tradições germânicas e vem buscando realimentá-la através de festas e intercâmbio com outras áreas de colonização. Certamente, o grande interesse despertado por esta pesquisa está na possibilidade de ela estimular o resgate da memória teuto-brasileira.

Ao longo deste trabalho, pode-se observar dois subprocessos distintos de construção desta memória, associados a cada uma das "levas" migratórias.

Para a primeira "leva", existe um farto material elaborado e publicado, onde a época pioneira da colonização é descrita como um período heróico. Esta visão, em maior ou menor medida, aparece também nos relatos dos descendentes dos imigrantes da primeira "leva", que tendem a supervalorizar os fatos ocorridos com os seus antepassados, mas pouco se referem aos imigrantes vindos em 1922.

De fato, a segunda "leva" de imigrantes é pouco contemplada pela historiografia local, quase não se tendo registros sobre o período. Entretanto, a riqueza de informações orais deste grupo é enorme, sendo possível, ainda hoje, o resgate de uma memória viva, da própria experiência adquirida. É interessante observar que o lugar de segundo plano que lhes é dado não é por eles introjetado. Esta não-introjeção parece estar associada, também, ao processo de integração desse grupo à comunidade local, ou seja, faz parte de um esforço individual e familiar de se diferenciar dos demais, seja através da língua, da religião, dos casamentos, dos hábitos e costumes.

Finalmente, a ausência de informações e documentos sobre essa memória individual da "segunda leva", 70 anos após a sua chegada a Teófilo Otoni, também parece ser parte do processo de integração dos alemães e seus descendentes na comunidade local, pois não houve interesse em destacá-los ou ressaltá-los dos demais problemas vividos pela população do município.

Provavelmente, uma pesquisa que aborde a questão da identidade dos imigrantes alemães e seus descendentes possa contribuir para o esclarecimento de alguns aspectos ainda obscuros desse processo de integração. Isto porque existem, tanto elementos que os diferenciam, quanto elementos que os assemelham aos demais membros da comunidade teofilotonense. Isto é, existe uma história específica que é comum ao grupo de imigrantes e uma história que é do município de Teófilo Otoni, à qual pertencem e participam.

Pelo que se pode observar, o processo de identidade desse grupo teria tanto elementos extraídos da origem germânica quanto outros elementos assimilados a partir da vivência cotidiana na localidade.

Apesar de este tema não ter sido objeto de investigação deste trabalho, foi possível detectar algumas posições contrastivas entre os imigrantes e seus descendentes, no que se refere à sua posição interna e frente aos demais membros da comunidade teofilotonense.

Outro aspecto relevante a ser destacado refere-se à imagem que o imigrante constrói do País escolhido para emigrar. Neste sentido, é sugestiva esta citação de uma imigrante:

"(...) Ela escrevia: Brasil é um paraíso! E por causa dessa mentira nós chegamos pro Brasil".

A busca do paraíso pelo imigrante traz em seu bojo a idéia de "Fazer a América", expressão esta de duplo sentido: por um lado, significa construir socialmente o local que escolheu para viver, ou seja, almeja participar, promover e estimular o crescimento material no sentido evolucionista de "progresso"; por outro refere-se ao "fazer-se na América", isto é, tem um conteúdo individual e familiar de ser "bem-sucedido", de inserir-se qualitativamente na sociedade que constrói.

Dentro desta perspectiva, os imigrantes alemães no Brasil nem sempre realizaram seus projetos tal como os idealizaram. No caso de Teófilo Otoni, observa-se um grande distanciamento entre o idealizado e o alcançado. Já na região Sul do País as condições foram mais favoráveis à concretização dos objetivos propostos.

De fato, apesar da semelhança histórica que condicionou as políticas de colonização - voltadas basicamente para a agricultura -, algumas regiões conseguiram fazer a passagem de uma economia agrícola estruturada em pequenas unidades produtivas, para uma economia industrial. O Vale do Itajaí, em Santa Catarina, por exemplo, estabeleceu e consolidou um pólo de indústria têxtil de porte nacional, impulsionado pela acumulação de capital proveniente da agricultura. O Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, também passou por processo semelhante, com a implantação de importante centro industrial de calçados, cuja produção é destinada tanto ao mercado interno quanto externo.

Essas duas regiões caracterizam-se por um tipo de colonização cujo desdobramento possibilitou, tanto a construção econômico-social da região quanto o posicionamento individual relativamente "bem-sucedido" se comparado, por exemplo, com os imigrantes de Teófilo Otoni.

No Vale do Mucuri, ao contrário da região Sul, as possibilidades de crescimento econômico sempre foram mais limitadas, dadas as condições de localização, transportes, qualidade do solo, clima, comercialização, dentre outros. Embora Teófilo Otoni tenha passado por um período de florescimento no início do século, exercendo um papel de pólo regional, a partir de meados do século XX, foi perdendo esta posição favorável para Governador Valadares.

Nessa época, o empenho político dos governos brasileiros em industrializar o País concorreu para o surgimento de núcleos industriais em diversas regiões. Em Minas Gerais, este esforço industrializante concentrou-se na região de Belo Horizonte (que, a partir de então, passou a exercer realmente o seu papel de capital), no Vale do Aço, com a criação do maior pólo siderúrgico do País; e no Sul do Estado. O Noroeste também recebeu, já na década de 1960, incentivos para a implantação de indústrias, ao ser considerada área de abrangência da SUDENE. O Vale do Jequitinhonha também passou a ter uma política de proteção e estímulo ao desenvolvimento, com a criação da CODEVALE. A região do Vale do Mucuri, contudo, não foi contemplada com nenhuma política ou agência de fomento especificamente voltada para o seu desenvolvimento.

Com o declínio gradativo da região, as possibilidades de ascensão sócio-econômica dos imigrantes e seus descendentes também se restringiram. Os esforços locais no sentido de superar essas barreiras, provavelmente não serão bem sucedidos, caso não sejam acompanhados de políticas realmente comprometidas com o desenvolvimento regional.

*Placas que demonstram a participação de alemães e seus descendentes
em diversos setores no município de Teófilo Otoni.*



15

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

-
- 1 - ALMEIDA, J.V. **Filadélfia**: cidade do amor fraternal. Teófilo Otoni: s.n.:1953.
 - 2 - ASSIM surgiu Teófilo Otoni. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 de dezembro de 1987.
 - 3 - AZEVEDO, C.M.M. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites - sec. XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.37.
 - 4 - AZEVEDO, M. Movimento Político em Minas Gerais em 1842. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, v.14, p.323-347.
 - 5 - BARBOSA, W. A. **Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Promoção da Família, 1971.
 - 6 - BIB: Boletim informativo e bibliográfico de ciências sociais. Rio de Janeiro, v. 23, jan/jun 1971.
 - 7 - BRAZELINO, A. A empresa de Mucuri. **Revista Popular**. Rio de Janeiro. v.1/2, p. 163 -175, jul.1859.
 - 8 - BRASIL. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Directoria Geral de Estatística. **Synopse de recenseamento de 31 de dezembro de 1890**. Rio de Janeiro, 1898.
 - 9 - CARVALHO, D. **Traços de uma Grande Vida**: Teófilo Otoni, campeão de liberdade. Rio de Janeiro, 1934.
 - 10 - CENSO AGRÍCOLA DE 1960: Minas Gerais. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. 2v. VII Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional, v.2, t.2.
 - 11 - CENSO AGROPECUÁRIO: Minas Gerais. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.2 v. VIII Recenseamento Geral - 1970. Série Regional, v.3, t.14.
 - 12 - CENSO AGROPECUÁRIO: Minas Gerais. Rio de Janeiro, 1984. 4v. IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980, v.2, t.3, n.16.
 - 13 - CENSO DEMOGRÁFICO: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade. Rio de Janeiro: IBGE, 1983. IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980, v.1, t.4, n.16.
 - 14 - CENSO DEMOGRÁFICO DE 1960: Minas Gerais. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. VII Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional, v.1, t.9.
 - 15 - CENSO DEMOGRÁFICO: Minas Gerais. Rio de Janeiro: IBGE, 1973. 3v. VIII Recenseamento Geral do Brasil. 1970, v.1, t.14.
 - 16 - CENSO DEMOGRÁFICO: população e habitação. Rio de Janeiro: IBGE, 1950. Recenseamento Geral do Brasil - 1940. Série Regional, pt.13. Minas Gerais, t.1.

- 17 - CENSOS ECONÔMICOS: agrícola, industrial, comercial e dos serviços. Rio de Janeiro:IBGE,1950 Recenseamento Geral(1 de setembro de 1940). Série Regional, parte XIII, Minas Gerais, t.3.
- 20 - CHAGAS, P.P. **Teófilo Otoni, Ministro do Povo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- 21 - COSTA, J.R. **Toponímia de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.
- 22 - UM DOCUMENTO para a história da imigração alemã. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, v.1. 1965.
- 23 - EMMERICH, C. e MONSERRAT, R. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos: notas bibliográficas. **Boletim do Museu Nacional**: Rio de Janeiro,n.3,1980.
- 24 - ESTADO DE MINAS GERAIS: censo agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, 1955. Série Regional v.21,t.3.
- 25 - ESTADO DE MINAS GERAIS: censo demográfico. Rio de Janeiro: IBGE,1954. Recenseamento Geral - 1950. Série Regional, v.21,t.1.
- 26 - O ESTUDANTE. Teófilo Otoni, abr - maio 1928.
- 27 - FERREIRA,A.B.H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- 28 - FERREIRA, G. **Os bandeirantes modernos**. S.L.: s.n., 1934.
- 29 - FLORES,H. **Canção dos imigrantes**. Caxias do Sul:EST/EDUCS,1983.p.58.
- 30 - FOUQUET, C. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808/1824**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974
- 31 - FRANÇA,J. Itabira: um perfil de sua história. in BARROS, A.J., REIS,R.D. (coord.). **No Tempo do Mato Dentro**. Belo Horizonte: Fundação Joao Pinheiro,1986. p.11-22.
- 32 - FUNDAÇÃO JOAO PINHEIRO **Programa Estadual de Centros Intermediários**: diagnóstico de Teófilo Otoni. /Belo Horizonte/ 1980.
- 33 - GOLDE, G. **Catholics and protestants**. New York: Academic Press, 1975.
- 34 - IBGE(RJ) **Resultados preliminares do censo demográfico: 1991 - Brasil**. Rio de Janeiro,1992.
- 35 - IBGE(RJ). **Sinopse estatística do município de Teófilo Otoni**: Estado de Minas Gerais. Rio de Janeiro,1948.
- 36 - IMIGRACAO alemã. **Minas Geraes**, Ouro Preto, 1895.p.4.
- 37 - A IMIGRAÇÃO em Minas Gerais. **Minas Geraes**, 24 out.1896.
- 38 - INDICADORES DE CONJUNTURA: Minas Gerais. Belo Horizonte:SEPLAN/SEI, v.II,n.2-3,ago 1989.
- 39 - ÍNDIOS falam da luta contra a opressão. **Jornal de Opinião**, Belo Horizonte: 8-14 fev.1992.
- 40 - JACOB, R. **Minas Gerais no XX século**. Rio de Janeiro: Gomes,1911.
- 41 - KEIM, D.N. **História da educação em Teófilo Otoni**. Teófilo Otoni: Secretaria Municipal de Educação, FENORD,1987.
- 42 - LACERDA,C. A vinda de colonos alemães e o relatório do Visconde de Abrantes". **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, 1941.

- 85 - TETTEROO, S. **O Município de Teófilo Otoni**: notas históricas e chorographicas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1922.
- 86 - THOEN, A. **O imigrante Johann Martin Thoen**. Canoas: La Salle, 1985.
- 87 - THOMAS, D. **Memórias de um colono no Brasil**. São Paulo: Biblioteca Histórica Brasileira, 1951.
- 88 - TIMMERS, O. **Theóphillo Benedicto Ottoni**: pioneiro do nordeste mineiro e fundador da cidade de Teófilo Otoni. S.L.:s.n.1969 a.
- 89 - TIMMERS, O. **O Mucuri e o Nordeste Mineiro no passado e seu desenvolvimento**. Teófilo Otoni:s.n., 1969 b.
- 90 - TORRES, J.C.O. **História de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Leme, 1980. v.2, cap.3: A experiência do Mucuri
- 91 - VOCABULÁRIO. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, v.s.n.1/2, p.1093-1115, jan.jul. 1903. Vocabulário da língua dos Botocudos, Nacnanicks e Goporocas, habitantes das margens dos rios Mucury e Todos os Santos, também identico ao dos Kraik-nus habitantes das margens do rio Jequitinhonha.
- 92 - WIED-NEUWIED, M. **Viagem pelo Brasil nos anos de 1815 a 1817**. São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte:Itatiaia,1989.
- 93 - WILLIEMS, V.E. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- 94 - WOORTMANN, E.F. **Colonos e sitiantes**. Brasília:s.n.,1988. Tese (Doutorado) Universidade de Brasília

DOCUMENTAÇÃO ARQUIVISTA

- 95 - Carta de Francisco Eugênio Ochtschin ao filho de Gustavo Bamberg, 1927
- 96 - Discurso de Otávio Esteves na constituinte mineira de 1891 sobre "a necessidade de um porto de mar".
- 97 - Discursos de Theófilo Benedicto Ottoni sobre vias férreas em 1854 no Rio de Janeiro.

Coleção
MINEIRIANA

Série Estudos e Ensaios

Número 1: A Colonização Alemã no Vale do Mucuri

- 43 - LALLEMANT, R.A. **Viagem pelo Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953. Prefácio de tradução de Teodoro Cabral.
- 44 - LANDO, A.M., BARROS, E.C. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1982.
- 45 - LIMA, O.B.C. Internato Rural. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 mar. 1992.
- 46 - LOPES, J.P. Minas, o século XIX, Teófilo Otoni e o Progresso Econômico. **Revista do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1981.
- 47 - LORENTZ, L. **Teófilo Otoni no Tribunal da História**. Rio de Janeiro: Luna, 1981.
- 48 - MARCATO, S. A repressão contra os Botocudos em Minas Gerais. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n.1, 1979.
- 49 - MATA-MACHADO, B.N. Notas para uma história do capitalismo em Minas Gerais". **Revista Fundação JP**, Belo Horizonte, v.15, n.7/8, set./dez. 1985.
- 50 - MAYER, A. **A força da tradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- 51 - MELO, O. **A ação de Teófilo Benedito Otoni no cenário político e econômico do império**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Pesquisas Econômicas, 1958.
- 52 - MICKOLEIT, H. **Das Schicksal der Russlanddeutschen**. Coburg: Nation Europa, 1977.
- 53 - MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. **Minas Gerais segundo o recenseamento de 1920**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924.
- 54 - MINAS GERAIS. Secretaria de Ciência e Tecnologia. **Mapa geográfico**. Belo Horizonte, 1984. Ec.: 1 000 000
- 55 - MINAS GERAIS e a imigração. **Minas Gerais**, Ouro Preto, 25 set. 1925.
- 56 - MONTEIRO, N.G. **Imigração e colonização em Minas Gerais - 1889-1930**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.
- 57 - O MUCURY. Teófilo Otoni, 17 nov.1901; 15 jan.1922; 22 mar.1925; 14 ago.1927; 2 out. 1927; 23 fev.1930; 31 ago.1930.
- 58 - O NORTE DE MINAS. Teófilo Otoni, 23 jul.1960.
- 59 - OTTONI, M.T.B. **Theofilo Benedito Ottoni: uma vida por um ideal**. São Paulo: s.n., 1957.
- 60 - OTTONI, T.B. **Relatório apresentado aos accionistas da Companhia do Mucury no dia 10 de maio de 1860**. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1860.
- 61 - OTTONI, T.B. **Relatório apresentado aos accionistas da Companhia do Mucury em 1 de outubro de 1958**. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J.Villeneuve E.C., 1858.
- 62 - PALAZZOLO, J. **Nas selvas dos Vales do Mucuri e do Rio Doce: como surgiu a cidade de Itambacuri**. São Paulo: Nacional, 1954.
- 63 - UM PEDIDO de concessão para estabelecimentos de colonias no Mucury. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.8, n.1/2, p. 647-650, 1903.

- 64 - POLANYI, K. **The great transformation**. Boston: Beacon, 1971.
- 65 - PORTELA, A. **Relatório SPI**. [S.L.:s.n.], 1911.
- 66 - PORTO, R.O. "**Notas históricas do Município de Teófilo Otoni**, Teófilo Otoni: s.n., 1931. vol 2: A Extinta Cia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri
- 67 - PORTO, R.O. A bandeira de Joao da Silva, o mestre de campo. Todos os Santos e os Selvagens de Minas Gerais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1946.
- 68 - PROFETA, Benedito: Manifesto "Estado do Rio Mucuri". Belo Horizonte: s.n., 1943.
- 69 - RAMOS, A. **Introdução à Antropologia Brasileira**: as culturas europeias e europeizadas. 3 ed. Rio de Janeiro: MEC/DAC, 1975. v.4. páginas
- 70 - RELATÓRIO apresentado ao governo. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v.8, n.1/2, p.1077-1092, jan./jul.1903. Relatório da exposição dos rios Mucury e Todos os Santos feito por ordem de Exmo. governador de Minas Gerais pelo engenheiro Pedro Victor Renault, tendente a procurar um porto para degredo.
- 71 - REVISTA DOS MUNICÍPIOS MINEIROS. Belo Horizonte, v.4, n.41, 1971.
- 72 - RICOEUR, P. O tempo relatado. **Correio da UNESCO**, Rio de Janeiro, v.19, n.7, p.5-9, jan.1991.
- 73 - ROTHE, M. et al. **100 Anos de imigração alemã em Teófilo Otoni**. Ijuí, Correio Serrano, 1956.
- 74 - RUBINGER, M. et al. **Índios Maxacali, resistência ou morte**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.
- 75 - SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- 76 - SCHLUPP, W. A colonização alemã e comunidade evangélica em Teófilo Otoni. **Revista Acaiaca**, Teófilo Otoni, 1957.
- 77 - SEYFERT, G. **A colonização alemã no Vale do Itajai-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.
- 78 - SILVA, M.M.F. et. el. **I centenário das ferrovias brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, 1954.
- 79 - SPIX, J.B. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1938. v.1.
- 80 - STEHLING, L.J. Alemães e Descendentes no progresso de Juiz de Fora. In: **I Colóquio de estudos teuto-Brasileiros**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1966.
- 81 - STEHLIN, L.J. **Juiz de Fora**: A Companhia União e Indústria e os alemães. Juiz de Fora: Instituto Histórico e Geográfico, 1979.
- 82 - TEÓFILO OTONI (MG). Câmara Municipal. **Código de posturas municipais**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.
- 83 - TEÓFILO OTONI. Secretaria de Indústria, Comércio, Agropecuária e Turismo. **Informações e justificativa do Programa Municipal de polos agrícolas**. Teófilo Otoni, [199-]
- 84 - TEÓFILO OTONI. Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral. **Caracterização do município**. Teófilo Otoni, 1991.